ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL 'Euclides da Cunha'

Tapejara

IMPRESSO NA GRAFICA Montes & Pereira

Diretor FARIS ANTONIO S. MICHAELE | Secretário DAILY LUIZ WAMBIER | Redatores JOÃO ALVES FEREIRA • ROLANDO GUZZONI

ANO III | PONTA GROSSA, SETEMBRO DE 1953 | Nº. 11

O Centenário de Capistrano

ROLANDO GUZZONI

No mês de outubro vindouro será comemorado em todo o país o centenário de Capistrano. A bem da verdade, somos conduzidos a esclarecer que tais comemorações não terão cunho geral e se limitarão apenas aos centros de cultura mais avançada brasileiros, com exceção, talvez, do Ceará, onde nasceu o maior pesquisador da nossa história.

Mais uma vez, coagidos pelas limitações da nossa esfera intelectual, temos de admitir que ainda somos um país inexperiente em matéria de literatura, avançando em ideias mas permanecendo no mesmo marasmo de décadas atras, quando se impoe o dever do culto aos mais ilustres representantes da nossa cultura, àqueles que efetivamente devotaram toda sua existencia na pesquisa histórica, na solução dos problemas culturais, em qualquer atividade de sentido histórico. A não ser essas pequenas comemorações de alguns grupos intelectuais, que surgirão aqui e aí, como raras estrelas num ceu escuro, o centenario do nosso maior historiador tera passado em nuvens brancas, empaidecido pelo indiferentismo das nossas gerações ignaras e, sobretudo, pela senilidade da atual cultura brasileira.

Os estudiosos das nossas verdades históricas não situaram ainda, ao que se supõe, a posição de Capistrano de Abreu no tocante às tendencias literarias que tiveram premissa em nosso país cêrca de 1.850. E o mais grave e que em determinadas histórias da literatura mundial, escrita pôr escritores nacionais, nas quais é analisada, especificamente, a brasileira, o nome de Capistrano é aborado de maneira tão sucinta que não oferece fonte nenhuma de ordem literária. Poder-se-á admitir que o nosso historiador fixasse mais sua atenção às verdades históricas do que à literatura, todavia essa suposição não deve ser aceita. O vulto encontra das obras de Capistrano é mais do que suficiente para afastar qualquer conjetura em tal sentido.

A nossa impressão perdurável, no tocante às tendências literarias do famoso historiador de História Colonial do Brasil, um vasto repositório de afirmações de sentido histórico, em que verdades pressupostas claudicam em face de documentações insolnmaveis, inclina-se para a corrente naturalista, que então tomava posição em nosso país, na segunda metade do seculo XIX, sobrepondo-se gradualmente as correntes neo-românticas dominantes, posteriores à primeira, que teve suas premissas na Renascença italiana.

As correntes do naturalismo tiveram, fóra de dúvida, um papel relevante em Capistrano, se não no estilo propriamente dito, do escritor, ao menos na sua formação espiritual. Fôra certo que o nosso grande historiador, dominado pelos influxos vigorosos daquela corrente ,apegou-se sempre mais às raizes dos acontecimentos historicos do que aos robuscamentos literários tão ao sabor do estilo gongórico. E tôda a sua vasta e respeitada obra é vasada numa descritiva onde aparece sempre o apaixonado pesquisador da verdade, numa constante luta para desvendar o intrincado passado do nosso desenvolvimento histórico, que estava a necessitar de esclarecimentos em várias passagens obscuras, e, tambem, por que não dizer, duma coordenação em sua estrutura básica desde os passos iniciais que determinaram o descobrimento do Brasil.

Mas existe, por outro lado, outra faceta transcendente do extraordinário historiador e pesquisador inflagável que foi Capistrano de Abreu, possuidor de rija têmpera cabocla. Uma faceta que acompanha paralelamente o torturado amor pela verdade que o seguia à luz dos fatos históricos brasileiros. Foi a probidade e a honradez de homem e de historiador, num entrelaçamento perfeito, num consórcio que não admite solução. Porque o historiador procedia sempre em função do homem, e êste em fundação daquele. Capistrano foi, acima de tudo, um homem desassombrado em face do meio onde vivia, inópito e selvagem pelo entrechoque de idéias, conservando sempre uma fidelidade absoluta à correção com que agia num e outro ato, não vacilando jàmais em assumir atitudes destemidas, manifestação meridiana do homem corajoso e digno que não se curva.

O centenário do grande historiador brasileiro, que ocorre no mês de outubro, próximo, deve ser comemorado como culto a um dos padrões da cultura autóctone e, por que não dizer, também, a um dos espíritos mais lúcidos, corajosos e devotados ao nosso desenvolvimento histórico.

Saudação a Ponta Grossa

(Discurso pronunciado pelo Exmo. Snr. General Joaquim Justino Alves Bastos em sessão do C. C. E. da C., dedicada a Caxias).

Exmo. Snr. Dr. Izidoro João Brezizinski — Juiz da 1ª. Vara Civil.

Exmo. Snr. Dr. Faris Michaele — Presidente do Centro Cultural Euclides da Cunha.

Snrs. Coronéis
Minhas Senhoras
Senhores Oficiais e estimados Sargentos
Meus Senhores.

Após ouvirmos a substanciosa e erudita conferência pronunciada pelo Snr. Ottokar Hanns nada haveria a acrescentar, nem sôbre o vulto de Caxias, nem que servisse para aumentar a significação desta memorável sessão.

Pela capacidade do escolhido para enaltecer com tanta expressão a memória do Patrono do Exército em nome do consagrado sodalício, que é o Centro Cultural Euclides da Cunha, assim como, pela alta expressão intelectual de todos os presentes, ganhou esta tertulia uma significação que bem corresponde ao intuito de nossas autoridades, querendo cultuar em alta forma a memória de um singular soldado e fazendo-o como preito de justiça e com a mais alta e acentuada finalidade educativa.

E, ilustríssimos senhores, si uso da palavra nesta oportunidade, prendendo-ines por breves momentos a preciosa atenção, é porque julgo caber a Comandante da Grande Unidade Militar que tem sua sede nesta cidade, formular um sincero protesto de gratidão ao Centro Cultural Euclides da Cunha, que se ombreia com os militares nêsse magisterio de civismo e de patriotismo que é o nosso orgulho e constitue um dos maiores serviços que as classes armadas vão prestando ao Brasil de nossos dias.

A chamada semana de Caxias teve, no corrente ano de 1953, consideravel desenvolvimento em Ponta Grossa. Diariamente os Oficiais, soldados e funcionários dos Corpos e dos nossos Estabelecimentos ouviram muniosas referências sobre aqueie que, por suas qualidades de soldado e de cidadao tornou-se o exemplo maximo de todos os militares e de todos quantos se consagram ao serviço da Pátria.

Em praça publica, com a presença da tropa formada, com a partucipação espontânea do povo, reunidas as autoridades militares e civis, louvores e lióres de admiração foram depostas na base do singelo monumento existente naqueie logradouro urbano, significativamente aberto na direção da caserna histórica do 13º. R. I.

Face ao busto de Caxias, numerosos e jovens soldados, pertencentes às principais familias da cidade, cheios de emoção, prestaram solene compromisso de servir a Pátria, defender sua honra, sua Bandeira e suas instituições.

No mesmo dia à noite, em reunião de alto cunho social realizada no Circulo Militar, militares e civis, com suas excelentissimas familias, ainda se reuniam para ouvirem, enlevados, referências e narrativas, sôbre os principais fatos da vida luminosa de Caxias.

Tão amplas homenagens parece, com tudo, haverem atingido o seu ponto culminante na presente sessão em que a intuição civica e patriótica de um ilustre orador civil veio trazer seu importante concurso a estas comemorações nas quais os militares se empenham de coração aberto e na deliberação firme de utilizarem, para uso de cada qual, as luzes refulgentes do exemplo preclaro legado pelo Duque de Caxias. Dessa forma, senhores, só me resta, e o faço com a maior efusão de sentimentos, agradecer ao snr. Ottokar Hanns, digno orador desta noite, e ao Centro Cultural Euclides da Cunha, na pessoa do seu ilustre Presidente, pelo que aqui se viu e pelo que aqui se ouviu.

Cidade de Ponta Grossa! Formosa Princesa dos Campos Gerais; soberana pelo sentido topográfico de tua colocação, dominante sôbre os vales sugestivos do Pitangui, do Tibagi e do Cará-Cará; enamorada de intérminos panoramas de beleza infinita; admirável pela alta determinação moral e patriótica da tua gente; futurosa e progressista, piedosa e humilde perante Deus, altiva e heróica face aos homens e face às contingências da luta de cada dia.

Ponta Grossa! Pela vôz de teus intelectuais, mais uma vez te inguzeste à nossa admiração, e comprovaste conhecido civismo ao ocupar, com destaque, honroso lugar nestas jornadas em que se exalta o exemplo e a figura do maior soldado do Brasil — LUIZ ALVES DE LIMA, o DUQUE DE CAXIAS!

Ponta Grossa, 27 de Agôsto de 1953.

Rocha Pombo

DAILY LUIZ WAMBIER

Fêz-me um bem extraordinário a leitura do último livro do Príncipe dos Prosadores do Paraná, Sr. Valfrido Piloto, sôbre a figura por todos os títulos eminente do historiador Rocha Pombo.

Trata-se de um estudo acurado do vigoroso autor de "Registros muito pensados" a respeito dêsse paranaense ilustre que tão alto elevou o nome do nosso Estado, na capital da República, com o seu notável trabalho executado em tôrno da história do Brasil e com o seu nobre exemplo de dignidade pessoal e honestidade profissional.

Valfrido Piloto, com aquêle estilo todo seu, que o consagrou, definitivamente, como o maior prosador dos nossos pagos e uma das culturas mais robustas do País, soube repor muita coisa no seu devido lugar, relativamente ao morretense que tantas glórias trouxe à terra das Araucárias, especialmente ao escrever a mais completa História do Brasil que possuimos. Quase nada tínnamos sôbre Rocha Pombo. E o pouco que possuíamos nem sempre retratava, com fidelidade, a vida laboriosa do conspicuo historiador, alvo de motejos por parte dos seus colegas encasacados, habituados a ver, na humildade e no despreendimento de Rocha Pombo, a timidez que nada constrói de duradouro.

A verdade, porém, é que o preclaro paranaense, conforme nô-lo conta Valfrido Piloto, na sua esplêndida obra, pôde, apesar de tudo e de todos, construir um edifício histórico que serviu, está servindo e servirá sempre como fonte inesgotável para quem desejar escrever algo sôbre o nosso passado, desde os primevos de nossa existência de povo.

O Estado do Paraná ainda não saldou sua grande dívida para com Rocha Pombo, por isso que o livro de Valfrido Piloto é oportuno e faz reavivar, sair do injustificavel esquecimento a figura inatacável do maior historiador do Brasil, a fim de que as novas gerações tributem as suas homenagens ao seu valor, a sua pertinácia, ao seu sacrifício e ao seu alto senso de honestidade em face dos homens e das coisas do nosso passado.

Valfrido Piloto começou a, com rara fecilidade, saldar o débito a que me referi, e justo se me afigura que mais alguma coisa devemos fazer, de modo a erguer, em derredor da personalidade inconfundível de Rocha Pombo, a auréola de quase santidade a que êle faz jús, não apenas pelo trabalho de gigante que realizou, mas também, e sobretudo, pela vida que levou, com os seus familiares, para poder completar a enorme tarefa a que se propusera, de dar ao Brasil essa História que aí está, pejada de ensinamentos e cheia de episódios que sòmente Rocha Pombo seria capaz de expor, depois de haver, através de anos e anos de exaltante busca, deixado no completo esquecimento o seu confôrto e o confôrto de sua própria família.

Silveira Neto, paranaense que outra preocupação não tinha senão a de honrar o seu querido Paraná, quando vivo e aqui em Ponta Grossa, contava-me, num misto de quase veneração por êle, o que de renúncia e sacrifício exigira, de Rocha Pombo, a elaboração da sua História do Brasil. Desde êsses dias passados principiei a relembrar, no historiador insigne, o homem que se tornou um santo para poder proporcionar à sua gente o trabalho de pesquisa histórica que prometera realizar. Por isso, como disse, o livro de Valfrido Piloto fêz-me um bem extraordinário e veio ratificar tudo quanto de bom eu alimentava, intimamente, a respeito de Rocha Pombo. Outra coisa, de resto, não se podia esperar do magnífico criador de uma vasta literatura ímpar nas letras do Paraná, como é o caso do querido eu-clideano Valfrido Piloto

EVOLUÇÃO INTELECTUAL *de Ponta Grossa*

JOÃO ALVES PEREIRA

(Palestra proferida na Câmara de Vereadores em comemoração ao aniversário da fundação da cidade).

Na data de 15 de Setembro, a gente de Ponta Grossa experimenta uma sensação de elevado civismo e da mais grata recordação. Nesse dia são consagradas tôdas as honrarias àqueles que foram os artífices da ereção do trono à Princesa dos Campos Gerais.

Neste culto de respeito e justa veneração, nem uma vez sequer, se deixou sem registro os fatos e os homens do passado de Ponta Grossa, em cujo cenário predomina a personalidade lendária do Sargento-Mór Rocha Carvalhais. É o tributo dedicado à aniversariante, e àqueles que por sua causa viveram.

Mas, ainda em sua homenagem, vamos fugir à recordação histórica, tão cheia de ingênuos encantamentos, que caracterizam os dias longínquos da fundação de Ponta Grossa, para traçar ligeiras considerações sôbre a evolução intelectual porque passou desde os tempos em que era simples distrito da vila de Castro.

PROPOSIÇÃO : Ponta Grossa se recuperou, em 25 anos, das falhas de um século de obscuridade intelectual.

Em tese, partimos do ponto de vista de que Ponta Grossa esperou 107 anos para iniciar sua fase de redenção intelectual, levando-se em conta a data da sua fundação a 15 de Setembro de 1823, ou de 75 anos, se aprecíarmos a proposição, da data da emancipação política do Paraná, ocorrida a 19 de Dezembro de 1853.

O fato é, apenas, uma consequência. Haja vista que, a própria capital do Estado, segundo os historiadores, iniciou sua fase literária depois da emancipação política, tinha assim que o seu primeiro semanário o "Dezenove de Dezembro", que começou a circular a 1º. de abril de 1854, foi uma iniciativa do Presidente Zacarias, após aquele acontecimento. Antes dessa época não há, verdadeiramente, história literária paranaense.

No que tange a Ponta Grossa, está claro que é uma consequência de época e de meio.

As zonas litorâneas sempre estiveram acessíveis a todos os surtos de progresso. Isto porque, os portuguêses, para defesa da costa e expulsão de invasores, deixavam naquelas faixas, desde o período do descobrimento, elementos dotados de apreciáveis conhecimentos literários. A prova desta assertiva sobressai na preponderância de dotes literários que se conhecem em seus descendentes desde Pernambuco até Paranaguá.

Ao contrário, as zonas interiores eram regiões para obra de catequistas e "Bandeirantes". Eram zonas de lutas. Dentro das plagas inhóspitas dêsse Brasil desconhecido só havia a tarefa espanhosa dos aldeamentos. As inspirações do belo se evaíam diante de perigos inesperados.

Ponta Grossa, neste cenário de lutas, não tomou parte. Os Campos Gerais não eram próprios para aldeamentos de índios. Êstes viviam de caça e pesca. Logo, uma região descampada e sem rios para pesca abundante, era uma região de passagem.

Esta característica fêz com que Ponta Grossa, sinal maiúsculo do planalto curitibano, se tornasse, como os campos que se estendem de São Paulo até o Rio Grande do Sul, em simples currais de criadores pecuaristas. Uma tal condição só oferecia trabalho árduo. Vida isolada. Instrução problemática. Êste fato é, pitorescamente, apreciado, pelo ilustre intelectual castrense, Pedro Novais, quando afirmou num de seus belos trabalhos que, enquanto os pontagrossenses trabalhavam, os castrenses faziam política.

A situação mudou um pouco, depois que Ponta Grossa passou para a categoria de Freguezia. Seus moradores trataram de fazê-la uma cidade que um dia pudesse ser chamada de Princesa, e esta, pela sua magnitude, alcançasse o prêmio com que se quitaria com seus obreiros :- institutos educacionais e culturais para lapidação de suas inteligências !

Os tempos vão passando. Não há notícias de maior relevância sôbre a vida intelectual de Ponta Grossa no terreno da divulgação. Mas, já nessa altura o tempo vai fazendo conhecido o prestígio da Princesa. Denuncia êste fato quando foram estabelecidas as colônias agrícolas para os municípios paranaenses. Ponta Grossa foi bem aquinhoada na distribuição. Para aqui foram mandadas centenas de famílias de imigrantes russos-alemães, slavos e italianos, que foram localizados nas colônias Tavares Bastos, Taquarí, Tibagí, D. Luiza, Moema, Santa Matilde, Eurídice, Botuquara, Itaiacoca, Guaraúna, Guarauninha, Rio Verde, Santa Rita, D. Adelaide. Trindade e Floresta.

Êstes fatores nada somavam, como vantagem, aos problemas intelectuais, pois, eram passíveis da mesma necessidade. Entretanto, a imigração ofereceu uma segunda geração para colaborar no alevantado problema e ainda ampliou as possibilidades econômicas do município.

Foi no alvorecer do presente século que a instrução, base de partida para a intelectualidade, caminhou, em Ponta Grossa, a passos mais credenciados para sua finalidade. Os homens de melhor preparo intelectual se ufanavam de ser mestre Professôr Colares. Os que frequentavam as aulas do Padre Luxe, o querido sacerdote do ensino pontagrossense, podiam apresentar aproveitamento de ginasiano. Outros se orgulhavam de estudar com o perito contabilista Professor Brüning. Só havia na cidade o Grupo Escolar "Dr. João Cândido". Algumas escolas isoladas como a do venerando Professor Felício Franciscuini.

Havia carência absoluta de meios para arrancar do olvido qualquer promessa da arte literária. Daí a se concluir porque os pendores intelectuais da Princesa dos Campos só começaram vir à tona, quando Jacob Holzmann, o saudoso autêntico idealista das sublimes causas, fundou a imprensa pontagrossense, em 1908, fundando a publicidade "O Progresso", atual "Diário dos Campos".

Depois do evento da imprensa em Ponta Grossa, não mais cessou o anseio de sua gente, de poder, um dia, brilhar entre a pléiade de intelectuais paranaenses.

Embora fôsse redobrado esfôrço, não atingiam os letrados desta terra a posição almejada. Talvez fôssem ignorados pelos críticos ou deslembrados.

Tanto é verdade o esquecimento tributado à gente da terra que, o Príncipe dos Intelectuais Paranaenses, o saudoso escritor Romário Martins, em sua obra "Terra e Gente do Paraná", na qual traça ligeiros apontamentos sôbre valores araucarianos, apenas um nome pontagrossense ali aparece, é o da insigne educadora d. Júlia Wanderley. Também, outro intelectual paranaense, o íntegro Juiz de Direito, Dr. Augusto Faria Rocha, em seu livro "Paraná Intelectual", obra que foi conceituada pelo Dr. Ermelino de Leão, como uma das mais brilhantes monografias da história literária do Paraná, e editada em 1922, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, — no seu conteúdo só apareceram duas figuras de pontagrossenses, o brilhante poeta Reginaldo Ribas Silveira e a festejada poetisa Anita Philipowski.

Êsse o panorama da situação de Ponta Grossa, no setor intelectual, durante o período de quase um século.

Um acontecimento, porém, veio modificar o rumo desta mortificante espectativa. Foi o ocorrido no dia 14 de maio de 1879, quando nascia na cidade de Paranaguá, o paranaense que havia de ser apontado ao povo como a expressão da mais "vultosa mêsse de realizações benemêritas" que o Paraná conheceu. Entre essas realizações aí estão a "Escola Normal" e o Ginásio "Regente Feijó", marcos indiscutíveis do início da redenção intelectual de Ponta Grossa.

É óbvio que se trata da personalidade, sempre venerada, do Presidente Dr. Caetano Munhoz da Rocha, nome que, ao ser lembrado nesta terra, inspira uma prece aos religiosos e aos demais um profundo respeito.

Desde aquele ano de 1927, Ponta Grossa não mais se deteve, e seguiu aceleradamente ao encontro de seus objetivos intelectuais. Imprensa, rádio-emissora, uma preciosa bagagem de livros culturais de autores pontagrossenses, eis o que atestam, como resultado, aquelas benemêritas realizações do govêrno Caetano Munhoz da Rocha.

Hoje, Ponta Grossa — redimida de um século de obscuridade intelectual — tornou-se o maior centro estudantil do interior do Estado e a sua cultura intelectual é de projeção internacional. Entretanto planos mais avançados, nestes setores, já se vêm concretizando, para gáudio de sua gente. É objetivo de fazer de Ponta Grossa uma "Cidade Universitária".

Felizmente, para a consecução dêste elevado desideratum, já pode contar a Princesa dos Campos com uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Escola de Odontologia e Farmácia, Faculdade Estadual de Direito — dentro em breve — uma Escola de Agronomia.

Em conclusão, esta síntese em tôrno da evolução intelectual de Ponta Grossa, não pretende desmerecer ninguém, pois, não existe pessoa humana responsável pelas falhas do meio e da natureza.

Valor do ícola como elemento étnico

(Uma página do saudoso Prof. Dario Velozo)

Antes de iniciarmos esta parte referente ao homem do Paraná, compete-nos dedicar ao elemento ícola um capítulo mais alargado, ainda que, hoje em dia, pouca importância tenha êle na população paranaense.

Sobra, porém, importância ao papel desempenhado pelos selvagens do dealbar do Brasil, quando, vindos do Velho Mundo, começaram as correntes migratórias poderosas a constituir a população civilizada do Brasil.

Vale notar, no entanto, que, ao contacto de tal nova população, o elemento ícola se foi, aos poucos, internando no "habitat" pletórico da terra virgem, deixando ao conquistador o litoral.

Não houve, de início, da parte dos elementos estrangeiros, o mínimo esfôrço para aproximação social dos indígenas, antes, pelo contrário, preferiram uns, os conquistadores, afastá-los ou dizimá-los; outros, os catequistas, anular tudo quanto de costumes e tradições possuíam aqueles populações indígenas para dar-lhes costumes, crenças e até moral, inteiramente novos.

É claro que, dentro dessa política exercida, de forma tão rude, não seria — como não o foi — possível, assoalhar a escola, pacificamente, à civilização, mas seria inevitável banl-lo do convívio social dos novos habitadores, para as solidões interiores em que, melhormente, se pudessem organizar dentro dos seus costumes e crenças, e preparar-se para a luta armada.

Fica bem claro de uma simples inspeção histórica que as populações litorâneas do Brasil, ao tempo do descobrimento, não eram nem esquivas nem hostis, ao contacto dos brancos e, se dúvida pairasse a êsse respeito, bastaria a frase de Caminha, na primeira referência conquistadora aos habitantes da América meridional : "São mais nossos amigos que nós, seus . . ."

Assim, o afastamento dos índios, o pavor que então conceberam dos brancos, de mistura com um ódio que em muitas e muitas lutas se manifestou bem funestamente, só poderiam ter sua gênese, nas atitudes, nos atos dos conquistadores . . .

Seja, porém, como fôr, só muito mais tarde foi possível obter-se um contacto direto com o elemento ícola e êsse mesmo com o ícola deturpado, porque despido de sua personalidade moral e espiritual, pela catequese jesuítica.

O selvagem perdeu, pois, na generalidade dos casos, as melhores condições do seu tipo moral, ao compartilhar da civilização que se formou no Brasil.

É, sem dúvida, um manancial étnico; mas deixou de ser um fator ético . . .

O ícola que se cruza, já não tem a noção de honra tão elevada, conservada nas lutas das tribus e tantas vezes decantada pelo vate magnífico que foi Gonçalves Dias e sintetizada nas duas figuras esplêndidas do "I-Juca-Pirama" . . .

Ao ter de lidar com homens deshonestos que, na maior parte, só os procuravam para auferir lucros e proventos, teve necessidade de lutar com as mesmas armas; tornou-se deshonesto . . .

A sua crença bem forte, bem segura, bem orientada, manifestação de um espírito religioso, muito superior ao dos conquistadores que possuíam a Religião como fôrça de suas conquistas e a cruz como símbolo em suas velas — porque a Religião era um fator político e o Papa enfeixava autoridade para dar posse das terras descobertas — rápido desapareceu sem que as populações nativas, não obstante, tivessem chegado, siquer, à convicção católica . . .

Assim, o espírito religioso do ícola, que o levaria, sem dúvida, a um aperfeiçoamento moral, desapareceu ao contacto europeu.

Dadas essas condições que julgamos essenciais na consideração do problema do ícola como elemento étnico, passemos ao estudo da sua contribuição no caldeamento que se opera, lentamente, no Brasil.

Dissemos, há pouco, que o fator moral que representa o ícola na fusão brasileira, foi depreciado e quasi anulado pelo contacto europeu.

Se assim é, vamos tratar da contribuição física do selvagem, não só no tipo brasileiro, como no paranaense.

Parece não se tratar de um representante racial puro.

O habitante primitivo do Brasil, não tendo ainda esclarecida a sua origem, não pode ser dado como representante de uma raça pura.

Chamá-los, (para o caso paranaense) de Tupis e

(Conclui na 1a. página)

"Tapejara"

(Órgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha").

— EXPEDIENTE —

Diretor : Faris Antonio S. Michaele.
Secretário : Daily Luiz Wambier.
Redatores : João Alves Pereira,
Rolando Guzzoni,
Manoel Grott,
Ovídio Gasparetto e
Alvaro Augusto Rocha.

Redação : Caixa Postal, 337.
Ponta Grossa — Paraná — Brasil.

NOTA : a redação só publicará os artigos datilografados e devidamente assinados.

AO PARANA',
em seu Primeiro Aniversário de Emancipação

Francisco Pereira da Silva
(do Centro de Letras do Paraná)

BOM DIA, PARANÁ

No Paranapanema navegando,
chegam os canoeiros ao Rio-Mar,
os remos triunfadores levantando,
— Bom dia, Paraná !, é o seu saudar.

Imitemos tal gesto a alma elevando,
a Deus em prol desta região sem par,
Vamos a nossa História celebrar,
seus feitos imortais rememorando.

— Bom dia, Paraná !, que seja o lema
de todo o nosso afan quotidiano;
nele depositemos fé suprema.

E sem qualquer intuíto mercenário,
com mais ardor vibremos, neste ano,
pelo transcurso do seu Centenário !

A TERRA

Dois relêvos possúi : o Litoral
e o da Serra que o mar azul entrava;
neste, há planos de molde natural,
Curitiba, as Gerais, Guarapuava.

No sistema das serras, em geral,
São Miguel, Cubatão, Negra, Itupava;
cada qual mais esplêndida e mais brava,
co'o Marumbí, seu pico principal.

Rios Nhundiaquára, Cedro, Piquiri,
Itiberê, Ribeira, Tibagí,
Iguaçú, Negro, Cinzas, Paraná.

Ilhas do Mel, do Rato e Pescaria,
Cotinga, das Palmeiras... na bahia
de Guaratuba ou de Paranaguá !

AS TRIBUS
Francisco Pereira da Silva

Chocrêns, Guaputras, Mimos, Guaranís,
Camés, Hindós, Campêros, Taiobás,
Biopebas, Papagaios, Cheripás,
Itatins, Guanaós, Abapanis.

Tupinikins, Guapuans, Chovas, Tinguis,
Aboipitans, Jaguaquês, Chiquis, Caiguás,
Chavantes, Itaquebas, Guaianás,
Ibiticóis, Chiringuanas, Araxis.

Cabeludos, Caigangues, Carijós,
Gualachos, Tabacais, Temiinimós,
Botucudos, Mbiazais, Arés.

Pés Largos, Biturmas, Ninguarús,
Cuminunguaras, Ibiticurús,
Dorins, Ibirajáras, Pinarés !

PARANAGUÁ — (1.640)

Surge a náu que, do mar, as fúrias vinga,
domando as ondas com pericia rara.
Traz no seu bojo a Gabriel de Lara,
que se instala na Ilha da Cotinga.

Tem medo aos Carijós. O ódio respinga
contra os brancos, talvez; porém depara
com afável gentio que o acolhe e o ampara,
fazendo que tal ódio ali se extinga.

E dos indios captando a confiança,
na terra firme, agora, as bases lança,
de nova povoação, aos pés de um rio.

Motivos de temores já não vê...
e nasce enfim, junto do Itiberê,
a vila da Senhora do Rocíio !

UM LIDADOR

Foi Eleodoro d'Ébano Pereira,
de nossa História "o vulto mais antigo",
agindo como chefe e como amigo,
na colonização e na bandeira.

Da cobiça impedindo a torpe esteira,
trouxe o poder real e a órdem consigo,
distribuindo prêmios ou castigo,
em tôda a região alviçareira.

Iguape, Curitiba, Cananéia,
Paranaguá, assim por toda a parte,
foi sua vida uma lídima epopéia.

Num duro tempo de campanhas vivas,
soube traçar, com rijo empênho e arte,
primeiras normas administrativas !

MARUMBÍ

Ao longe o imenso paredão da Serra
exibe a pétrea cumiada azul.
— O que será que atrás dali se encerra ?
é o que pergunta o caminheiro exul.

Ascende a bruma que nos ares erra,
cobrindo o monte impávido e taful;
e o maciço, das núvens na eurúl,
véla o perfil que todo o mundo aterra.

E o indio Carijó de beira-mar,
procurando essa escarpa devassar
e apontando a montanha que se esconde,

lança a interrogação angustiada,
ante os duros precalços da escalada :
— Marumbí ?... (o que quer dizer — Por onde ?).

Reminicências...

Na Velha Ceará Mirim

Escreveu Ramiro Torres Palhano, especial para TAPEJARA — — — — —

No giro de nossa vida, a sombra dos anos faz lembrar fatos e coisas da adolescência, já distante. Na velha cidade onde nasci, às margens do Rio Ceará Mirim, no Rio Grande do Norte, ainda me vêm à lembrança fatos e coisas já tão distantes, coisas que não voltarão, porque a poeira do tempo levou uns para o túmulo e outros, pela mão do destino, a outras plagas. Lembro-me bem dos meus sonhos de adolescente, os quais, com o poder de Deus e fôrça de vontade, consegui transformá-los em realidade. Vejo ainda na tela da minha imaginação o que era a vida de minha cidade, sua vetusta igreja, seu mercado, suas feiras, seus engenhos de açúcar, seus tipos singulares e sua vida política. As festas de N. Senhora da Conceição, padroeira da cidade, era o que havia em beleza, devoção e fé. As novenas de Maio, as missas de domingo, o catecismo do Padre Pedro, o badalar dos sinos à hora do angelus, fazem-me lembrar o que foram aqueles anos já passados. O pátio lateral da igreja ficava cheio de barraquinhas enfeitadas, tudo bonito, verdadeiras ruas entre as mesmas, cheias de doces, tapiocas, beijús, cocadas, doces de tabuleiro, doces de vintém, carrocinhas de caldo de cana e tudo mais em que a cozinha nordestina é rica, e, por fim, os leilões, oh os leilões daquele tempo... Assisti uma vez, num duelo de lances (o que era comum) uma garrafa de cerveja ser arrematada por quinhentos réis, o que constituia verdadeira fortuna, pois ainda se comprava muita coisa por um vintém. Havia na cidade muitos Coronéis, isto é, pessoas em geral ricas e de grande influência política na cidade, no município e mesmo no Estado. E, ficava de tal forma ligado à personalidade da pessoa, que, do próprio punho, figurava nas assinaturas normais de documentos, como complemento do nome de batismo.

Os nomes dos meses também sofriam certa alteração, pois junho e julho eram chamados, para todos os efeitos, "São João" e "Santana" e, ainda não há muito tempo, era costume enfeitarem-se as frentes das casas com lanternas iluminadas, o que dava uma bizarra impressão oriental, enquanto os moradores, sentados, nas calçadas (hábito muito comum até hoje nas cidades do nordeste) assistiam à queima das fogueiras e dos fogos de artifício, desde a humilde estrelinha e os fósforos de côres, até os grandes rojões e a solta de balões multicôres, levando ao céu estrelado e quente as mensagens dos homens de boa vontade, aos santos queridos, lá bem longe nas alturas.

Havia, também, nessas épocas, dansas em casas de amigos e os violões e flautas, cavaquinhos e violinos, espalhavam na noite quente os sons de sambas e marchinhas, valsas e fox-trots. Velho tempo...

E o Mercado ? Ocupando o Centro da praça do mesmo nome e ladeado de lojas de todos os tipos, enorme casarão com seus grandes portões de ferro e completamente ocupado por negócios de tôda espécie, tinha, nos sábados, seu grande dia. Pela madrugada quente, vinham chegando de longe as alimárias conduzindo no lombo, em grandes cestas de cipó (Cassuás), mercadorias as mais diversas para a feira. O estalar dos chicotes e o bater dos chocalhos no pescoço dos animais, era o prólogo de mais um dia de feira. Desde perús, farinhas, frutas e gêneros diversos, montes de cana, urupemas, tabuleiros de alfenins e doces, rendas de bilro, amarrados de caranguejos, peixe fresco e sêco, camarões, tudo ia se arrumando em volta do mercado, e a cidade, em outros dias tão calma, enchia-se de gente de tôda espécie a apregoar a sua mercadoria em altas vozes. Dia alegre, dia de movimento e vida, na minha pequena cidade. E, já a tardinha, os negócios e lojas alegres com a feria do dia, ia acidade voltando, aos poucos, à vida calma e tranquila, para, daí a sete dias, novamente vibrar. O sábado também era o dia dos aficionados das grandes libações e muitos dos caboclos sòmente regressavam às suas casas, na madrugada do domingo, quando não iam para a cadeia, em consequência de brigas e alterações. Lembro-me, também, do Seu Gadelha. Tipo original. Motorista do primeiro Ford (de bigode) de um Coronel, e mecânico do mesmo, êle montava e desmontava o carro num fechar de olhos, e como gostava de uma caninha ! Vivia mastigando dentes de cravo, para disfarçar. Porém, era dos amantes de bebida em grau moderado e eu nunca soube que desse alguma alteração por embriaguez. Gostava também de bailesinhos de pequenas vilas e, por mais de uma vez, sua experiência me salvou de pequenas encrencas, naturais dos anos de adolescente, pois êle possuia o sexto sentido. Havia também o preto Chico. Todos os sábados e um pedaço do domingo, era o seu dia de porre. Inofensivo, vivia cantando e fazendo versos pela feira, lojas e botequins, e sòmente na segunda-feira iniciava o trabalho braçal, enquanto aguardava o próximo sábado.

Já o caboclo Zé Gomes era dos perigosos e ninguém facilitava. Diziam mesmo ter cometido vários crimes, era comprador de brigas, e teve o fim esperado, pois encontrou a morte lutando com outro caboclo valente, num duelo em que ambos, com as fraldas da camisa amarradas e cada um com um punhal na mão, morreram abraçados, isto lá para os sertões de Angicos.

(Conclui no próximo número)

Beethoven

CARMEN GUILHERMINA

Na mente surgem
Rápidos acordes,
Creando para o mundo
As obras geniais...

Triunfo, glórias...
Que lhe valeu agora
Se, no paroxismo da dor,
Se debate a sua alma...

O golpe do destino
Envolve-lhe o Sêr
No luto, na tristeza,
Na revolta da surdez...

Foi, no passado,
O nome de um século,
No futuro, a imortalidade
De suas músicas ecôa
Vibrando no Infinito...

Chorava a humanidade,
Pranteava a natureza,
O filho que perdera,
A luz que se apagára...

Decompõe-se a matéria,
Desaparece a tristeza,
A dor de sua alma,
O desengano...

Porém, surge mais vivo,
Assomando no espaço,
Seu espírito brilhante,
A glória do seu nome...

Regendo para sempre
A música eterna,
As sinfonias imortais,
Beethoven pensativo
Contempla o Universo,
Abençoanndo a humanidade...

GENTA Y SU LIBRO "EL JUICIO FINAL"

La inspiración de los poetas fué siempre propicia a escrutar enigmas y vaticinar lo venidero. En tal tesitura, no los superaron ni los filósofos ni los profetas. Tenían, en sí mismos, el don de la penetración y sabían andar con el paso firme y certero de la imaginación, atravesando sendas no holladas. De la categoría cumbre de esas obras surgió "El Juicio Final" de Edgardo Ubaldo Genta. Colosal poema épico dividido en tres partes fúndamentales, que constituyen otras tantas visiones alucinantes, partiendo de la firmísima captada en el escenario del hombre, proiectada en el "mundo de Satán" y finalizada en la mística contemplación y piadoso devenir del Ser de los Seres, para terminar con la turbación catastrófica y la desorientación completa del hombre, inaugurando la era paradisíaca desde los albores del tercer milenio en la historia conocida de la humanidad. Queda ahí frenada la tremenda desesperación que nos aterra, asediándonos constantemente.

Seleccionadas y meditadas frases del Apocalipsis sirven de acápite al desarrollo del tema nuclear, cuyos pasajes dejan al lector suspenso en la meditación profunda. Los sueños ultramontanos y las realidades desbordantes presentadas por el poeta en magnificencia de verbosidad estruendosa y retumbantes estrofas, nos llevan al grado máximo de estupor detenido en inconmensurable interrogante. El desfile de personajes y de hechos estremece el alma y conmueve el corazón. El vasto proscenio, en que se mueven figuras extrañas y desconcertantes, presenta aspectos dantescos. El genial desterrado de Florencia nos mostró al desnudo el impresionante deambular de catervas de esclavos de sus propios vicios y odios, finalmente derrotados y caídos en lodo y angustia por el determinismo de sus tremendas culpas y de sus torvas y mezquinas pasiones. En lo substancial de Genta, el hombre, genéricamente considerado, equivocando rumbos, repitiendo desaciertos, reiterando contumacias bajo la férula del oro y la usuria; fomentando rencores, adoctrinando para el mal, empeñado en destruir con saña feroz, inclinado sobre el abismo, está al borde de su propio y total exterminio.

La Divina Comedia, en el ambiente tenebroso de "El Infierno", hace desfilar, en compacto grupo, a todas las almas protervas condenadas a la eterna expiación. La relación más veraz de la historia del mundo moderno, nos la hace Genta, con mano maestra y diestra pluma. La Biblia, compendio de sabiduría, le sirve de báculo. Apoyado en las exhortaciones más sesudas de "El Apocalipsis", según él mismo lo define en "palabras liminares", emprende su fantástico viaje. Firme la mano en el timón de la nave, puestas las pupilas en distantes horizontes y el pensamiento tendido sobre todos los planos imaginarios y no previstos en los que el hombre de buena voluntad mueve sus ansias y pugna por alcanzar la meta ideal, procurando no equivocarse ni mutilarse en el vuelo. Así aguarda Genta el advenimiento de la era del espíritu, sólo propicia al bien y al amor, a la comprensión y a la fraternidad. Tiene "El Juicio Final" sólido cimiento y se levanta sobre la base de verdades inmanentes que si algunas angustian, otras, en cambio, insuflan júbilo acrecido por la dorada esperanza de un mundo nuevo que, de entre el fárrago de horrendos cataclismos y tragedias, habrá de irrumpir con cánticos y resplandores de gloria. La trama terrorífica, atenuada paulatinamente en episodios ulteriores de la obra de Genta, no obsta a revelarlo fielmente. En la "Tercera Visión", detrás de los umbrales del fin apocalíptico", el poeta expresa: "la semilla del canto guarda un sueño de bosques para el Tercer "Milenio que alcanzarán mis hijos". Con el noble ademán amplio del sembrador, describe ancho círculo y arroja su simiente en alarde de magnitudes deslumbrantes y de bienes felicuidad. En ambas manos aprieta y suelta los elementos de lo gigantesco, que su cérebro torna accesibles en los hontanares del pensamiento. Un poderoso hálito cosmogónico se articula en las densas páginas del libro enorme que recoge la remotísima formación telúrica en los albores del Génesis. Vigorosas plumadas para dar al contenido tonos epopéyicos en la sintaxis de bronce. El poeta, impávido, atraviesa su mundo de imágenes en el desarrollo de un drama ciclópeo, en cuyo centro, la mano de Prometeo, en alto, sostiene el fuego sagrado de la vida que habrá de expandirse en las centurias venideras. La escenografía no puede ser más estupendamente concebida y magistralmente concretada en grandeza épica. Relato homérico con rasgos de tragedia clásica y eclosión de vitales resurgimientos. Soplo hercúleo traído desde el fondo de los milenios primigenios y proyectado hacia los lejanos epílogos presentidos, si la humanidad, que se derrumba, no acierta a detenerse a tiempo. La urdimbre del canto avasalla y sobrecoge el ánimo ensimismado. Magnos acontecimientos se avizoran en el girar de los lustros, que el poeta vehementemente quiere de salvación de la especie y de fraternidad universal. ("Y ví un cielo nuevo y una tierra nueva". Apocalipsis, XXI-I.), citado por Genta en su canto postrero.

Fortalezcamos la fe, creyendo en el bien, confiando en la bondad y propiciando la prolongación de la vida. Ese es el camino. ! No existe otro !

En el llegado instante no habrá cosa que empañe la dicha y el bien anhelado. Será el acontecer. Aparecerá "la raíz y el linaje de David, la estrella resplandeciente y de la mañana", para decirlo con palabras gratas al vate, (Capítulo 22, versículo 16 — Apocalipsis). Dotado de un hado simbólico, forjado en visiones dantescas y cuadros espeluznantes, trazada la tempestad del egoísmo y de la ambición cruel y sangrienta, y concluído en el vislumbre de un mundo nuevo y mejor, este libro magno es el poema vivo y palpitante en carne y alma de la raza indoamericana que canta el América en el deseo de establecer concluyentemente que en esta parte de la tierra encontrará el destino humano su curso en los siglos futuros, bajo el palio natural y magnífico de la Cruz del Sur.

Colonia, julio de 1953.

Juan Antonio González

Deux Nouvelles Oeuvres de Turatti

EMILE SCHAUB-KOCH
(Lausanne, Suisse).

A travers toute l'évolution de la statuaire de ce novateur domine l'influence de l'hellénistique, qui est l'une des meilleures.

Or, sens des progrès dans le métier, même en songeant à Phidias et à Praxitèles; c'est de là, bien plus que du siècle de Péricles qu'est partie la statuaire actuelle, et c'est à cette école encore vibrante et vraie qu'un artiste doué doit apprendre à sculpter. La grandeur de l'Hellénistique est d'ignorer l'adjuvant de la décoration et ceci tout simplement parce qu'il porte en soi, contrairement aux géants du Ve siècle et conformément aux enchanteurs d'Ionie, la part d'ornementation nécessaire à imposer une grande oeuvre aux masses. Michel Ange a eu recours à d'autres moyens. Il a créé le pathétique et n'a pas été l'adversaire du baroque sous l'influence imprévue des vénitiens qu'il admirait en secret. Il a poussé le modelage aussi loin que faire se pouvait et il a plus que n'importe lequel imposé au bloc la royale estampille de sa personnalité.

Son malheur est de n'avoir pas laissé un élève. Son génie, du reste, eut foudroyé le plus compréhensif des disciples. En revanche, il alaissé des imitateurs qui ne lui ont pris que quelques moyens de réalisation sans être sûrs de leur juste emploit et c'est ainsi qu'il a laissé à la statuaire italienne le Pathos dans lequel elle s'ensevelit si long temps et qui rendait une réaction de plus en plus nécessaire. On sait qu'elle s'accomplit aux débuts du XIXe siècle et qu'elle fut suscitée par Canova. Canova n'a pas réduit la sculpture à des attitudes. Il a compris le mouvement. Mais il a surtout saisi l'opportunité qu'il y avait à adoucir la statuaire, à l'envoûter sous le charme. Son action fut d'ailleurs des plus élémentaires. Il sculptait selon la ligne idéale et il spiritualisait l'oeuvre par l'élégance des attitudes, ne créant que des surfaces lisses, la beauté demeurant la ligne divine avec des contours ronds.

Voici que par son **Ange** Turatti devient le renovateur de l'hellénistique, que par sa **Danse**, il s'avère le créateur d'une esthétique. En vérité, Turatti est un homme de son temps qui découvre lui-même le passé et y puise ce dont il a besoin pour faire du neuf. Les gens bien avertis reconnaissent qu'il y a là des rencontres heureuses mais nulle contradiction dans leurs approbations puisqu'ils pronent la **Danse** et la **Jeune fille à genoux**, **l'Ange** et la **Maternité** pour des raisons très différentes. Nous, nous sommes plutôt porté à croire que la qualité, la haute portée de certaines oeuvres sont associées à certaines nuances du réalisme auxquelles le public et la critique sont toujours et d'abord sensibles. Le réalisme d'ailleurs n'est pas photographique, et encore moins soumis aux conventions officielles. Il suffit que ce réalisme existe à l'état perceptible. Il suffit que Turatti pétrisse ses statues et qu'il fasse de la **sculpture vivante** sans s'associer au paradoxe qui est le principe des adeptes de l'école qui a pris ce nom. Ce sens de la vie, chez Turatti, est protéiforme et grâce à lui sa statuaire demeure de la statuaire faite de valeurs sculpturales à travers toutes ses transformations. Elle vit non d'une vie psychologique, mais elle vit de la vie même des spectateurs qu'elle émeut.

Autre question soulevée par l'ouvre de Turatti. On insiste sur la valeur spirituelle. Certains seraient disposés à l'opposer à l'oeuvre prétendue charnelle de Maillol ou de Despiau. Or Turatti et Maillol ont ceci de commun qu'ils sont l'un et l'autre mystiques et charnels, ne craignant ni l'érotisme mais sachant l'atténuer par la spiritualité qu'il provoque. L'érotique est dans l'esprit. Un poète français l'a justement défini: "l'aspect intellectuel de l'amour". Platon dit à peu près la même chose. Mais la sensualité même spiritualisée de Turatti n'a pas l'aspect bucolique, idyllique de Maillol inspiré par la Sicile de Théocrate et de Bion. On la pense inquiète avant de passer dans l'extase musicale et l'état d'esprit purifiant et apaisant qu'elle provoque, cette statue de la danse idéalisée par le recherché des formes rondes, lisses, pures, sans accident a certainement passé par bien des métamorphoses de la sensation charnelle qui la fit naître à la clarification de l'oeuvre dans l'esprit du maître qui la sculpta. Maillol épanouit les corps qui le charment par leur souplesse et leur beauté. Turatti ne s'offre pas de telles fantaisies, on dirait qu'il les incendie, mais il les assure plutôt de leur vérité dynamique que de leur vérité plastique sauf sa déformation par le mouvement.

Il faut voir, dans cette oeuvre si curieuse, qui mêle la plastique à la musique avec une adresse inouïe une forme complémentaire de l'art de Turatti conquêt nous ramène un second marbre **l'Ange** qui trouve ses origines dans les traditions de l'hellénistique. Cette admirable statue, suggestive au point de n'être une énigme pour personne, est celle du deuil, du découragement, de la tristesse. Le visage est mélancoliquement penché, et la courte chevelure flottante est celle, dans ses brèves torsades, du blond Saint Georges de Botticelli. L'effet tient de l'envoûtement. L'ange sans ailes se tient, de face un genou en terre, l'autre ployé, et tourné vers le spectateur. L'ange trouble puis conquiert. Sa tentative sthétique restera dans la tristesse étrange de son rayonnement.

Paradoxalement, Turatti peut être défini le peintre du ciel et de la terre, c'est-à-dire, du réalisme classique et des spiritualités audacieuses. **L'Ange** est une synthèse qui mêle les valeurs célestes aux valeurs terrestres. Il évoque le ciel, mais il l'évoque par la vie que nous vivons tous. Cet ange est vivant, et voilà l'essentiel. Il est le vivant reflet de la vie organique et de la vie spirituelle. Un peu le **seraphin noir** de Baudelaire. Aujourd'hui de telles réussites semblent impossibles depuis que l'art, sinon les artistes, a perdu la foi, face au réalisme d'Occident qui quitte difficilement la terre et même les sentiers battus, abandonnant aux abstraits l'exploration et l'évocation des pays inconnus à l'homme. Turatti est présent à la vie même quand il tente de sculpter ce que nous ignorons. Il n'a rien d'un abstrait. Il sait les limites matérielles de l'existence et tente victorieusement de les franchir sans interrompre les harmonies d'une beauté eurythmique qu'il a prise pour modèle en vrai charnel et en bon mystique. Ceci suffit à situer Turatti aux confins du ciel et de la terre.

Villa María, Rep. Arg., Agosto 1953.

Piadoso Buey

Para TAPEJARA ————————

Verde de pampa en tu ojo, buey tranquilo,
pinta la tarde tibia que se ausenta,
y el rotundo horizonte te sustenta
como en medio de inmenso peristilo.

De tu nariz humeante fluye un Nilo
de fatiga hacendosa y opulenta;
y en tu arqueada abatida cornamenta
pone un tordo una nota de sigilo.

Día a día terminas tu jornada
con el tramonto estuoso de ambrosía
para uncirte de nuevo en la alborada;

y porque al hombre pertinaz le plugo,
rumias la paz de tu melancolía
con la cerviz doblada bajo el yugo.

"As geografia e el léxico popular indoamericanos están sembrados de voces de origen guarani. El castellano y el portugués suprieron, sin mengua para su sintaxis y para su vocabulario, la influência del cautivante idioma aborígene."
(A. Jover Peralta — **El Guarani en la Geografia de América**, pág. XVII, Editorial Tupã, Buenos Aires, 1950).

"A língua portuguêsa, nos meiados do século XVIII, viu-se logo em conflito no novo meio com a guarani e a castelhana..."
"Do guarani, língua expressiva e rica em imaginação, segundo muitos, recebeu forte contingente na formação da toponímia rio-grandense, da flora e da fauna." (Luís Carlos de Morais — **Vocabulário Sul-Riograndense**, pág. 14).

"El guarani, por su riqueza de voces onomatopeyças y etimológicas, es superior a algunos idiomas actuales. La variedad y fluidez de sus giros le imprimen un movimento sin igual. Es alegre y sutil. Expressivo e exacto, parece que fuera un elemento proprio de su medio: canta y mece como el aura de los bosques, o se queja con encocionante melodia como una corriente de agua pura."
(Benjamin T. Solari — **Ensayo de Filologia** págs. IX e X, Casa Editora Coni, Buenos Aires, 1944, 189 págs.)

Iniciou-se bastante tarde, a colonização do Rio Grande do Sul. (1) Sòmente em 1737, foi feita a ocupação do Rio Grande pelo Brigadeiro José da Silva Paes. Data de 1715, o primeiro ato do govêrno português, visando explorar, povoar e colonizar o território do atual Estado Sulino. Aquêle ato foi a ordem dada a Francisco de Brito Peixoto, capitão-mor da vila de Laguna, para "ir examinar as campanhas de Buenos Aires, ver o estado em que se achava a nossa Colônia de Sacramento e dar-lhe de tudo notícia."

Durante mais de vinte anos, verificaram-se apenas simples incursões no território rio-grandense, sem o propósito de colonizá-lo, sem o desejo de estabelecer povoados. Sòmente em 19 de fevereiro de 1737, o brigadeiro José da Silva Paes realizou um desembarque e iniciou a fundação de uma povoação onde está hoje a cidade do Rio Grande do Sul.

Os poucos habitantes brancos do futuroso Estado sulino estabeleceram-se do centro para o oeste, dispersando-se nas proximidades da margem do Uruguai ou achegando-se para o extremo sul. Estiveram em contacto, portanto, com índios ou com espanhóis ou seus descendentes. Cumpre salientar que os Jesuítas atraíram para as Missões, elevado número de indígenas.

Assim, os primeiros colonizadores do Rio Grande do Sul sofreram maior influência dos espanhóis e dos índios do que dos portuguêses e brasileiros.

Várias tribos de índios estavam disseminadas através do território do Rio Grande do Sul. Lemos o seguinte em João Cezimbra Jacques, às págs. 77 e 78 de **Assuntos do Rio Grande do Sul**:

"Segundo no-lo diz a história e a tradição, a Terra Sul-rio-grandense era povoada pelas tribos, a saber: **Pátos**, os **Carijós**, da grande família **Tupi**, **Tapes**, **Minuanos**, **Charruas**, **Guaranis**, **Guanás**, **Gayacanas** e **Bohucaris**, acontecendo que tôdas essas tribos, mesmo as de língua diferente sabiam mais ou menos o guarani, nos tempos da conquista, pelos motivos que em outra parte explicaremos.

Agora, porém, o padre Teschauer apresenta-nos, como resultado das descobertas das suas trabalhosas excavações, feitas nos arquivos de Buenos Aires e de outros países limítrofes, os quais não podemos dispensar para a formação completa da nossa gloriosa história, mais as seguintes nações indígenas: os **Guananás**, os quais habitavam em aldeias distantes umas das outras, nas margens do Alto Uruguay e eram previdentes, fazendo provisões para todo o ano; os **Caáguás** ou **Caiguás**; os **Aracames**, sobre a costa ocidental da Lagoa dos Patos e às margens do Guahyba; os Guenoás, que no começo do século 17 viviam ao sul do Ibicuí e dos Sete Povos de Missões e que, como os **Charruas** eram ateus, pôsto que se houvessem deixado reduzir ao cristianismo, em aldeias que pouco duraram; negociavam com os portuguêses da Colônia do Sacramento, de quem recebiam lanças e alfanges para as suas guerras, com a condição de lhes fornecerem couros roubados nas estâncias dos espanhóes; no começo do século 18, unidos aos guaranis das Missões, bateram os Yaros e os Charruas."

Souza Docca, em **Gente Sul-Riograndense** (Vol. III, pág. 600 e seguintes dos **Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia**) diz: "Os primitivos habitantes do Rio Grande do Sul pertenciam aos grupos Tupis-Guaranis (A), gês (B) e Guaicurus (C).

Tupis-Guaranis

Tapes
Carijós
Caaguas
Guanás
Arachanes

S (B)

Botocudos
Bugres
Caingangs
Coroados

Guaicurus (C)

Jaros
Guenoas
Charruas
Minuanos

A Linguagem do Rio Grande do Sul

Influência das Línguas Indígenas

Por A. Tenório D'Albuquerque

Souza Docca descreve os caracteres de cada grupo e indica-nos o local que habitavam."

Não devemos esquecer que, em 1619, já tratara da colonização, o Padre Roque González, "o primeiro jesuíta a penetrar no território do Rio Grande do Sul."

"Foram sete os mais importantes centros populosos criados pelos jesuítas aquêm do Uruguai: S. Francisco de Borja, S. Luís Gonzaga, S. Nicolau, S. Lourenço, S. Miguel, S. João Batista e S. Anjo."

Aí tínhamos vários agrupamentos humanos exercendo influências nos colonizadores, inclusive na linguagem, isto é indiscutível, o filólogo espanhol Rafael Lapera escreveu:

"No puede rechazarse de plano, sin embargo, la posible influencia de las hablas indígenas en otros casos. El Padre Juan de Rivero, que escribe hacia el año 1729, una historia de las misiones del interior venezuelano, se escusa de sus incorrecciones diciendo: "No es pequeño estorbo el poco uso de la lengua castellana que por acá se encuentra, pero con la necessidad de tratar a estas gentes en sus idiomas bárbaros, se beben insensiblemente sus modos toscos de hablar y se olvidan los propios."

(História de la Lengua Española, 2a. edição, págs. 324 e 325, Escelicer S. L., Madri, sem data.)

Poucas linhas mais adiante, escreveu Rafael Lapera:

"La contribuición más segura e importante de las lenguas indígenas está en el léxico. Los españoles se encontraron ante aspectos desconocidos de la naturaleza que les ofrecia plantas y animales extraños a Europa, y se pusieron en contacto con las costumbres indios también nuevas para ellos."

O que ocorreu com os espanhóis, sucedeu igualmente com os brasileiros e os portuguêses no Brasil. Muitos padres, como Anchieta, Nóbrega, Filgueiras e tantos outros, para maior eficiência de sua missão, aprenderam as línguas indígenas. Os colonizadores tiveram que aceitar numerosos vocábulos indígenas referentes à flora e à fauna.

E não era só a influência interna que se fazia sentir.

INFLUÊNCIA DO GUARANI

O Rio Grande do Sul está separado apenas pelo rio Uruguai, por vêzes bastante estreito, da Província argentina de Corrientes (1). Na época da colonização, pelo menos 80% dos correntinos falavam o guarani e dêles, talvez a metade desconhecesse o espanhol. Hoje, 80% dos correntinos conhecem o guarani e possìvelmente desconhecem o castelhano.

Em Passo de los Libres (Província de Corrientes), disse-me o coronel Abelardo de la Vega: "Dos homens desta Província, chamados para o serviço militar, 30% desconhecem o castelhano e só falam o guarani."

O Prof. Juan B. Selva, ilustre filólogo argentino, conta-nos à página 126 de **Crecimento del Habla** que, estando em Iguazu, dirigiu-se a um peão, em castelhano, e êle não o entendeu. Tornou-se necessário um intérprete traduzir-lhe a frase para o guarani. Meu amigo Juan B. Selva estava diante de um argentino que não falava castelhano.

Em Montes Caseros, Ituzaingó, Yapeyu (onde nasceu o grande San Martin), em S. Tomé e em outras cidades da Província de Corrientes, encontrei também argentinos que só falavam guarani.

Numerosas são as instituições, em Corrientes, para cultura e propaganda do guarani. Realizam festas com canções, declamações e discursos em guarani, língua em que também fazem publicações. São entusiastas defensores do eufônico e riquíssimo idioma. Em Buenos Aires, fundaram **La Peña Correntina**, que agrupa numerosos paraguaios e correntinos, unidos pelo idioma comum. Bondosamente, lá me ofereceram encantadora festa. Concedeu-me a honra de saudar-me em guarani, o Dr. Anselmo Jover Peralta, eminente intelectual paraguaio, autor de excelente **Diccionario Castellano-Guarani** y **Guarani-Castellano**, de uma **Gramática Guarani** e de **El Guarani en la Geografia de América**.

O interêsse extraordinário com que é cultivado o guarani, língua riquíssima, possuidora de considerável literatura, falada por cêrca de um milhão de pessoas, demonstra a sua vitalidade, atesta a sua florescência.

Inexplicàvelmente alguns filólogos (???), traindo a verdade, consideram o guarani, língua morta (1). Pessoas há que, para discutir questões de grafia ou de significação de palavras indígenas, invocam a autoridade de Anchieta, Filgueiras, Montoya e outros daquela época. Supõem que o guarani estacionou no século XVII, que se cristalizou. Olvidam-se de que os citados autores não dispunham de certos recursos para representar alguns fonemas, que êles involuntàriamente se deixavam influenciar pela sua própria língua. Um exame atento dos livros dos citados autores demonstra-nos que êles mesmos não representavam os sons com uniformidade. Bastá-lhes, para a particular **tib**, que se apresenta assim grafada: **tib**, **ty**, **ti**, **tig**, **tuç** e **tu**. Acima de tudo, cumpre ponderar que o guarani evolucionou muito, inclusive sob a influência do português e do espanhol. Basta ler-se o que escreveu o eminente filólogo paraguaio Dr. Marcos A. Morinigo em **Hispanismos en el guarani**. (Biblioteca de Dialectología Hispanoamericana, Instituto de Filología, Buenos Aires, 1942).

Monsenhor Bugarin, arcebispo de Assunção, notável conhecedor do guarani, declarou: "Ese idioma, si bien **no es enteramente el que se hablaba en tiempo de Montoya (o el que nos consigió en sus libros)**, no por eso deja de ser la lengua propia y nativa de todos los hijos del legendario Paraguay". (Prólogo de **El Idioma guarani**, do Pe. Antônio Guasch, S. I).

Discutir questões acêrca do guarani em sua fase atual, apoiando-se em Anchieta, Diego de Avalos y Figueroa, Antônio Ruiz de Montoya e outros d'antanho, é como se, para dilucidar divergências, do português de hoje, grafia e significado, recorrêssemos a Fernão de Oliveira e a João de Barros e a Duarte Nunes de Leão.

O correntino é um tipo bem marcante. Não lhe agrada permanecer muito tempo num lugar. Cruzavam os correntinos, com frequência, o rio Uruguai e embrenhavam-se no território rio-grandense. Ainda hoje, procedem do mesmo modo, tanto assim que vivem disseminados pelo território do Rio Grande do Sul, encontrados, em maior número na região lindeira.

Falando o guarani correntemente e de preferência ao castelhano, fácil é de imaginar a contribuição que os correntinos deram para o léxico do dialeto do Rio Grande do Sul.

Não estamos afirmando que os vocábulos originários do guarani e incorporados ao léxico do Rio Grande do Sul foram levados **unicamente** por correntinos. Não. No Uruguai, viviam várias tribos de índios guaranis. Elementos de algumas delas penetraram no Sul do Brasil. Entre as tribos que habitavam o Uruguai, podem ser citadas: **Charruas** (2) que se espalhavam pela margem setentrional do Rio da Prata, desde a desembocadura do S. Salvador até o Atlântico.

(1) Souza Docca declarou: "As primeiras entradas de portuguêses e brasileiros no território rio-grandense ocorreram no último quartel do século XVII e foram chefiados pelos paulistas Domingos Brito Peixoto, em 1664, e Francisco Dias Velho, em 1669.

Penetraram até as cercanias do serro de Butucaraí, em procura de Minas de prata, de que tinham notícias por um indígena que lhes serviu de guia.

Foram ali recebidos hostilmente pelos indígenas que, chefiados pelos jesuítas, os repeliram, fazendo-os retrocederem espavoridos.

Assim terminou aquêle século, sem que portuguêses ou brasileiros se fixassem no território rio-grandense." (**Gente Sul-Riograndense**), pág. 652 do vol. I dos **Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia** ,Pôrto-Alegre, 1949).

(1) Minha avó paterna era correntina e meu Pai, embora houvesse sido oficial brasileiro, nascera no Paraguai. Meu avô era brasileiro. Em casa, com minhas tias e com meu Pai, minha avó só falava em guarani. Tôdas as nossas conversas eram em guarani. O espanhol só era usado, quando meu avô chegava. Êle dizia: "Não tolero língua de bugre!" E, pouco depois exigia que todos se utilizassem do português, que minha avó sempre falou, misturando com o castelhano e com o guarani. Meu Pai publicou uma "Gramática Abanheenga" e uma série de estudos sôbre o guarani, que falava tão fluentemente quanto o português.

(Continua no próximo número)

Amazônidas

NATHAN SEREJO (Amazonense)

Lá no recesso augusto da floresta,
Onde a onça caminha soberana,
Que o homem não se atreve nem profana;
Onde a corsa medrosa dorme a sésta

Não te descudes ante a paz modesta
Que à beleza selvática se irmana,
Pois ela encerra na aparente festa
Ira e rancor à creatura humana.

É alí que habita o altivo índio guerreiro
E o uyrapurú, em noite enluarada

Faz modular o canto feiticeiro.
É alí, que a tropical dorme e descansa,
E onde a morte, feroz e de emboscada
Fére a quem passa, com certeira lança.

ANITA GARIBALDI RIVEIRA,

L'EROINA DELL'AMORE

Por Prof. CRESCENZO LIBERTINI
Miembro do Centro Cultural "Euclides da Cunha"
Presidente de l'Accademia Letteraria Scientifica Internabionale — Napoli (Italia) — Especial para "TAPEJARA" nel 80°. anniv. dalla morte di G. GARIBALDI — (1872-1952).

Non toccava ancora la ventina quando la maliarda figura dell'Eroe, affondandole nell'anima il filtro del suo sguardo conquistatore, la ghermì all'ombra della casetta paterna sulla laguna brasiliana di Santa Catharina.

Non era bellissima Anita Riveira: creola di nascita, di carnagione olivastra, dai capelli bruni e abbondanti, occhi nerissima a mandorla, volto alquanto lentiggginoso: ma il delicato velo diffuso di dolce melanconia, l'agile forma del corpo simile a quello della gazzella delle Pampas, il lento e flessuoso piegarsi del tronco come d'un giunco sull'onda corrente la adornavano di una grazia e di una signorilità affascinanti.

Egli, in un'ora grave di scoramento e di tristezza, bisognoso d'un cuore umano che avesse palpiti ardenti di tenerezza per lui, dal cassero dell'ITAPARICA con l'aiuto del cannocchiale la scorse tra un gruppo di semplici abitazioni pittoresche della ridente Marinhos.

Ella lo attendeva, nella malia dell'ignoto, fatta presaga dal treptido vaticinio d'una rugoza zingara che, leggendole la mano, le aveva predetto, giovinetta, l'amore d'un uomo venuto d'oltremare, le sue nozze con lui, grandi pericoli, strepitose vittorie e una morte da regina.

Al primo incontro, restarono entrambi estatici e silenziosi, guardandosi come persone che non si vedono per la prima volta e cercano, nei lineamenti l'una dell'altra, qualche cosa che agevoli la reminiscenza.

Dopo un abbozzo di saluto, egli, magnetico nella sua insolenza, proferì in italiano le proterve parole: "Tu devi esser mia!". E la giovane, pur non rispondendo col labbro, con los guardo dei suoi occhi lucenti, fissando la bionda testa del capitano straniero gli fanno assertore dell'indipendenza della sua patria brasiliana, disse assai più che ogni parola.

Il cavaliere innamorato, giorni dopo, nel silenzio e nell'ombra di una notte lagunare, tornò, non visto, a rapirla senza violenza; e sul bordo della nave, sotto la tutela dell'ardente passione, in faccia al cielo e al mare, la giurò sua sposa.

Un angusto giaciglio cullato dalle onde, sotto l'azzurro occhieggiante del bel cielo brasiliano, fu il talamo nuziale: e il primo amplesso, che seppe l'ardore selvaggio della natura e la tenue fragranza della gentilezza, fu una promessa inviolabile, il suggello di una volontà che dura e si sublima con la morte.

Questo nodo di due cuori infrangeva l'esistenza d'un **innocente**: forse del genitore, rimasto a piangere nella muta casetta e sulla squallida sponda; ma Anita, già oscura figlia della foresta, attratta ora nel magico e invincibile cerchio d'amore, entra nella storia e nell'epopea.

x x x

Chi avrebbe potuto sospettare che nella fragilità d'un corpo dolcemente femminile si racchiudesse un'anima pronta a qualsiasi ardimento?

E venne, troppo presto, il giorno della prova. Negli aspri cimenti con la flotta imperiale, quando la tolda del RIO PARDO fu tutta coperta di morti e feriti e la nave crivellata d'ogni parte, la voce di Anita, rimasta a combattere a fianco del marito, trattenne i superstiti che, disperando della salvezza, volevano scampare con la fuga. Per una donna che sappia attendere da sola allo sparo d'un cannone; manovri un moschetto meglio d'un soldato; impieghi, instancabile, il resto della giornata dopo la battaglia nel seppellire i morti, curare i feriti, riparare i danni della nave; corra tra mille insidie a sollecitare rinforzi; tragga in salvo tutto l'equipaggio su di una piccola barca passando di continuo sotto la mitraglia nemica calma e fiera como la statua di Pallade; dia fuoco alla miccia per l'incendio della flotta non più calvabile: per tale donna è troppo giustificato l'orgoglio di chi esclama: Che importa il non avere altro vesti che quelle che mi coprivano il corpo e servire una povera repubblica che a nessuno poteva dare un soldo, se, alla testa di pochi uomini, avanzo di molte pugne meritamente valorosi, io marciavo accanto alla donna del mio cuore degna dell'universale ammirazione?

Fata prigioniera a Coritybanos, affranta per la vana ricerca del marito, avvolta nella cara spoglia d'un bianco mantello del creduto estinto, ella riesce a fuggire e, come una Walkiria, galoppa su un focoso destriero per otto giorni attraverso la foresta pauvosa e le boscaglie gigantesche che ricoprono i versanti dell'Epinasso, tra le rocce, alla luce sinistra dei lampi, allo scroscio lacerante dei tuoni, col cuore del leone e la velocità della gazzela; la visione spettrale di questo fantasma in corsa, dalla lunga chioma errante sui venti, aggrappato alla criniera del suo cavallo anelante, fuga persino i cavalieri di guardia al passaggio del fiume Canoas che corrono a nascondersi nelle fitte boscaglie della riva! E la scena si ripete con i fastigi purpurei dell'eroismo e la commozione d'ogni cuore che sappia i palpiti d'adorazione per la maternità, quando Anita, madre per la prima volta, in assenza del suo uomo recatosi a Settembrina in cerca di panni per la puerpeza e il bimbo, fu sotto la vile minacciata rappresaglia del truce colonnello MORINGUE. Presaga di quel che le si apprestava, trepidante per il suo piccolo, sebbene puerpera di dodici giorni, balzò in arcione coperta della sola camicia e si lanciò nel folto del bosco, avvinta al seno il suo dolce tropo caro fardello. Un tremendo ciclone la incolse tra la Cresta abbiatte, i cupi burroni, i sonori torrenti in piena; e la pallida alba la raggiunse stremata dallo sforzo, fradicia d'acqua, tremante dal freddo, accovacciata in un cavo antro della selva sotto l'imminenza di vaste rocce muschiose, ressegnata in attesanon quello della sua patria! Alla quale dava l'ultimo saluto, per non rivederla lembo della terra francese: Nizza, **el lindo rincon de tierra que me viò naser**, scriverà l'anno dopo il suo Josè, che già le aveva tante volte descritto le maraviglie della nostra Italia, **tan desafortunata y tan bella**. E Anita, gareggiando una patria non sua, si vota con passione alla causa della redenzione d'Italia, amata come una seconda patria.

Quando squillò la diana di guerra del '48 che, dall'un capo all'altro penisola, altro della scosse nel revirgo gl'itali petti, ella da Nizza, pur assorta nella cura dei figli, seguì con incessante pensiero il solo eroe vittorioso tra le vane speranze e le amare "disillusioni della breve tragedia d'un popolo tradito per ipocrisia ed egoismo dei principi. In angoscia per il pericolo che correva il marito e quasi presaga del destino che attendeva Roma, nel '49, due volte, improvvisa, lo raggiunse: a Rieti, nella preparazione dell'impresa romana, e in Roma stessa, a Villa Spada, mentre fervevan la resistenza conto i **"Gallo-frati del cardinale Oudinot"**. Stava quivi il Generale facendo la sua solita colazione di pane duro e formaggio, quando gli ufficiali che gli erano d'intorno lo videro alzarsi di scatto e guardare come trasognato; si udì un grido e Anita cadde tra le sue braccia.

Dopo di averla dolcemente rimproverata per essersi esposta ad un pericolo così grande, egli, con voce commossa la presentò ai suoi:- Ecco la mia Anita! Abbiamo un soldato di più! — Ma a nulla valsero la resistenza eroica di tre mesi e l'estrema disperata difesa contro la prepotenza del numero e l'infamia del tradimento francese. L'ora sfolgorante d'un rosso tramonto di luglio vide in piazza Laterano adunati per l'invito alla fame, alla sete, alle marce forzate, alla morte quattro mila legionari: sono gli avanzi gloriosi della Legione montevideiana in camicia rossa come il fuoco del vulcano che campeggia sul loro nero vessillo; sono i cappotti color marrone del reggimento Unione, i cappelli piumati dei bersaglieri di Manara, gli Euriali e i Nisi del battaglione Speranza, gl'intrepidi cavalieri di Angelo Masina. Il sole è scomparso. Con le ombre cadenti del mesto crepuscolo si alluna per la via Tiburtina la triste colonna del lacero mitragliato gruppo di sconfitti: e in testa a loro un leone ferito dalla chioma d'oro, una virago in abiti maschili e giubba della Legione, un fratello ed ispiratore di eroi che aveva mutato la sua veste di barnabita per la camicia rossa, un ardente e fiero tribuno con accanto un tredicenne adolescente.

La rabbia di quattro eserciti-gente venuta di Francia, di Spagna, di Napoli e d'Austria — serra quest'ultimo e stanco avanzo d'epici conflitti come in un cerchio di ferro; ma la tragica catabasi trova il suo Senofonte nel corsaro delle favolose guerriglie. E a Todi e a Cetona, ridotti ormai a duemila, i Legionari riescono ancora a carpire alla suggente fortuna gli ultimi guizzi d'una gloria in tramonto: Anita sotto un arco di rami d'alloro riceve l'omaggio delle donne di Todi, e a Cetona si cinge del ricco broccato donatole dalle dame benedicenti.

San Marino fu per quei generosi l'ultima terra ospitale di salvezza e d'asilo: di qui l'Eroe, sciolti d'ogni impegno i suoi compagni d'arme, con pochi fidati, discese, tra i nemici d'ogni intorno sovrastanti, verso l'Adriatico. Il chiaro plenilunio d'agosto scoperse agli esploratori della flotta austriaca quel pugno di dispersi e disperati, lungi dalla marina di Cesenatico, sopra alcuni bragozzi catturati, senza viveri, inermi, con una donna incinta e febbricitante. L'estrema gravità dell'ora persuase l'unico scampo di gettarsi sulla spiaggia di Pialassa scoperta e battuta dalle pattuglie nemiche.

Perché quel luogo tra i più favolosamente belli non concesse pio un rifugio a un'infelice morente col frutto delle sue viscere? Vicini tu innanzi, o Romet, cuor di patriota e soldato, e tu, **Baramoro**, cencioso mendicante gentile: siate scorta per l'insidiosa palude al cavaliere dei quattro reame a braccio un simbolo in corpo umano di cortesia e d'amore!

Ma un altro giorno prolunga il martirio d'un'anima già abbandonata dal corpo: dal podere della **Cavallina** a quello Zanetto, dal capanno vallivo di Agosta alla fattoria Guiccioli alle Mandriole, Anita, trafugata sotto la sferza canicolare tra le siepi di biancospino e fossi melmosi, assapora in agonia presente il calice stillante dell'amara passione. Quando giunse alle Mandriole riversa sopra un baroccio i suoi occhi erano già velati dalla morte. Un estremo accento di tenerezza anelante:-

Josè! i figli! l'Italia! — e la vitrea pupilla fissando un punto lontano, forse la patria, si spalanca immota.

Si tingevano di sangue nell'accesa luce del vespro gli stagni e la palude intorno e dalla vicina Comacchio lontanava come un lamento d'anima in accorata preghiera il flebile suono dell'Ave.

La tragedia si chiude con **pathos** sofocleo nell'uomo deliramente incredulo, pois straziato dai singhiozzi e impietrito dallo schianto; nel fuggiasco perseguitato da mute e segugi implacabili che deve abbandonare, nepure confortata da una tomba. La sua morta adorata; nel crolo spaventoso di tutti i sogni, di tutte le speranze, della ragione stessa di vivere: egli che era vissuto per gli altri, che aveva amato e protetto ogni creatura, sfidando la morte come un giuoco per la libertà delle genti!

E mentre lui, strappato al frale ancor caldo del suo ultimo bene, bandito, schivato dai più, maledetto e ferocemente inseguito, compie miracoli per sfuggire alla caccia dei suoi persecutori, l'estinta è nascosta, ancor tiepida, dagli ospiti, per timore degli sbirri, nella labile urena della spiaggia vicina.

Quivi giacque, a ludibrio dei venti che ne insultarono empiamente i contorni e dei cani randagi che ne addentarono una mano scoperta, finché, esperite le indagini polizesche, non trovò pace, nel cimitero delle Mandriole, una salma violata e disfatta di quel corpo che un giorno aveva sorriso con tutti gl'incanti della vita e dell'amore.

x x x

Dieci anni dopo quel tragico tramonto, il condottiero vittorioso di Como e Varese volle accanto alla madre nel riposo di Nizza le reliquie della sua Anita.

Oggi l'Italia, fatta degna passate memorie, ha eternato sull'immortale Gianicolo, in un monumento equestre la fierezza guerriera dell'Eroina; oggi i posteri, finalmente grati, ne appagano l'unico sogno, di stare per sempre accanto al suo Josè: per farli vivere insieme nella loro giovinezza di gloria, ancora e sempre insieme cavalcanti alla testa dei destini dei popoli.

Napoli, Settembre 1952.

Cielo, Playa y Mar...

Por RAÚL C. BORRUAT
Especial para "TAPEJARA" — — — — — —

Se reunieron en la lejanía de días perdidos ya en **la nebulosa de los Tiempos.**

Fué cuando la estructura plástica y ardiente del planeta, disminuído su abrasante calor, endureció en resistente costra, precipitándose los vapores de su densa atmosfera, derramándose en las rugosidades de la corteza y vaciando en ellas la turbia opacidad de la bóveda superior, adquiriendo la transparencia de azul coloración.

Equilibrados los elementos tras cicléopeas convulsiones, quedó establecida la triade, permaneciendo estable desde la geológica evolución, aportando su energía en cada tarea, en reñido poder.

Catástrofes sin cuenta generaron destruyendo en parte el equilibrio logrado y acambiando sendas veces la faz de las lindes dústendidas, para luego, derrumbado el poder de la energía, tornar a la mansa quietud... um cielo inmenso cubriendo con pálido color la playa suave y blanda, donde el mar llegaba rumoroso sus ondas a extender.

Manteníase la calma, plena de luz y colorido, mientras el cuento en su carrera no arreciara sobre el piélago ni la playa conmoviérase en su solidez. Entonces, uno cobijaba, dando la otra seguro sostén para el mecer del tercero.

A su símil produjose en el seno del líquido, el advenimiento del ser, que de minúsculo ente celular, transformóse y saliendo de las ondas, pobló, además de las aguas, tierra y gas.

Semejanza de caracteres tuvieron los seres que más tarde abundaron en variedad y cantidad y repitieron los disturbios y bonanzas de los elementos donde comenzaran su existencia.

Residen en armónico vivir si el pensamiento sirve al sincrónico adelanto de la acción; mas, si aquel o esta, fuerzan el ritmo normal, surge irrefrenable poder que irrumpe deshaciendo en torbellinos de catástrofe la apacible marcha en pos de la ascensión.

Falta aquella imprescindible convicción de que las leyes de equilibrio no se pueden eludir, ni siquiera se

(Conclui na 15a. página)

Comemoração da Semana Euclidiana, em S. José do Rio Pardo

Langleberto Pinheiro Soares
(Especial para o "TAPEJARA", Ponto do Centro Cultural "Euclides da Cunha" de Ponta Grossa.

Em momentos graves, como o que atravessamos, mais do que nunca, devemos volver as nossas vistas para os altos ideais de nossas tradições, recordando as gerações e as de sabedoria, trazendo e cultivando a memória dos filhos ilustres da nossa Pátria. As lições, alhures, poderão nos ser proveitosas e servir de exemplo, mas a educação da mocidade deverá ser feita, principalmente, levando-se em conta os ensinamentos ministrados, nas fontes cristalinas da História Pátria, por penetrarem, mais profundamente, na imaginação e fornecer mais nos seus corações. E, pois, com o ensejo da Semana Euclidiana, que brilhantemente, se realizou, em S. José do Rio Pardo, naquela Inspetoria Regional de Ensino, a Semana Euclidiana, foi, sem dúvida, um ensinamento, um exemplo vivo, um farol, um ideal, um estímulo, um incentivo, um aceno e bucólico, no ranchinho de sonhos e cobertores, de S. José do rio Pardo, que o eminente escritor autor do "Os Sertões", no período de 1898 a 1901, quando dirigia a construção da ponte metálica, que, por esta circunstância, viria se tornar célebre. As justas homenagens prestadas à memória de Euclides Cunha bem fizeram de espírito de brazilidade e constituíram, sintetizando vivo dos sentimentos cívico-patrióticos dos seus promotores. Na realidade, ninguém, como ele, sentiu e exteriorou, com mais intensidade, o sentimento de brazilidade, pela terra do Brasil.

DESFILE MILITAR — Na sexta-feira, com o tradicional programa organizado, as festividades tiveram início, no dia 8, pela manhã, com o desfile, do garboso Tiro de Guerra local, pelas principais ruas da cidade.

ABERTURA DA SEMANA — No mesmo dia, às 19,30 horas, na "Casa de Euclides da Cunha" (museu) foi aberta, 1946, ao público, o busto do Euclides, da Cunha, de Mucello Sorrentino, e desapropriação do imóvel, naquele ano, a cargo da Prefeitura, e realizou, a sessão solene da abertura da "Semana Euclidiana" de 1953, presidida pelo Vereador Dr. Horacio Pontes de Silveira, que, após, saudou os presentes e lembrou a memória saudosa do velho amigo Dr. Alfredo Ferreira, a cuja memória rendeu, inicialmente, a merecida homenagem, sendo, em seguida, chamado da palavra na ocasião, o Sr. Dr. Osvaldo Galotti, que falou da atual situação da "Casa de Euclides da Cunha", e, em seguida, o Sr. Dr. Antônio Sá Navarro, Lopes, no seguida, se verificou o ato da inauguração da "Exposição Euclidiana" (objetos, fotografias, cartas, edições nacionais e estrangeiras) e, em seguida, a Exposição de Chapéus de Sol, do Colégio Estadual e Escola Normal "Euclides da Cunha", e a Exposição de Bibliografia. A assistência, em geral,

Pena de Morte

Isidoro João Brzezinski

Deus, na cração do mundo, e ao criar o homem, deu-lhe um preceito que, uma vez violado, lhe acarretaria a morte: "no dia em que comeres deles, morrerás!"

No entanto, diz a Bíblia que, Adão, por intermédio de sua mulher, serviu-se do fruto proibido, mas fôra apenas privado das delícias edénicas com maldição e condenação a viver do pão ganho com o suór de seu rosto.

Deus, dessa forma, transigiu, isto é, não se mostrou favorável à rigorosa pena de morte anteriormente cominada, de modo categórico.

Mais tarde, Cain, o primeiro homicida, impelido por simples despeito, mas cheio de ódio, de certa feita, eliminou seu próprio irmão! E êle, segundo as mesmas letras sagradas, apesar de confessar que seu crime era tão grande que não podia alcançar perdão, não sofreu igual medida; Deus, em castigo, embora fôsse Êle onisciente, não o fulminou e nem siquer impediu que Cain tivesse muitos descendentes, todos elementos maus e tão deletérios que terminaram contaminando os denominados "Filhos de Deus", a ponto de fazer-se necessário o bíblico dilúvio, do qual escapára Noé e sua família!

Diante disso, e considerada também, **verbi gratia**, a destruição de Sodoma e Gomorra, ou então, a destruição do Exército do Faraó, ao Deus cristão, por ventura, cabe o qualificativo de divindade benevolente, e assim, simplesmente complacente para com o primeiro homem e o primeiro homicida? Não, mas os arcanos da Divina Providência, por sua natureza imperscrutáveis, mandam que se não avance...

A filosofia cristã, é verdade, e com ela São Tomás de Aquino, seu máximo representante, reconhecem a legitimidade da pena de morte quando o bem comum a exigir.

Em tése, o princípio é, de fato, aceitável, mas considerada a **contingência** humana, essa pena, que é **irremediável**, não é por isso recomendável, pois, em primeiro lugar os homens são, efetivamente, passíveis de êrro; em segundo lugar os meios de apuração dos fatos incriminados são imperfeitos e falhos, o que por si só impõe adoção de **penalidade compativel** com julgamento de semelhante ordem, embora guardado o rigor lógico, firmado no próprio bom senso, lembrado sempre o princípio de que **meios relativos**, não devem autorizar conclusão **de caráter absoluto.**

Não se diga que a pena de morte existe em países mais adiantados do que o nosso, porque é de perguntar-se também se ela já levou alguma vantagem sôbre a nossa pena de reclusão, por exemplo, Em virtude e consequência das múltiplas eletrocuções, teriam desaparecido ou diminuído os crimes nos Estados Unidos da América do Norte? A resposta negativa se impõe, pois, lá, a cadeira elétrica continua sendo ligada pelos carrascos!

E lá, até, os crimes sóem ser praticados através de verdadeiras organizações! O que, eloquentemente, vem em **desabono** daquela pena.

O poder **intimidativo** da mesma já se pode dizer quasi nulo. Ela, para elemento degenerado é muito mais **suave** do que a nossa reclusão por **longos trinta anos**! Sim, e isso é uma questão de psicologia e de estado de disposição do delinquente.

Aqui, o criminoso, em regra, fica no primeiro delito, esperando ou confiando sempre na benevolência do Júri, enquanto que lá, o fenômeno é outro, o infrator na iminência de ir à cadeira elétrica, o que, aliás, e realmente, não é coisa agradável nem convidativa, prefere morte de outro estilo, uma morte improvisada, repentina, sem tortura de consciência — aguardando a hora ou seja o momento da execução; uma morte na prática de **novos crimes**, o que, em sua linguagem, lhe grangeia maior renome e outro valor pessoal!

De forma que, fora de qualquer sentimentalismo, que, todavia, regula muito na formação moral da pessoa, e por isso, não deve ser desprezado na aplicação da pena, a solução do problema está, não na criação entre nós da pena capital, e sim, na mais rigorosa aplicação da lei repressiva existente.

Além disso, aqui, a pena de morte poderia acarretar um mal maior, isto é, poderia ter de efeitos deploráveis. Sim... sem dó nem piedade irão para a execução aqueles que não tiverem **alguem** por si. Enquanto que os **apaniguados**, os de **"costa quente"**, permanecerão devidamente amparados, até que a legal prescrição venha sancionar as suas melhores sortes, e lhes permitir o sereno retôrno às primeiras lides, já sem o menor constrangimento.

E o que dizer daqueles que praticarem seus crimes ou se dispuzerem a praticá-los em regiões fracamente policiadas, ou embrenhados no interior a dentro, ou em lugares onde a repressão não passa de mito, onde os delitos mais graves são cometidos e ficam em franca impunidade, num verdadeiro escinte à justiça togada, de ordinário, mais rigorosa, nos delitos menos graves, de sua alçada?

Quem viveu no interior, sabe disso tudo, muito bem.

Então, a sobredita pena de morte, teria aplicação certa quanto àqueles delinquentes, mas, concernentemente a êstes últimos, os mesmos continuariam como dantes, por iguais motivos!

E, assim, a pena capital teria mais aplicação sôbre delinquentes da primeira categoria, e **menos carecedores dela**, por serem **menos perigosos!**

Para mera ilustração, há pouco, nesta Cidade, que é a segunda do Estado, um criminoso pertencente a família "influente", perpetrou um homicídio premeditado e foragiu-se, não dando atenção à Polícia, nem atendeu ao chamamento da Justiça, e, passados apenas dois anos, resolveu apresentar-se a fim de ser julgado pelo Júri, que estava por reunir-se, e não era preciso dizer-se, após um pouco de pranto, no calor da acusação sofrida, fôra absolvido por maioria de votos, contra a espectativa geral, por mim observada.

Como se vê, o mal está na própria instituição, porque qual o povo não tem o "sangue frio" do inglês, e por outro lado, a nossa gente está imbuida de grande sentimento, resultante mais do espírito altamente religioso, e dai, até, a **esquivança** de julgar seus semelhantes, sob alegação de tratar-se de um **atributo** de Deus. E, consequentemente, tais jurados, **obrigados** (pena de multa, etc.) a prestar seu concurso no Tribunal do Júri, saem brilhantemente pela "tangente"... **absolvendo** os acusados!

Portanto ,a solução do problema, repito, não está na criação da **pena de morte** (!) que, além do mais, é **desumana**, e dela até Deus se esquivou. A mais acertada solução está na **forma** da repressão, e que deverá ser feita com aplicação da lei vigente de modo mais escrupuloso, não considerando exclusivamente a situação atual do réu, mas, também, tendo em vista a parte contrária e a própria Sociedade agravada, com o desrespeito à sua lei.

Em suma, é preciso que o Júri, através dos membros dos Conselhos de Sentença, contribua de melhor forma, e faça algo no sentido de desmentir o dito popular de que o infrator, ao invés de ferir, deve logo matar, porque assim, poderá contar com melhor sorte, ou seja a complacência proverbial dos jurados.

LA CAIDA DE BIZANCIO

Por el doctor Armando Alonso Piñeiro
Miembro de la Academia Italiana y de la Universidad de Constantinopla — — — — —
Para "Tapejara".

Se ha cumplido el último 29 de mayo, quinientos años de la caída de Constantinopla en manos de los turcos. Con la fastuosa capital oriental cayó el milenario Imperio Bizantino ,que durante más de once siglos fué el centro de la cultura y la civilización mundiales.

Al cumplirse ese medio milenio, al llegar el aniversario de tan trágico como trascendental hecho histórico, los dos polos de la humanidad — Oriente y Occidente — lo recordaron a su manera. Oriente lo celebró; Occidente estuvo de duelo. Curiosa paradoja. Mientras el Este, que fué cuna y escenario principal de las actividades bizantinas, conmemoraba jubiloso el aniversario de su decadencia, el Oeste, que en más de una ocasión habrá sido el sueño de conquista de algún poderoso emperador bizantino, el mismo Oeste que negó su apoyo a la Nueva Roma para defenderse de los ataques extranjeros, recordó emocionado y respetuoso la derrota de Constantino XII.

En la vieja Estambul, el 29 de mayo de 1953 se realizó un gran desfile militar, que inauguró así una celebración de diez días seguidos, frente a la muralla de Bizancio, que el 29 de mayo de 1453 cayra bajo el empuje de las huestes de Mahomet. Entretanto, en Atenas, las campanas doblaron a duelo, siendo oficiada una misa en la catedral de la capital helénica, en memoria de los bravos defensores de Constantinopla que murieron heroicamente defendiendo el imperio fundado por Constantino I El Grande. En Buenos Aires, se constituía el Instituto de Bizantinología, exactamente al cumplirse los quinientos años de la toma de Bizancio, "que deberá cumplir — dijeron los diarios — una vasta labor de difusión de los valores post-constantinianos, y de recordación de los grandes fastos de la Nueva Roma."

Acontecimientos son éstos que harán reflexionar al lector sobre la verdadera importancia de este hecho histórico. Qué trascendencia tiene para el mundo la caída de Bizancio?

En principio señala, como es sabido, el fin de la Edad Media y el comienzo de la Edad Moderna. Al menos, tal es la distinción que los historiadores han limitado, dentro de los convencionalismos que impone la morfología de la Historia. Pero su trascendencia histórica no se reduce a eso. El papel que juega el Imperio Bizantino en la historia del mundo rebase para el profano los limites imaginables, pese a los historiadores que aún pretenden negarle su importancia. Si sólo contempláramos el período neo-romano como una de las causas preponderantes e indiscutibles del Renacimiento, aún tendríamos otros factores demoledores, de cuyas pruebas todavía goza el mundo. Como creador y como heredero directo de la civilización grecolatina, el Imperio Bizantino nos dejó el precioso legado de su juridicidad, de su arte, de su espíritu, de su cultura, de sus tácticas militares, financieras y técnicas. El poderío material que representaba Bizancio — sostenido durante más de mil años — cayó un 29 de mayo por el empuje conquistador de un joven turco de 23 años, Mahomet II, que con este hecho dió vuelta la historia de la humanidad, dando a su patria gloria y riquezas territoriales.

Sin embargo, la caída existencial de Constantinopla no representa su caída total. Su cultura prodigiosa quedó intacta, pues los sabios bizantinos trasladaron a Occidente su potencial intelectual, enriqueciendo la civilización con aportes filosóficos, artísticos y jurídicos.

La codificación justiniana del derecho romano, el arte bizantino con indudable influencia orientalista, las joyas literarias de las inmortales traducciones griegas, fueron mantenidas incólumes y transportadas por los más ilustres pensadores de la Nueva Roma, a la tierra del Dante y de Leonardo. Así, el período bizantino fué también una etapa prerrenacentista, que provocó el despertar intelectual de Occidente.

Como dijera un escritor de nuestros días, "sorprendente es, sin duda, que con la subyugación de Constantinopla se inicie precisamente la decadencia del colosal imperio turco y su desmoronamiento ulterior, al punto de ser hoy sólo una sombra de su antigua arrogancia."

Mientras ahora los herederos de Mahomet y Solimán están justamente en esa imagen trazada por Carlos Padrón, la influencia de Bizancio se siente en nuestra América, que vuelve sus ojos a la cultura y la civilización de Psellos y Bessarion, de Plethon y de Gregoras, para investigar y rendir homenaje al fabuloso período medioevo.

Buenos Aires, junio de 1953.

Música

! Si yo escribiera música!
que suena en las cavernas profundas de los Andes,
y si escribiera música, mi música sería
cual un eco venido, tal vez, de otras edades.

Yo llevo en los oídos la música solemne
que desde el hondo abismo va difundiendo el río,
y si escribiera música, mi música sería
cual un canto que se alza buscando el infinito.

Yo llevo en los oídos la música del bosque.
Yo llevo en los oídos la música del viento.
Yo llevo en los oídos la música ignorada
cual un rumor que esconde llamados de misterio.
! Si yo escribiera música!

Si yo escribiera música, mi música tendría
ese algo indefinible que hay en las notas graves,
! y sería profunda, misteriosa y solemne
como es toda la música que se escucha en los Andes!

JULIAN
(Poeta nativo, Bogotá, Colombia).

LA ULTIMA CARTA DE LA DEMOCRACIA

Manoel Grott

Encimamos estas linhas com o título de um livro escrito pelo intelectual peruano Don Rafael Larco Herrera.

Sua senhoria é um autêntico e sincero americanista. E, sendo um defensor dos ideais americanos, é, ao mesmo tempo, um egrégio pregador da sã democracia. Todavia, o pensador peruano, numa análise serena e documentada, sente muito frágeis os laços de solidariedade continental.

Efetivamente, estamos, ainda, numa união apenas demagógica e literária. No dia do pan-americanismo, festas nas casas de ensino, encantadoras palestras pelo rádio, discursos nas praças públicas, continuamos unidos pela palavra e separados pelo exemplo.

Divergimos, mesmo, em formas de govêrno, o que importa, lògicamente, em distanciar os países americanos dos ideais de liberdade pregados por Bolivar e Jefferson. Sem liderança, sem supremacia de uns sôbre os outros, os países do Novo Mundo precisam, antes de tudo, criar uma conciência Americana. É forçoso que o novo continente una-se sob a **égide** democrática sonhada pelos heróicos libertadores da jóvem América. É intuitivo que a função de governar é uma faculdade do povo e nunca a vontade tirânica e despótica de um só homem. Assim, fôra da democracia não há regime social que se enquadre no conceito lógico de justiça e liberdade. Só às constituições democráticas cabe o direito de evitar o entrechoque das liberdades individuais e coletivas e nunca aos caprichos de um ditador.

Assim pensaram os heróicos libertadores do Novo Mundo e do mesmo modo julgam os sinceros americanistas. Regimes ditatoriais, tenham o nome que tiverem, ou venham da Ásia ou esporàdicamente da própria América, não encontram clima entre os países dêste pedaço livre do mundo. Felizmente, as ditaduras têm a duração fugaz dos meteóros, mas deixam chagas profundas nos destinos dos homens e dos povos à semelhança de pragas e epidemias sociais.

Os ditadores desfraldam, sempre, uma falsa bandeira de salvação, com promessas de justiça e de equalidade. Toca-lhes, dizem êles, a elevada missão de corrigir os erros de uma época, equilibrar finanças e alevantar o nível social do povo. E, para execução dum programa de mentiras, criam uma polícia de capangas, especializada em prisões e métodos de torturas. À imprensa resta uma única liberdade, a de tecer encômios às violências dos ditador.

As gerações criadas sob os regimes ditatoriais constituem uma multidão de acocorados e abatados. O pensamento livre é a única fôrça capaz de dirigir os povos adiantados.

Don Herrera, condenando os governos de violência e de fôrça, é um exemplo e uma lição viva aos homens e aos povos do jovem continente. Já dissera Victor Hugo, que o pensamento é uma tempestade eterna e, acrescentamos nós, invencível. Lembremos, ainda, que para viver com dignidade, a liberdade não é um acidente, é uma condição. Perante Deus e diante do direito todos os homens são iguais. Diferem, apenas, nos destinos que o Criador reservou a cada um. A inteligência e a moral, só podem, quasi nada, diferençar os homens dêste astro quasi apagado do Universo infinito e insondável.

Não há milagres nem exceções profundas na existência dos homens e é, por isso, diz Poincaré, que êle é divino.

Rege-o uma harmonia incompreendida de leis oriundas de uma razão superior que uma única palavra pode definí-la : Deus.

O ditador é uma exceção criminosa e repulsiva dentro da sociedade humana.

Don Herrera, por isso e com muita lógica, insurge-se contra os regimes de fôrça. Seu livro, **La ultima carta de la democracia**, é um aviso e uma lição aos homens livres das Américas e do mundo. Os ditadores, porque estão fôra da lei, sem equilíbrio na conciência do povo, criam e orientam o seu departamento de propaganda, à custa dos cofres públicos. A liberdade de pensamento, as críticas honestas passam, então, a ser um crime contra as instituições e à economia popular. Há sempre um pretexto para asfixiar e amordaçar a imprensa livre.

É um fenômeno comum nos ditadores : êles não julgam, nunca, finda a sua missão. Para que não dilatem seu poder nefasto, já apodrecido, derriba-os uma revolução popular. Dissipam-se, assim, a noite do direito e o eclipse da liberdade. Não basta implantar um regime de justiça e de equilíbrio. É preciso, acima de tudo, conservá-lo. Depois de anatematizar os regimes despóticos, Don Rafael Herrera alerta as democracias sôbre o perigo vermelho. O sub-título de seu livro, **America en la encrucijada roja**, é o peristilo de uma campanha elucidativa e condenatória do credo moscovita. Nós não somos inimigos da Rússia. Admiramos a sua ciência, a sua música e a sua literatura. Os russos têm direito à vida e à felicidade. O que extranhamos é que, tendo uma sociedade ideal, escondam-na sob uma cortina de ferro. É da filosofia popular que não se deve comprar habos em saco. Não duvidamos, mesmo, que o comunismo seja uma ótima forma de govêrno para os asiáticos-europeus. E, sendo assim, guardem-na para si e vivam contentes. O que não admitimos é que um país queira impôr ao resto do mundo os seus métodos de viver e governar. Os visionários, sejam um homem ou um povo, têm o seu destino traçado pela lição fecunda da história : acharão, um dia, a sua Santa Helena. O eminente senador brasileiro, Alberto Pasqualini, em memorável entrevista, disse, e é uma verdade : "**o perigo comunista aumenta à medida que o regime capitalista mostra-se incapaz de resolver os problemas econômicos e sociais**". De outra parte, afirma o Dr. Pasqualini : "**o capitalismo apodrece pela corrupção**". O equilíbrio, sendo a base da harmonia incomparável do universo, é-o, também, da sociedade. Restabelecê-lo entre os homens e os povos é a missão precípua dos espíritos esclarecidos. Temos para nós que o melhor meio de evitar regimes exóticos é aperfeiçoar as nossas precárias democracias. Realizações, em vez de promessas; assistência social efetiva, em lugar de sábios textos constitucionais inexequíveis; liberdade de fato, sem, siquer, tangenciar a liberdade de outrem, unidade espiritual; equidade econômica; honestidade administrativa; justiça real, sem demagogia e sem distinção, seriam os caracteres de uma sã democracia. Precisaríamos, para isso, de um cidadão **standard**", o que é, aliás, uma lamentável utopia. Começa porque o homem tem medo da verdade moral. A única realidade objetiva a que podemos atingir, é um meio têrmo, uma relativa harmonia social. E para isso atingir não é preciso muita sociologia, nem ciência ou filosofia. Chega, mostra-o a prática, um pouco de honestidade e bom senso. Don Herrera não quer muito no seu livro, apenas, que objetivemos as relações inter-americanas. E tem razão porque, afinal, palavras e só palavras nada significam e pouco realizam. O perigo que nos ameaça, pensa Don Herrera, não se restringe à pirotécnica solidariedade da jovem América.

Vem ainda dos outros continentes. Não fôra a distância e o grande amigo, Oceano Atlântico, já estaríamos devorados pela Europa e mesmo pela Ásia longínqua.

Há um só remédio para a sobrevivência do Novo Mundo : união objetiva, sob o dia claro de uma sã democracia.

À Don Herrera, a pena cintilante do Perú, o nosso abraço amigo e de parabéns pelo sucesso do livro que, em boa hora, escreveu.

In Memoriam

DE EUCLIDES DA CUNHA
(15 DE AGOSTO DE 1900)

"Entre as magias daquêles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem.

"No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia : sôbre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseràvelmente uma sociedade que está morrendo . . ."

São palavras de Euclides da Cunha, escritas há cerca de meio século (1908) no preâmbulo do "Inferno Verde" de Alberto Rangel. Entretanto, elas têm plena atualidade, não só de referência à Amazônia, mas a todo vasto interior do País, onde domina o regime latifundiário.

Conheci o interior de São Paulo, não só na zona estacionária do Vale do Paraíba, município de Pindamonhangaba, como também na zona sul, florescente, da Sorocaba. E levado pelos deveres da profissão médica a visitar os mais longínquos casebres nas fazendas, vi e senti de perto os mais extremos degráus de miséria e de atrazo; isso no Estado líder da federação !

Que dizer então do norte e do nordeste ?

Por tôda parte o mesmo sistema de exploração agrícola, entravando o progresso do País e impedindo a elevação do nível de vida das populações rurais.

Do Norte ao Sul o latifundiário e o grileiro opondo-se à formação de um mercado interno que sirva de apôio à industrialização nascente do Brasil.

"Não há desenvolvimento industrial que possa persistir — diz Nestor Duarte em sua recente e magnífica "Reforma Agrária" — sem uma agricultura municiadora de matéria prima e de alimentos e organizada em moldes de assegurar, **pela prosperidade e riqueza do campo, o grande mercado interno de uma nação** (pág. 67).

Mas como conseguir "prosperidade e riqueza do campo" sob o flagelo do grileiro ?

"**Grileiro**", na definição ambígua dos dicionários, é o indivíduo que procura apossar-se de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade.

Mas a pena de Euclides revela-nos, num traço rápido, tôda a facies real e hedionda do grileiro.

Ei-la, na sínte-se do conto "Obstinação" do livro supracitado :

"Um potentado ambiciona as terras de um caboclo desprotegido. Toma-lh'as emparceirando-se à justiça decaída. O caboclo obstina-se e vence num lance de loucura a tremenda iniquidade : para ficar na sua terra e para sempre, enterra-se vivo e morre. É simples, é inverossímil; mas é um aspecto da organização social da Amazonia (Preâmbulo ao "Inferno Verde", pág. 14).

x x x

Em "A Margem da História" a vida social do trabalhador agrícola na amazonense — o caucheiro, o seringueiro é estudada com mais minúcias. E, ao fazê-lo, chega Euclides da Cunha à dolorosa conclusão de que ali existe "a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçaimado egoismo. De feito, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia : é o homem que trabalha para escravizar-se."

E novamente, ocorre ao leitor que isso não se dá apenas com o seringueiro; é a tragédia comum a todos os meeiros, peões, caseiros ou "colonos", ou que outros nomes tenham, nos latifúndios, do norte ao extremo sul.

Em todo êsse imenso interior, o que vigora ainda hoje é, sem nenhum exagêro, o **trabalho escravo**.

A situação atual do trabalhador agrícola está a exigir da geração de hoje uma campanha nacional em pról da **reforma agrária**, tão ampla e tão apaixonada como foi a da Abolição nos tempos de Castro Alves, Nabuco e José do Patrocínio.

Se fôr mister buscar nas letras pátrias um nome que sirva de patrono a essa cruzada, nenhum outro se encontrará mais adequado que o de Euclides da Cunha cuja morte, precoce e sentida, mais uma vez recordamos nesta data. Seu estilo fascinante foi a arma de que se serviu o grande patriota na luta em defesa do camponês, do sertanejo, seu patrício esquecido e abandonado.

Foi essa obsessão de seu talento multiforme que o levou a sacrificar tôdas as comodidades da vida, trocando-as por uma peregrinação fecunda aos mais inhóspitos recantos da Pátria, onde a civilização ainda não chegara.

E quem estuda sua biografia logo percebe que foi justamente essa obsessão a causa de todo o desmantêlo de sua vida íntima, cujo drama terminaria com um tiro assassino, em uma manhã chuvosa, a 15 de agôsto de 1909, na Estrada Real de Santa Cruz.

J. LEÃO BORGES

(Sócio correspondente do Centro Cultural "Euclides da Cunha" - Ponta Grossa - Paraná).

x x x

Le Paraná à vol d'avion

L'Avion a quitté l'océan Atlantique,
Il vole sur la chaîne des Monts, sur les abîmes,
Sur les torrents qui grondent au pied des hautes cîmes,
Et découvre soudain la Plaine magnifique !

Des tours nombreuses pointent ? — Ce sont les Cathédrales,

Où le Peuple proclame, à genoux sur les dalles,
Sa Foi, sa "joie de vivre" ! Peuple du Paraná,
Sa voix, mêlée aux orgues entonne l'Hosanna !

En vastes Édifices offerts à la Science
Des Universités dressent leurs monuments,
C'est là que se lapide, plein d'éblouissements,
Un Pouvoir créateur tous les jours plus intense !

L'Industrie à présent !... Formiliére humaine,
Déversant le Progrès :- La Vapeur fend la Plaine . . .
Les monts ont leurs tunels,... et où les troupeaux paissent,
À la place des prés, les Villes naissent,... naissent...

Et pour la joie des yeux, — à l'heure du ponan,
Couronnant les montagnes, dans l'atmosphére rose,
Dotant "Campos Geraes" d'un écran grandiose,
Les "Hauts Pins" se profilent sur le Soleil couchant !

Dédié au **"Centro de Letras do Paraná"**
Une de ses fondatrices

GEORGINA MONGRUEL

RUI BARBOSA E A CRÍTICA

Por José de Sá Nunes. (Da Academia Brasileira de Filologia e do P. E. N. Clube do Brasil)

Para "Tapejara"

II

FOI EXPOSTO A VENDA

Ao consulente paulistano respondo, em vista de tudo isso, que deve acentuar-se o "a" do período: "O livro já se acha à venda na Livraria Acadêmica"; e que está bem acentuado o "a" destoutro período: "O meu citado livrete foi exposto à venda pelo editor em 1945." Aliás, o período que saiu dos bicos da brilhante pena do Dr. Afrânio do Amaral, e que deu pábulo à censura fácil de pessoas desconhecedoras do assunto, foi exactamente este, que se lê à pág. 168 do seu magnífico e eruditíssimo livro "Pesquisas Filológicas": — "Nestas condições, só poderia atribuí-lo ao facto de não haver talvez o experimentado escritor lido realmente o meu citado livrete, cuja edição desapareceu das livrarias logo que, em 1945, foi exposto à venda pelo editor."

O Dr. Afrânio do Amaral sabe o que escreve e absolutamente não claudicaria como qualquer jornalista incipiente ou escritor de fracas posses, deixando de acentuar aquele "a": fê-lo em harmonia com o escrever dos mais seguros padrões da vernaculidade.

À FACA e À NAVALHA

Certamente, como é de prever, o consulente de João Pessoa leu os argumentos e a lição do Prof. Carneiro Ribeiro a respeito do acento no "a" em expressões "à faca" e "à navalha". Sem dúvida, tem visto em jornais e revistas inacentuado esse "a" em várias expressões, como "morto a faca", "ferido a foice", "luta a arma branca", "atacou a navalha", etc. São frutos da tal norma, falha e errônea, formulada por Tomás Galhardo. Por certo, ninguém a seguiria se a não apadrinhasse o exímio escritor da "Réplica"; mas, segundo se expõe, nem ele próprio obedecia rigorosamente a ela, porque estava habituado a escrever consoante os modelos mais estremes da língua pátria, que nunca jamais ofereceram exemplos para roborar tão estulta norma. Ao invés, os exemplos por eles ministrados a desmentem e desmoralizam. Não me quero furtar ao prazer de apelar para o testemunho de alguns deles, que já depuseram na "Réplica". Ruja vista: "E a todos os da retaguarda passaram **à espada**." (Vieira: "Sermões", VII, 367.) — "Prevá-lo-ei **à lança** e **à espada**." (Herculano: "História da Inquisição", I, 86.) — "Corta-as delicadamente **à tesoura**." (Castilho: "Camões", II, 88.) — "Conquistado **à arma branca**." (Latino Coelho: "Hist. Pol. e Mil. de Port", III, 258.)

Não vale a pena ir por diante, porque, se o fosse, encheria não três colunas dêste jornal, senão três ou quatro páginas de excertos clássicos em que tais adjuntos circunstanciais de instrumento encerram o "a" acentuado. Se for necessário citá-los, excluiremos anteriores ao século XVII, porque nelas se dispensa, constantemente o "a" acentuado em vez do "a" simples e vice-versa.

VEIO A LUZ e MORREU A FOME

Vai já por duas décadas que, ensinando aos meus discípulos a acentuarem o "a", mostrei-lhes com exemplos dos mais primos escritores que os complementos circunstanciais como "à luz" e "à fome" têm acentuado o "a", quer seja contração, quer seja mera partícula prepositiva (veja-se "Língua Vernácula" para a 3ª. série, págs. 140-141). O gênio da Língua requer este acento, embora não exista crase.

Conhecendo o precedo de Tomás Galhardo, esposado pelo Dr. Rui Barbosa e pelos seus amoucos, não deve ser acentuado o "a" complemento "à luz", por isso que, substituído pelo correspondente — "a lume" —, não aparece o artigo. Todavia, é indubitável que o próprio Rui, escrevendo "à lume", não dispensava o acento gráfico em "à luz". Provas: "Deu-se a lume esse opúsculo aos 11 de Outubro." ("Réplica", pág. 354, n. 1.) — "Só um, de feito, creio eu, se havia sacado à luz contra aquela tese." (**Ib.** pág. 94.) Por onde se deduz que a tal regra não passa de miragem.

Os "aferidores professos do nosso idioma", desde o velho Morais até ao moderníssimo Cândido de Figueiredo, todos, à uma, assinalam com o acento gráfico a expressão "à luz" quando empregada como complemento circunstancial. O verdadeiro "Dicionário" de Morais, que é o de 1813 (2ª. edição), inscreve sub voc. "luz": — "Tirar, ou dar à luz", "trazer à luz", "dar à luz um menino". (Ainda não recebi a décima edição dessa obra, que está sendo feita em Portugal por José Pedro Machado, Augusto Moreno e Cardoso Júnior, porém posso afiançar que há-de ser trabalho digno de consulta, de segurança e fé, porque esses nomes bastam para recomendá-lo; pelos volumes publicados e que se acham à venda nesta cidade, pode-se verificar que, ao menos, uma grande superioridade existe nele, que o torna muito mais vantajoso do que as anteriores edições: obedece às normas ortográficas do Acôrdo de 1945, únicas que convêm à unidade linguística dos dois países de língua portuguesa. Antes de meterem ombros à empresa, tive a honra de ser ouvido e, com toda a sinceridade e lhaneza, sobre ela manifestei o meu pensar, que julgo ser o de todo o homem consciente do mais profundo amor à Língua e às duas Pátrias irmãs. Bem hajam os notáveis filólogos que puseram peito à essa gigantesca empresa! Seus nomes serão imortalizados, como o foi o do primitivo autor.)

Encerrado esse parêntese, compulsemos o "Novo Dicionário" de Cândido de Figueiredo, já na 11ª. edição, in verb. "luz": — "Dar um livro à luz." — "**Dar à luz.**"

"Sair ou vir à luz é como se lê no "Dicionário Contemporâneo" de Santos Valente, na legítima edição de 1881. Como se vê, todos os que sabem a nossa língua. Esses não dispensam nem dispensaram jamais o acento no "a".

E "morrer à fome" ? Segundo a tal norma de Galhardo, não há razão para o acento, porquanto o substantivo está empregado indeterminadamente. Mas, na dúvida, nunca houve escritor de primeira plana que deixasse de colocar acento nesse "a". O Prof. Carneiro transcreve excertos de Barros, Brito, Sousa e Vieira ("Réplica", ed. de 1923, págs. 236-238), e na minha citada "Língua Vernácula" (3ª. série, pág. 141) apresenta mais de Vieira, ao qual junto este: "O pobre sem comer morrerá **à fome.**" ("Sermões", ed. de 1856, VIII, 341.) E mais este de Herculano: "Andou avisado, porque, assim, esquiva-se a morrer **à fome.**" ("Opúsculos", 3ª. ed, VIII, 125.)

VOLVEU À CASA PATERNA

Respeito a essa frase, que o consulente de João Pessoa escreveu sem acento no "a", porque assim a viu em novíssimo livro didáctico, discorre ele eruditamente, citando vários autores de peso, entre os quais Rui Barbosa e Rui Barbosa, a fim de concluir pela legitimidade da preposição pura, visto que a palavra "casa" no sentido de "lar" repele o artigo.

A seguir a doutrina de Galhardo, tal conclusão não é verdadeira, porque, se com "volveu ao lar paterno" é indispensável o artigo, também indispensável é ele em "volveu à casa paterna". Eis um caso em que a substituição do feminino pelo masculino constitui expediente eficaz para se resolver o problema. (V. a "Língua Vernácula" supramencionada, pág. 127, III.)

Entretanto, este caso não é tão simples como o parece. Nessa minha obra ensino aos meus discípulos: "Deve ser acentuado o "a" que antecede a palavra "casa", com a significação de "residência" ou "morada", se não estiver seguido por adjectivo qualificativo, ou se no mesmo termo se confundirem as acepções de "morada" ou "residência" e "prédio" ou "edifício". "(Págs. 132-133.) E, em abono deste preceito, transcrevi, entre outros, os dois textos que seguem: "A Madalena vos foi buscar uma vez **à casa alheia**." (Fr. Tomé de Jesus: "Trabalhos de Jesus", ed. de 1925, 1ª. parte, pág. 299.) — "O desgraçado rapaz voltou **à casa paterna.**" (Camilo: "O Santo da Montanha", 3ª. ed., pág. 74.)

Eis aí "à casa paterna" com "a" acentuado.

Na obra "Estudos Filológicos" Rui Barbosa deu as razões por que não se deve acentuar o "a" que antecede a palavra "casa", quando ela "indica uma situação local fixa e conhecida, para a qual não há necessidade de determinação pelo artigo" (na pág. 55). E Rui Barbosa, em favor desse caso em dois lugares da sua "Réplica" (págs. 277 e 456). Mário Barreto, porém, foi mais categórico: "O substantivo **casa**", diz ele à página 373 do "Através do Dicionário e da Gramática" (ed. de 1927), "o substantivo casa, no sentido da preposição francesa **chez**, esse NÃO ADMITE NUNCA O ARTIGO, ainda que o determinem as palavras seguintes: **"Vou a casa de minha irmã."** (Traz mais seis exemplos por ele mesmo formulados.)

Pois isso vai de encontro à lição dos máximos aperfeiçoadores do nosso idioma. Que se não acentue o "a" antes de "casa" quando tem a significação de "morada" ou "residência" e está em relação complementar, isso creio ser pacífico entre os que alguma coisa conhecem da nossa boa linguagem; mas deixá-lo de acentuar quando o sentido é manifestamente determinado, e a palavra está acompanhada de adjectivo qualificativo ou de expressão regida por preposição, é o que não fazem os que bem escrevem, precipuamente quando "casa", regida de preposição, não indica o morador ou o proprietário nela residente. As citas que vou trazer à colação provam-no à evidência.

"Ejo-se a presença do artigo nestes lugares: "Empreendi.... dar, **na casa da minha actual residência**,..., um curso nocturno gratuito." (Castilho: "Tosquia de Um Camelo", ed. de 1853, pág. 16.) — "Agar volveu sobre seus passos e entrou de novo **na casa de Abraão.**" (Latino Coelho: "Arte e Natureza", ed. de 1923, pág. 196.) — "Havia de lhe explicar o motivo por que fugira **da casa paterna** ?" (Garrett: "Viagens na Minha Terra", 6ª. ed., I, 210.) — "Tu não ignoras já hoje o porque fugi **da casa materna.**" **(Idem, ibidem, II, 157.)** — "Prosseguimos, dirigindo-nos para a Rua da Ajuda, onde, **na casa do barão de Javari**, se reuniriam, daí a pouco, os que se houvessem de entender com o organizador do gabinete em elaboração." (Rui Barbosa: "Queda do Império", ed. de 1921, I, pág. LXX.)

Vê-se que esses correctíssimos escritores empregam o artigo para determinar "casa", qualificada por adjectivo ou seguida de expressão regida de preposição. Ora, se "casa", sinónimo de "residência" ou "morada", admite o artigo antes de si, lógicamente deve ter antes de si o "a" crasado (aqui, sim, ele é próprìamente crasado), sempre que, em tais condições, a preposição "a" se funde com o artigo feminino.

O próprio Rui, dissertando sobre a crase, escreveu isto: "Há muito quem escreva "fui à casa", "mandei à casa", "volteí à casa", recolhi à casa". São grafias erradas; porque ninguém, aludindo À CASA DE ALGUEM, sem complemento que a determine, escreveria "saí da casa", "dormi **na casa**", ' 'passou-lhe **pela casa**", "ó **da casa**", mas : "ó **de casa**", "passou-lhe **por casa**", "dormiu **em casa**", "saí **de casa**". Da mesma sorte, pois, em intervindo a preposição a, desde que a locução exclui o artigo definido, correspondente ao substantivo feminino, a grafia correcta há-de ser : "fui a casa", "mandei a casa", "voltei a casa", "recolhi a casa". ("Réplica", nº. 359, pág. 456.)

Note-se bem : Rui Barbosa diz expressamente : "Ninguém, aludindo À CASA DE ALGUEM, SEM COMPLEMENTO QUE A DETERMINE... " Isso quer dizer que, em havendo complemento que determine a palavra "casa", o artigo é obrigatório, e, dando-se o caso de intervir a preposição "a", obrigatória será a crase.

Não devo deixar passar despercebido o seguinte facto : Rui não admite o sinal da crase naquelas expressões, e realmente não se deve admitir; mas, conforme a regra de Tomás Galhardo por ele abraçada, cumpria-lhe aceitá-lo, visto que, substituindo-se a palavra "casa" por substantivo masculino correspondente, junto a este figurará o artigo : "Fui **ao** lar", "mandei **ao** domicílio", "volteiao lar", "recolhi ao domicílio". Bem se vê que a tal norme não é infalível; e, aplicada a torto e a direito, redundará em erros sáfios, como "fui à casa", "mandei à casa", etc.

Lembre-se o consultor paraibano de que "Visita à Casa Paterna" é um dos sonetos mais conhecidos no Brasil, e creio que jamais houve alguém que, referindo-se a ele, deixasse de pôr o acento que no "a" anterior à palavra "Casa" colocou Luís Guimarães Júnior, seu autor.

Sei que alguns evitam acentuar o "a" antes de "casa" quando este nome é acompanhado de adjunto, especialmente quando esse adjunto designa o morador ou o dono da "casa"; todavia, numerosos são os exemplos em que esse "a" é acentuado, e legítimo, legítima e portuguesíssima tal acentuação. Haja vista a estes relanços : "Fui **à casa da vizinha**, envergonhei-me, vim **à minha**, remediei-me." (Castilho Antônio : "Colóquios Aldeões", ed. de 1879, pág. 199.) — "Vem já, já, à **nossa casa.**" (Machado de Assis : "Várias Histórias", ed. da Livraria Garnier, págs. 10, 11 e 12.)

Nesse autor é frequentíssimo o uso do "a" acentuado antes de "casa" com adjunto. Centenas de excertos seus poderia citar, mas afigura-se-me que são mais que bastantes os que passo a copiar : "Ia agora mesmo **à sua casa.**" ("Quincas Borba", ed. de 1938, pág. 382.) — "Chegou Rubião **à casa de D. Fernanda.**" **(Ibidem**, pág. 393.) — "Santos pegou em si, e foi à **casa do Dr. Plácido.**" ("Esaú e Jacob", ed. de 1938, pág. 50.) — "Era justo levar a saúde à **casa de sapé do pobre.**" ("Dom Casmurro", ed. de 1938, pág. 16.) — "Foi com ele **à casa de Fuão Simplício.**" ("A Semana", ed. Garnier, pág. 249.) — "Brados-lhe que fosse **à casa do Sr. João Carneiro.**" ("Páginas Recolhidas", ed. Garnier, pág. 19.) — "A costureira chegou "**à casa da baronesa.**" **(Ibidem**, pág. 230.) — "De noite foi **à casa da tia.**" ("A Mão e a Luva", ed. Garnier, pág. 83.) — "De noite foi Luís Alves **à casa da baronesa.**" **(Ibidem**, pág. 116.) — "Durante três dias deixou Luís Alves de ir à casa **da baronesa.**" **(Ib.**, pág. 141.) — "Não foi nessa noite **à casa da tia.**" **(Ib.**, 179.)

Em vista do exposto, não há dúvida : deve acentuar-se o "a" que precede a palavra "casa" na frase — "O filho perdulário volveu **à casa do pai**" ou "**à casa paterna**".

Eu pudera, simplesmente, remeter os dois consultantes à minha "Língua Vernácula" para a 3ª. série ou a "A Chave da Crase" do Prof. Almeida Rocha, mas os termos de suas cartas fizeram com que lhes respondesse pormenorizadamente, o que só me deu prazer. E, se não ficarem inteiramente satisfeitos, voltem, querendo.

— x x x —

Bandera Argentina

Por Haydée de Bisceglia

Bandera blanca y celeste,
los colores más puros
el cielo te los dió,
yo veo entre tus pliegues
a miles de hombres sin patria.
Eres la madre amorosa
de los hijos de otras razas;
a todos quieres por igual;
al criollo y al extrangero,
todos te cantan loas,
bandera blanca y celeste.

Y fué un! nombre!...
gloria de nuestra patria,
fué Manuel Belgrano.
el que mirando al cielo
puso color a tu ala
Como símbolo sagrado
más alto tu flameará,
hoy eres reliquia bendita
del niño y del anciano,
sea la gloria argentina
de un veinteincco de Mayo.

(La bandera argentina fué creada el 27 de febrero de 1812).

A Sêca no Nordeste

MURILLO T. BARROS

Ao prezado amigo Major Adyr Maya.

Certa vez, em Vitória, estava em um café na companhia de três capixabas de estirpe. A sêca do Nordeste havia se tornado assunto obrigatório de tôdas as conversas e não tardou que se fizessem alusões ao medonho flagelo, citando-se a campanha feita pelas estações de rádio, os casos dolorosos que enchiam as colunas da imprensa, as providências do govêrno federal e o notável esfôrço de muitas entidades para angariar donativos.

Deixei que os amigos sulistas falassem à vontade e propositalmente esquivei-me de dar opinião. Mas o Major Adyr Maya, gaúcho ranzinza naturalizado capixaba, que fazia parte do grupo, valendo-se da nossa fraternal intimidade, perguntou, batendo-me no ombro : "E o que diz o ilustre flagelado ?"

Respondi com displicência :- "Nós, brasileiros, somos mais teimosos e endurecidos que São Tomé."

Todo grupo riu-se ruidosamente, como se acabasse de ouvir um grande disparate. Mas logo tôdas as fisionomias ficaram sérias, porque acrescentei: "A maioria de vocês lembra um provérbio oriental que podemos aplicar no caso : "A peior desgraça é aquela que nos faz rir."

E a explicação, que lhes dei, é o assunto do presente artigo.

O rio São Francisco, desde tempos imemoriais, foi sempre o traço de união entre o norte e o sul do Brasil. Os geólogos afirmam que o seu caminho natural se fazia sem alteração até a altura de Joazeiro (Bahia) e prosseguia pelo vale do Rio Parnaíba (Piauí) até atingir o Atlântico.

Outros, porém, citando dados científicos, afirmam que as suas águas corriam pelo vale do rio Jaguaribe (Ceará). Todos, porém, estão de acôrdo em afirmar que a mudança brusca do curso do rio São Francisco só se realizou após o gigantesco cataclisma que fez desaparecer a Atlântida, tendo, por compensação, o aparecimento do planalto de Borborema e o colossal levantamento dos Andes.

Podemos dizer que foi êsse movimento tectônico que lançou o primeiro dado para o problema da sêca do Nordeste.

O planalto da Borborema, além de desviar o curso do rio São Francisco, abrange uma área enorme e, apesar da pequena altitude, deu uma grande declividade ao solo de modo que o escoamento das águas se faz com incrível rapidez. O Ceará, por exemplo, é bloqueado por uma cintura de serras. Na época das chuvas, é fato comum seus cursos de água estarem a nado e, 48 ou 5 horas depois permitirem passagem a vau. Mas não é só isso que prejudica a lavoura e a pecuária. A situação geográfica do Nordeste completa a ação perniciosa da Geologia.

Situado a 2 ou 3 graus abaixo do Equador, o Nordeste tendo dois lados banhados pelo Atlântico, possue um regime de ventos muito irregular ocasionados por rápidas subidas das camadas de ar aquecidas e substituídas por outras mais frescas, vindas de direções diferentes. Ainda não são conhecidas e nem suficientemente estudadas as causas que colocam o Nordeste Brasileiro em um terrível dilema : soprando vento oeste, quer dizer vida, fartura e alegria, por trazer as nuvens formadas pela enorme vaporação do Amazonas que, convertidas em chuva, dão viço e beleza, ao sertão agreste; mas se o implacável vento leste continua soprando da África até o dia 19 de Março, data que assinala a última esperança de inverno para o sertanejo, quer dizer, então, penúria, fome, desgraça e sofrimento. A falta de uma alta montanha impede a sua ação destruidora. Dizem os entendidos que, se a Serra do Mar se prolongasse até a ponta dos Touros, não haveria sêca no Nordeste.

E finalmente a ação do homem completa as incoerências da Geologia e os desmandos da Geografia.

A agricultura brasileira, desde a éra colonial, é feita na base da destruição das matas. O sertanejo tem um prazer voluptuoso em ver tombar, aos golpes do machado, árvores gigantescas de madeira de lei, pouco se impondo com os prejuízos que mais tarde causem a si ou à coletividade.

Gilberto Freyre, — o insigne mestre que se dedicou exclusivamente à influência africana no Brasil, observa que, na época colonial, as barcaças de porte médio iam o Capiberibe até Limoeiro e, por efeito da devastação das matas, nos nossos dias, as canôas, com sacrifício, atingem Caxangá, bairro que limita o município da capital pernambucana.

E ainda no tempo do Império, a navegação do rio São Francisco se fazia em muito maior extensão que a de hoje. Os "gaiolas" penetravam no rio das Velhas até Sabará. Mas a "doença nacional" de derrubar árvores reduziu essa vantagem e, em nossos dias, não é muito fácil a navegação do rio São Francisco, onde frequentemente os barcos estão encalhando.

Êsses exemplos, escolhidos entre muitos, poderão nos dar uma idéia do que seja tão detestável mania em uma terra sem rios permanentes e cujo sólo é um verdadeiro plano inclinado : significa, portanto, a destruição da única cousa capaz de atrair chuva. A falta de árvores diminue a humanidade do ar e predispõe a região a prolongados estios. E dessa forma se completa a ingratidão da natureza.

Apesar da enorme adversidade de condições, o sólo do Nordeste é riquíssimo de calcáreo, o que para a agricultura representa um grande fator de fertilidade. E isso explica o estupendo milagre do sertão se revestir de luxuriante vegetação após algumas chuvas.

Quando, em Abril dêste ano, fui em férias ao Ceará visitar a família, tive a oportunidade de ver, da janela de um avião, o trecho de Recife-Campina Grande-Fortaleza, então assolada pela sêca.

O espetáculo era medonho e doloroso. Lembrava fielmente o quadro dantesco da "natureza agonisante" que Euclides retratou em pinceladas geniais. Não se via a copa verde de uma árvore, nem o espelho de uma lagôa e nem a fita prateada de um riacho. Um tapete pardo revestia as tristes colinas, sulcos avermelhados indicavam o lugar de algum riacho e o soberbo rio Jaguaribe, assinalado nos mapas por um vistoso risco negro, estava miseràvelmente reduzido a uma vasta, nua e areinosa calha.

Tudo triste, monótono e mirrado.

Mas, durante a minha estadia, no Ceará, choveu copiosamente e, ao regressar, 30 dias depois, encontrei o sertão transformado em um lindo tapete de verdura, dando a impressão do avião estar voltando por outro trajeto e voando sôbre outras terras.

E agora, ao falar em responsabilidades, vamos dividir a culpa pelo sertanejo, que é imprevidente, e pelo govêrno, que é incapaz.

Meu pai, Dr. Alerano de Barros, conheceu o caso de um fazendeiro cearense, em plena sêca, ter diàriamente leite fresco, queijo e o gado conservar-se gordo e bem cuidado. Intrigado por êsse milagre, indagou as causas e obteve esta explicação racional e inteligente : "O Ceará é a região ideal para a pequena propriedade. Só mantenho na fazenda 3 ou 4 touros e 50 vacas selecionadas. Tenho o cuidado de vender tudo que ultrapassa êsse limite. Poderia aumentar o rebanho, mas isso não me interessa. No inverno, costumo armazenar feno, milho e alfafa, sempre fazendo a previsão de sêca. E quando o flagelo se manifesta o meu gado tem água e alimento. Se tivesse duas mil rezes, em caso de sêca, perderia tudo, por não ter com que sustentar um rebanho tão numeroso."

Essa brilhante excepção pode servir de modêlo para a vida rural dos estados, compreendidos no quadrilátero sinistro das sêcas.

Mas sucede que a regra geral é justamente o contrário do que faz êsse inteligente sertanejo.

O nordestino não tem o senso de economia do europeu e o seu trabalho é rústico, primitivo e desorganizado. Tem um padrão de vida pouco acima do indígena e desconhece tudo que valoriza a vida : higiene, instrução e método de trabalho. Vive em um meio enegrecido pela ignorância, completamente separado da vida nacional. E apesar de não ter assistência de espécie alguma é um lutador de fibra que combate a natureza agressiva que lhe é totalmente hostil.

Sentindo-se abandonado, apela para o Céu, esperando que os santos dêem remédio para seus males.

Quando chove, julga que a sua felicidade é eterna. Gasta tudo que apurou na venda do algodão e dos cereais, canta, feliz, alegres modinhas ao som da viola, dansa o baião com as lindas cabôclas, bebe cachaça prosseando com os amigos e agradece tanta felicidade à Virgem Santíssima.

E por viver no eterno presente é cruelmente castigado.

A sêca o apanha desprevenido. Não guardou um saco de feijão, nem u'a manta de carne sêca e nem uma quarta de farinha. No sertão, todos só esperam pelo inverno e por isso a sêca apanha a todos de surpêsa. E, quando isso acontece, só lhes resta abandonar tudo e partir para outras terras.

Lá se vão pelos caminhos pedregosos, castigados por um sol inclemente, levas e mais levas de retirantes, cujo triste espetáculo comove os corações mais endurecidos.

E os governos estaduais, sem querer, tornam a situação mais calamitosa.

A política, no Brasil, nunca passou de uma mesquinha disputa de cargos e tal sistema, nos estados nordestinos toma côres trágicas e criminosas. Cada governador recompensa a sua eleição aumentando o funcionalismo público com novas nomeações, contribuindo para desfalcar, cada vez mais, as reduzidas rendas, pouco sobrando para as obras públicas. E as sêcas os apanham também desprevenidos, como faz com os cabôclos do sertão. Govêrno e povo, nivelados na mesma imprevidência...

Sem poder debelar o terrível flagelo, que martiriza as populações sertanejas, lançam então patéticos apelos ao govêrno federal e excitam a generosidade do povo brasileiro.

As estações de rádio fazem campanha de donativos; as colunas da imprensa estampam muitos casos dolorosos; na tribuna da Câmara os deputados imitam as lamentações de Jeremias; o govêrno federal vota créditos enormes para dar trabalho aos flagelados e de todos os cantos do país remetem-se donativos : dinheiro, roupas e medicamentos. E quando surgem os aspectos odiosos da sordidez humana.

As dádivas generosas desaparecem misteriosamente e muito pouca cousa chega às mãos dos necessitados e as verbas são gastas atabalhoadamente, sem plano ou regular coordenação, na pressa de construir represas ou abrir estradas de valor econômico, duvidoso ou de vantagem nula. Há mais interêsse em gastar que fazer trabalho útil.

E quando voltam as chuvas e o sertão transborda de fartura, o govêrno julga desnecessário concluir as obras começadas e todos acreditam no regresso de uma felicidade perene. E, 3 ou 4 anos depois, outra sêca, outra tremenda calamidade e outro triste começar de novo.

Essa persistência no êrro, que vem dos dias da monarquia, é criminosa por implicar em perdas de vidas humanas; e é absurda por dar um vergonhoso atestado da incapacidade e imprevidência de nossa administração. Mas será a sêca do Nordeste um mal irremediável ?

Respondam os norte-americanos com o exemplo da Califórnia, região semi-árida e sujeita ao mesmo flagelo, que a visão de homens de espírito superior converteu no maior celeiro de frutas do mundo. Mas não vejamos nisso apenas uma vitória do dólar, e tenhamos nobreza bastante para ver também uma administração superior, melhor organização, a visão inteligente, a operosidade e o patriotismo, cousa que nunca acionamos quando vamos fazer algo pelo nosso Nordeste.

O problema da sêca está condicionado a 3 fatores inseparáveis, por sua vez ligados a uma delicada questão social. A açudagem, a irrigação e o reflorestamento são a parte técnica do problema e a redivisão da terra, com a extinção dos latifúndios, é a sua parte social.

O Ceará, por exemplo, já tem grandes represas : Quixadá, Jaibara, Forquilha, General Sampaio e outros. E em todos êles, faltou o complemento indispensável da irrigação. O gigantesco açude do Jaibara, com duas barragens suplementares, foi uma obra que consumiu milhões de cruzeiros e só beneficia meia dúzia de felizardos, donos das terras adjacentes à gigantesca represa.

E apesar de possuirmos a legislação trabalhista mais adiantada do mundo, ainda não corrigimos essa anomalia.

Mas a açudagem e a irrigação reclamam também o reflorestamento — ponto nevrálgico da questão. Fazer o brasileiro gostar de árvores e compreender a sua utilidade é uma tarefa ciclópica, quase impossível. Será mais fácil o russo assimilar o democracia que o brasileiro poupar uma árvore dos golpes do seu machado. E isso é uma dôença incurável.

E, finalmente, compete ao govêrno dividir, em lotes, as terras irrigadas e distribuir os lotes, alternadamente, aos nacionais e aos estrangeiros, cuidadosamente selecionados, e, assim, a lavoura e pecuária tomarão um novo impulso sob o critério da economia e do trabalho organizado.

Mas o problema da sêca vai exigir esforços perseverantes de anos seguidos em que a Ciência, a Técnica e o patriotismo devem passar por cima do interêsse dos políticos, das vaidades humanas, das ambições mesquinhas e da cegueira dos incapazes.

E como nas condições atuais é impossível a sua solução, só nos resta imitar o cabôclo que reza pedindo chuva, rogando a Deus Nosso Senhor que mande brasileiros dignos habitar o Brasil.

18 de Junho de 1953 — Vila Velha.

— x x x —

Noturno

Com un cordialissimo saludo fraternal al colega y amigo Michaele, demas membros del Centro Cultural "Euclides de Cunha", del que tengo el alto honor de pertenecer.

José Rotundo Campollorio

Buenos Aires, Julio 22 de 1953

Especial para TAPEJARA

Una franja de luz hirió la noche
con el puñal azul del firmamento,
la sangre no corrió, quedó cuajada
como una gota de agua sobre el hielo.

Era la noche mas feliz del mundo
hasta que taladraron el silencio...
Un grito de dolor cubrió el espacio
que se fué prolongando por el eco.

¡ Pobre noche ! le hurtaron de su vida
lo mas precioso y caro de su anhelo;
deshojaron la sombra que dormía
sobre el lecho amoroso de los sueños.

La noche resignada como un lirio
ocultó su quebranto bajo el cielo.
No se puede vivir un mundo a parte
en la marcha infinita de lo eterno.

Por eso me confundo con la noche
herido por la luz del pensamiento.
Mi sangre no se cuaja, tiene alas
para llenar de amor el universo.

Maria Quitéria de Jesus

Capitão RAUL PILOTO
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Nos lances mais emocionantes da História Pátria, muitos dos vultos proeminentes reclamam ainda as justas homenagens de gratidão do povo brasileiro. Não lhes rendeu, até então, a história, o verdadeiro preito, relegando-os a planos menos elevados, em face de acontecimentos que emplgaram a Nação e que constituem, por si só, o grande motivo para o nosso culto cívico. Quanto mais nos distanciamos, entretanto, no tempo implacável e positivo, dêsses fatos marcantes de nossa nacionalidade, mais nos aproximamos, na profundeza da história, dêsses heróis quasi esquecidos. Reflorescem eles então, na reparação sincera às injustiças involuntárias, para a veneração dos pósteros, com os ensinamentos de suas atitudes e com os exemplos de seu heroismo.

Tal foi o caso de Maria Quitéria de Jesus. Um nome de mulher apenas citado vagamente em meio às enumerações das lutas pela nossa Independência, e que só um século após começou a ser evidenciada, com a sua vida ligeiramente perquirida por alguns historiadores mais atilados, quando se preparavam as comemorações do Centenário de nossa emancipação política. Daí para os nossos dias, mais e mais se foi esmiuçando a vida dessa heroina brasileira, ao ponto de se pronunciar agora, como justa reparação, o Exército Nacional, para elevar ao seu verdadeiro posto de honra na galeria dos nossos bravos soldados, êsse vulto invulgar de mulher, que surgiu no Recôncavo bahiano, de armas em punho, a lutar bravamente e a concitar seus conterrâneos na defesa do nosso solo, para garantia de nossa liberdade.

Eis a razão, pois, desta palestra, no cumprimento de um justo dispositivo expresso em áto do Exmo. Snr. Ministro da Guerra, e no desempenho de um mandato que se nos envolve de justificado orgulho, deixando de ser o cumprimento de um imperativo, para ser transformar em uma homenagem magnífica ao heroismo, à abnegação e ao sacrifício da mulher brasileira, sintetizados em Maria Quiteria, a mulher-soldado que muito honrou o seu sexo, a sua Pátria, e a farda que vestiu.

Pecaramos justificada, assim, a nossa presença para exaltar essa figura feminina sôbre que, infelizmente, muito pouco se tem dito ou escrito, ante o muito que realizou para a concretização de nossa Independência.

— — —

Corria o último lustro do ano de 1790, quando nasceu na Freguezia de São José das Itapororocas, nos campos de Cachoeira, descendendo de Gonçalo Alves de Almeida e de Quitéria Maria de Jesus, essa que havia de ser mais tarde a expressão pura da heroina brasileira. Na Capela de São Vicente, com os santos óleos do batismo, recebeia a 27 de julho de 1798 o nome de Maria Quitéria de Jesus, com que havia de passar à história.

Muito pouco dos carinhos maternos lhe reservára o destino, pois em 1803, a irreparável perda da progenitora anuviava os encantos e a despreocupação da menina que ia crescendo no sitio do Licoriziero. O doce nome de mãe, apagava-se dos seus lábios e os afagos maternais lhe eram furtados quando mais a criança deles necessitava. Êsse acontecimento tem, para os seus biógrafos, influência fundamental na futura maneira de viver, já porque assumia prematuramente a responsabilidade de atender seus irmãos mais novos, Luiz e Josêfa, ou porque deixava de atuar sôbre a sua educação a presença carinhosa e singela da mãe, que as duas madrastas não conseguiram supprir em absoluto. Tornou-se, daí, o seu espírito liberal, em que as garridices da menina roceira apegada às sáias da mamãe, foram substituídas, desde cêdo, pela desenvoltura mais própria aos rapazes da mesma idade.

Não havia, para a menina, o limite confortador do lar, e as peraltices nos campos, a caça aos passarinhos, as cavalgadas desenfreadas, formavam o derivativo para a pequena que se desenvolvia com o desembaraço natural da gurisada de seu tempo.

Assim cresceu Maria Quitéria, com atilado espírito de compreensão das coisas do mundo que a cercava, arrojada e desenvôlta, capaz para os mistérios todos da fazenda, sem receio das intempéries e indiferente aos duendes e papões. Aprendeu a se defender, nas arriscadas corridas entre a criação indômita, nas arruaças com as outras crianças e no revide ao desinterêsse que lhe votava a madrasta.

Com a mudança de Gonçalo para a Serra da Agulha, onde se estabeleceria definitivamente, os hábitos da sevstada menina, que já sentia os primeiros albores da puberdade, modificaram-se um pouco, sem se apagar entretanto, em Maria Quitéria, o espírito de rebeldia e decisão própria, com que fundamentára a sua formação moral.

Cheia dos encantos femininos da mocidade que surgia, como entreaberto botão que ainda não desabrochára em magnífica flôr, sabia esquivar-se hábilmente dos assédios dos rapazes, pois sempre soubera se defender por si, sem o zêlo protetor materno, em todos os instantes de sua meninice.

Das incompatibilidades de gênio com a madrasta, fugia deliberadamente, procurando o derivativo das caçadas que lhe propiciavam o adestramento na pontaria e o afastamento do convívio caseiro por longas horas. Contra os desregramentos paternos, lutava com as próprias fôrças do espírito e, no envez de seguir-lhe os exemplos, impuína-se "criando um temperamento um tanto hostil às solicitudes do sexo", sem o extremo de não se deixar envolver pelos laços puros do amor com Gabriel Ribeiro, a quem se imiria mais tarde pelo casamento.

Em tal fase da vida de Maria Quitéria, explodem na Bahia as lutas contra os portugueses, que se não convenciam da possibilidade de se tornar livre a nossa Pátria.

O movimento de tropeiros, que faziam ponto alto do seu comércio naquela região bahiana, onde surgiria mais tarde a famosa Feira de Santana, constituia para os habitantes de Cachoeira e adjacências, o correio natural das novidades sôbre um movimento que se realizava contra os lusos, com o sentido de independência do solo pátrio. As ameaças entre o povo bahiano e os portugueses, despertavam a atenção dos rudes mensageiros, que mal sabiam da significação da Independência propalada, mas que bem sentiam tratar-se de causa elevada pelo ardor patriótico para garantia da posse e do direito das terras brasileiras. Já se aliciavam soldados em vários pontos do Recôncavo, e cada viajor que pernoitava em casa de Gonçalo contava novas façanhas dos nossos contra os intrusos, despertando no espírito de Maria Quitéria, que ouvia tais narrativas bem ao sabor de seu temperamento, o desejo de combater também os invasores de sua terra, aquela terra em que se criara livre e que para os seus conhecimentos não ia além da esplanada e do Recôncavo, mas que ela sentia imensa, generosa e bela, como a mulher-soldado sertaneja.

Reservara-lhe o destino essa oportunidade estupenda de revelar à Pátria o quanto em heroismo, abnegação e sacrifício é capaz a mulher brasileira, e Maria Quitéria soube servir-se dela, obedecendo aos anseios de seu coração. Fêrido o pai, ao deixar a casa paterna, sufocou o seu amor por Gabriel e se atirou à maravilhosa aventura.

Ante a intransigência do pai, procurou abrigo para a sua resolução com sua irmã Tereza, filha das terceiras núpcias de Gonçalo e casada com José Fordarc. Não lhe faltou o esperado apôio fraterno, e servindo-se das vestes do cunhado, foi se alistar em Cachoeira, assentando praça primeiramente num Regimento de Artilharia, passando pouco depois para o Batalhão de Voluntários do Príncipe. Os trajes masculinos muito pouco tempo velaram o seu verdadeiro sexo, pois embora manifestasse, desde o início, muita dextreza e bravura, o jovem soldado Medeiros, como era conhecido entre os seus camaradas, não conseguiu dissimular por muito a mulher cheia de vida que se entregava aos mistéres da guerra.

Os fatos se consumavam e a rebelião não se continha, precipitada pelos portugueses que punham em sobressalto o destemido povo cachoeirano. As margens do Paraguaçú assistiam os primeiros lances de heroismo brasileiro em favor de nossa Independência, e Maria Quitéria se empenhava agora na luta, impedindo que os lusos realizassem intentado desembarque de tropas. Com indescritível intrepidez e audácia, à frente das milícias cachoeiranas, incitava à luta, com agua acima da cintura, tôda a soldadesca que seguia os seus arroubos, investindo bravamente contra o inimigo. Inflamada pelo entusiasmo, de armas em punho, enfrentava os portugueses invasores, esquecendo o seu sexo ante a fuzilaria inimiga, que se desprendia sempre, com ardor e denodo, electrizando os próprios camaradas do Batalhão dos "Periquitos". Amainada a refrega, lá estava ela, com as vestes rotas e as faces chamuscadas de pólvora, a agir ainda, conduzindo prisioneiros para os nossos acampamentos.

"Muito lhe valeu a bravura. Deixara de ser mulher para se elevar diante do Exército Libertador como a mais insigne heroina".

Agraciada a 28 de março de 1823 com a praça de cadete, com trajes idênticos aos de um soldado, necessitada de um saúde que bem se adaptava às vestes de um militar feminino, recebia as citações elogiosas do General Labatut, Comandante em chefe do Exército Imperial Nacional e Pacificador, pelos atos de bravura em Itapuã, Pituba e na Fóz do Paraguaçú.

Estava gravada na história, com o sacrifício e a coragem dessa mulher extraordinária, a magnífica página de heroismo da mulher brasileira, que não seria desmentido jamais através de tôda a nossa evolução, de povo livre. Era ela, a sertaneja resoluta, transformada em soldado da Pátria, a exaltar para sempre o seu sexo, quando coroada com rosas entretecidas pelas mãos puras e santas das religiosas de Soledade, na ocasião do desfile do Exército da Liberdade pela Lapinha, sob majestoso arco triunfal armado pela priora Madre Maria José Bulhão de Aragão.

Finda a luta, consagrada a vitória, designaram-lhe os fados ser a mensageira ante a Côrte das boas novas da expulsão dos invasores da terra bahiana.

A humildade de sua origem, a deficiência de sua cultura e a simplicidade dos seus modos, não a atemorizaram a enfrentar os aulicos de Pedro I, e a 16 de Agosto de 1823, chegava ao Rio, pelo navio Leal Portuguez, a heroina de quem já se falava com respeito e admiração na Côrte. Quatro dias após, recebia das próprias mãos do Imperador, em pomposa audiência, uma honrosa insígnia. "Sala cheia de altos dignatários, ministros, generais, damas da nobreza, o Imperador vestido a rigor, olhos cintilantes, cabeleira encaracolada, peito cheio de medalhas. Entra a heroina em cena. Curiosidade geral. Desaparecera no momento o ministro; obscureceram-se os generais; apagaram-se as damas trajadas elegantemente; ofuscara-se o próprio Imperador, para crescer a grande bahiana, vestindo um curioso uniforme militar, calça, saiote de lã, fardeta, quepi encimado por um penacho, espada e o distintivo dos Voluntários do Príncipe." A emoção se apossara de todos. Colocando no peito de Maria Quitéria as insígnias de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, o proclamador de nossa Independência exaltava-lhe os feitos, assinalando os brilhantes serviços militares prestados à grande causa.

Era a consagração oficial da heroina, que se consagrara já no coração de seus patrícios. Não se perturbava, entretanto, Maria Quitéria, com tantas dignidades e nem lhe envaideciam os arroubos do Imperador, como aquele de ordenar que se lavrasse um decreto enaltecendo-lhe os feitos e concedendo-lhe o sôldo de alferes de linha. Finda a missão de soldado, preocupava-lhe, então, o regresso à casa paterna e, para tanto, invocava apenas o perdão pela desobediência, pedindo com altivez: "Já cumpri o meu dever como brasileira. Agora peço ao meu Imperador uma mercê :- uma ordem para que meu pai me perdoe a desobediência de ter trocado a minha casa pelo campo da luta."

Maior e melhor impressão causou, naturalmente, à Côrte, essa atitude notável da digna sertaneja, pois esperava-se uma rude mulher, brutalizada pelas agruras das lictas, e o que se apresentava era uma moça cheia de dignidades e virtudes, capaz de provocar da escritora inglesa Maria Graham, que participara da audiência, comentários sutís como êste : "Maria Quitéria é ietrada, mas viva. Tem inteligência clara e percepção aguda. Penso que se a educassem, viria ser uma personalidade notável. Nada se nota de masculino nos seus modos, antes os possue gentís e amáveis. Não contraiu nenhum hábito vulgar ou grosseiro durante a vida de acampamento, não se apontando nada que lhe desabone a honestidade".

— — —

Sem se deixar absorver pelas glórias alcançadas, Maria Quitéria regressava à sua terra, que havia de recebê-la de braços abertos, orgulhosa pelos feitos de sua heroina. Mas à sertaneja resoluta não interessavam os louvores e desejava ela tão sòmente rever a fazenda da Serra da Agulha, seus parentes, e obter o perdão paterno, que se não pôde negar ante a mensagem de Sua Alteza Imperial. Havia ainda, naquelas paragens, mais um motivo para que seu coração ansiasse pelo regresso. Lá estava o moço simples do Rio do Peixe, o Gabriel Pereira Brito, a quem se devotaria em afeto, depois de se haver devotado em patriotismo à sua terra.

Cessava, com o casamento feliz, a vida atribulada da guerreira, para se iniciar a vida rotineira da dona de casa, da espôsa fiel e, mais tarde, da mãe extremosa, quando Luiza Maria da Conceição lhe confirmou as bênçãos da maternidade encantadora.

Uma década passou, assim, sem que nada mais se saiba ou possa contar da heroina, cujos louros se perdiam com o tempo e a ingratidão dos seus coetâneos. A história vai rebuscar mais tarde, em documentos de um inventário de bens que lhe legara o pai, a nova odisséa de Maria Quitéria, quando já alquebrada pelas vicissitudes da vida, batia às portas dos tribunais, reclamando o que lhe pertencia, numa luta inglória, diversa e muito mais cruciante do que aquela em que conquistara a vitória com os ardores de sua mocidade.

Bem cruel se mostrava o destino, quando já não soavam aos seus ouvidos as palmas apoteóticas. Era, então, a suplicante que procurava o fóro do Juiz de órfãos com uma petição em que se declarava "em estado deplorável por lhe faltar a vista". Aqueles olhos, que fitaram com altivez o Imperador por quem lutara, embaciavam-se e feneciam. Ao envez dos laureis, reclamava a heroina apenas alguns parcos bens em defesa de sua filha querida, e uma escrava que lhe fôsse enfermeira e guia nos últimos instantes.

Triste fim, o dos heróis que não desapareceram no sacrifício da própria luta, para viverem ainda a arrostar, com o decorrer dos anos, a própria invalidez física e a desilusão dos triunfos alcançados. Assim foi com a grande heroina brasileira, que morria ignorada e quasi cega, aos cincoenta e seis anos de idade, e que só agora, após um século do seu desaparecimento, se homenageia oficialmente.

Mais digna, entretanto, da nossa admiração e do nosso respeito, se nos afigura agora essa mulher brasileira, símbolo das virtudes e do heroismo da nossa raça, pois já se fundiram no cadinho da história tôdas as suas atitudes e os seus atos, para surgir a síntese pura de uma vida a que não se pode furtar de consagrar a gratidão nacional.

Veneremos, pois, como o sabem fazer os povos dignos do seu passado, essa heroina brasileira, flôr da raça que espargiu, no seu perfume singular, exemplos de abnegação, de devotamento e de heroismo, como mulher e como soldado, de que a Pátria se há de orgulhar por todo o sempre.

(Palestra proferida no Quartel General da 5ª. D. I., por ocasião da inauguração do retrato de Maria Quitéria) — Citações de Fernando Alves, em Ensaio sôbre a heroina — Notas de Pereira Reis Junior).

À MARGEM DA HISTÓRIA

Ao iniciar-mos a "Semana Euclidiana", em nome da Diretoria do Centro Cultural "Euclides da Cunha", tenho a satisfação, como primeiro conferencista dêste ano, de cumprir o dever de apresentar aos Senhores Diretores desta Rádio Clube Pontagrossense os mais intensos agradecimentos pela cooperação compreensiva e patriótica que sempre nos proporcionaram em nossas atividades cívicas e culturais.

Em qualquer livro que se o procure, sob qualquer ponto de vista que se o estude e considere, Euclides da Cunha deixa sempre no leitor a impressão bem clara e firme da sua inconfundível personalidade de escritor e de homem.

Por um lado, a fundamental e singela unidade dos temas que movem e articulam os "Sertões", "À margem da História", "Contrastes e Confrontos", "Perú versus Bolívia", é uma prova e a confirmação de um particular mundo afetivo de inquirições e de interêsses perante os quais a alma de Euclides encontra a razão essencial e "eletiva" de suas melhores vibrações de estudioso e de pensador. Por outro lado, a tonalidade — entre profética e apostólica — com que êle escreve e pensa, o realismo objetivo de seu descrever e deduzir, a solidariedade larga de suas conclusões geológico-humanas, a contemporaneidade espontânea de seus dualismos **natureza-hoomem, paisagem-alma mitologia-história, barbárie-civilização, saber-idéia, trabalho-escravidão, primitivismo-técnica, superstição-religião** induzem-nos logo para uma apreciação de Euclides que vai bem além de uma consideração individual e no-lo colocam num particular plano representativo e numa particular posição histórica no quadro da Literatura Brasileira.

Êstas duas fundamentais conclusões surgem naturais e legítimas ao largo da leitura das páginas euclidianas. E quase tôda página de seus livros nos proporciona a confirmação e o motivo desta sua unidade de inspiração e dêste seu lugar de destaque na história literária do Brasil.

x x x

Euclides da Cunha não é sòmente um grande Euclides da Cunha. Êle é ainda um grande ponto firme — e não apenas de chegada como também de saída — na evolução histórica de nossa literatura; se é verdade, como é verdade, que a literatura de um povo deve ser expressão de original sentir, de nacionalidade de problemas, de personalidade de temas e de inspiração.

Nêste sentido, apesar de seus limites de linguagem, de pensamento e de atualidade (maxime perante umas soluções e sugestões de caráter mais pròpriamente prático), Euclides da Cunha acaba com aquela literatura colonial e imperial, tôda, mas mais ou menos, impregnada de remoinhos alheios e europeiamente estandardizada nos moldes e nos acentos de um subjetivismo melancólico, de um lirismo inconsistente, de uma exaltação superficial, de um individualismo sem história, sem pátria e quase anárquico; indiferente, como é êle, a um concreto acolhimento — na personalidade egoística do escritor — de algo que possa constituir e ser a voz e a alma de nossa sensibilidade de povo e de nação.

Euclides da Cunha acaba sobretudo com aquele descritivismo pelo descritivismo e com aqueles rimários fáceis e arbitrários de todos os amores, de todos os cumprimentos e bajulações da literatura encomiástica.

Não quero dizer que a nossa literatura comece mesmo por êle; mas percebe-se bem claramente que é Euclides da Cunha quem, com o realismo e a humanidade de sua inspiração, continua e aprofunda o nosso renovamento romântico, dando-lhe uma orientação popular e nacional, um sentido firme, um rumo vital, a injeção de um sadio fermento de brasilianidade, entendida ela como problema, como espiritualidade, como sociedade, como história.

Percebe-se isto não apenas nos seus livros mais conhecidos e citados, como também no seu breve mas íntimo epistolário para com os amigos e os pais. Percebe-se isto, ainda, na sua breve mas significativa atividade de poeta.

Há no seu epistolário uma larga veia de carinho e de cordialidade, assim como há em seus versos um desejo ardente de renovação, uma exigência de temas novos, uma necessidade de afastar os esquemas acadêmicos do convencionalismo e da rima para dar livre desabafo a um sentimento espontâneo de humanidade, a um real anseio de socialidade, de progresso, de marcha para frente à busca de nós próprios, de uma nossa língua, de uma nossa alma, de uma nossa expressão que seja unicamente nossa.

Eis a sua protestação:

Detesto francamente êstes mestres crueis
que esmagam uma idéia sob quebrados pés . . .
que vestem um pensamento torto, encarquilhado e perro
como um correto frack no dorso de um corcunda.
Eis a sua definição do escritor:
Oh! sim, quando a paixão o nosso ser inunda
e ferve-nos na artéria, e canta-nos no peito
como dos ribeirões o borbulhoso leito
parar — é sublevar
medir — é deformar.
E eis sua confissão:
Não tenho ainda vinte anos
e sou um velho poeta. A dor e os desenganos
sagraram-me mui cedo. A minha juventude
é como uma manhã de Londres, fria e rude.

E se quisermos achar a origem remota daquela capacidade escultórea de Euclides, tão presente nas páginas de sua prosa, devemos ler os sonetos: "Dantão", "Marat", "Robespierre", e "Saint-Just".

x x x

Isso me parece o essencial da personalidade artística e histórica de Euclides da Cunha.

Há nêle uma razão de escrever. Um motivo constante e necessário o agita. E um anseio o empenha. Uma seriedade o move e não lhe permite de ficar tranquilo e indiferente perante o que vê e escreve. Há uma fé nêle. E a fé, da inspiração, a solidariedade são os caratéres essenciais do escritor, a quem o escrever não se apresenta como um exercício e um lazer, antes como uma missão, como um empenho moral, como um grito de protestação e um ato de coerência entre a vida e ideal, entre livro e existência, entre pensamento e ação.

Possue êste escritor uma mente nutrida e competente conhecendo os problemas, vivendo-os, analizando as situações e sabendo ler entre os complicados emredos da multiforme realidade da vida, do indivíduo e da sociedade. E possue ainda Euclides um coração que sente, que enternece e torna-se solidário por uma atitude enérgica e revolucionária, apontando a necessidade de uma solução e o rumo de uma redenção, dos necessios e mais medo perante a realidade que é obstáculo e reprovação.

A realidade pode ser a que for: mas Euclides não a contempla com o olhar estranho e superior do literato, não a descreve com o gôsto clínico e indiferente do escritor versista satisfeito de escrever o que é. Aquela realidade ofende sua mente experta e rasga sua sensibilidade de cidadão. Êle a aponta como um honesto promotor público, a condena como um probo juiz e sugere e indica a solução como um patriota ardente.

Euclides da Cunha não é um revoltado. Euclides é um apaixonado. E justamente porque é um apaixonado, eu tenho minhas dúvidas a respeito de seu "positivismo", de que muito falam os críticos de Euclides, como Veríssimo, Ribeiro e Rondon. O positivismo acaba dando à nossa cabeça o gôsto pelas definições, pelas classificações, pelas abstrações áridas que parece digam muito e afinal nada dizem. Ora, em quais de suas páginas Euclides se revela abstrato, classificador e árido? O positivismo acaba apagando a vida e tirando das coisas a alma. E eu me pergunto se há uma página em que Euclides não faça justamente o contrário, procurando a vida até nas coisas amargas e mortas, projetando um ideal e um "vir a ser" também lá onde tudo é cruel e inhumano.

Na luz de um ideal, êle descreve uma realidade. Mas a medida do gênio artístico de Euclides não está naquela realidade descrita, e sim na perspectiva ideal em que fica ela encarada, no anseio com que a sofre, no desejo de superá-la, de canceiá-la, apresentando-a como uma lenda, uma lenda remota apos a qual deveria seguir a história que é reforma, progresso, solução, sociabilidade, esforço dominando a natureza e melhorando-a para que possa o homem **viver** e os homens — donos e fazendeiros uns, operários e trabalhadores outros — possam **conviver** numa compreensão recíproca para a fundação, para o rápido desenvolvimento de um povo que deve tornar-se nação, de um País que deve tornar-se Estado, de um território imenso que deve racionalizar-se e humanizar-se abandonando para sempre o status quo da colônia e do império para tornar-se geográfico, liberal e republicano.

Euclides é um homem novo: o verdadeiro brasileiro procurando renovar os homens e criando brasileiros.

Leiam-se atentamente, em silêncio, sem retórica suas páginas. Ver-se-á quanta dor ha em suas páginas. E quanta amargura no coração dêste **escritor-engenheiro**; o que vale quanto dizer **escritor-construtor.**

x x x

O livro de que deveria eu sobretudo falar é "À margem da História" um conjunto de artigos e ensaios que podem estar vizinhos, ainda que "Viação sul-americana", "Martin Garcia", "O pruinado do Pacífico", "Da independência à República", "Estrelas indecifráveis" pareçam artigos mais ou menos alheios e estranhos.

Não aparecem expor aqui minhas impressões imediatas; máxime uma impressão que justamente o título daquele livro me sugere.

Na verdade, o mundo de Euclides da Cunha é sempre um mundo "à margem da história". E é mesmo daqui que derive aquele não sei que de arcaico e de nervoso, de épico e de remoto, pesando e cristalizando-se no vocabuário duro, invulgar e maciço de seus livros.

Tudo no melhor Euclides fica ainda à margem da história; tudo, isto é, fica aquém da história porque não é ainda história, não possue ainda movimento, não tem conciência.

Êle, cidadão até os primeiros anos do século XX, possuidor de uma sensibilidade rara, nutrido de cultura e ardente de ação como o futuro homem do ano de Dois Mil, vê-se em tôrno de si uma realidade cinzenta e imóvel, quase selvagem, primitiva: mais do que selvagem e primitiva porque os homens civís ai trouxeram à escravidão, reduzindo o trabalho a dívida, rasgando a família, incentivando o ódio e a traição, a avidez e a cobiça, numa confusão de sacro e de profano, de ignorância e de maquiavelismo, de irresponsabilidade e de crueldade, de cínico e de anárquico.

Tudo é aqui "à margem da história". Leiam-se as páginas do primeiro artigo: "Impressões gerais". Parece viver num mundo ainda inexplorado. Num mundo de lenda.

O que é a natureza amazônica? "Ao revez da admiração ou do entusiasmo provoca um desapontamento. Em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicàvelmente, se abrevia nos sem fins daqueles horizontes vasios e indefinidos como do mar".

E o que se torna o cientista? "Depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo".

E o homem? "O homem alí é ainda um intruso impertinente. A volubilidade do rio contagia o homem. A adaptação exercita-se pelo nomadismo".

Leiam-se as páginas onde Euclides descreve a entrada de Manaus. E um quadro grandioso de dôr e de realidade, de amargura e de protestação: "A entrada de Manaus existe a belíssima ilha de Marapatá — e essa ilha tem uma função alarmante. E o mais original dos lazaretos. Um lazareto de almas. Aíi, dizem, o recemvindo deixa a conciência. E uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica às melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável. E que, realmente, nas paragens exuberantes das hêveas e castilóas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho. De feito, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: êle é o homem que trabalha para escravizar-se".

Euclides não descreve. O homem é quem lhe interessa: o homem e o seu drama fatal. O drama do **pai** que deixa a família no Ceará, e torna-se **seringueiro,** depois **manso,** depois **fregues,** depois **escravo,** depois **hóspede** ignoto e perdido.

"Não o ligam sequer à terra", grita Euclides. E aquela terra lica o que é: um cemitério sem cruzes.

Leia-se o outro artigo: "Rios em abandono". Que impressão dolorosa diante destas páginas em que Euclides descreve a biografia dos rios nascendo, deslizando e morrendo como os homens; justamente quando parece que a Natureza só sementou para que fôssem as estradas dos homens e para que os homens dêles soubessem aproveitar com raciocínio. Quanto é amargo êste parasitismo do homem!

Podemos dizer a mesma coisa para os outros artigos: "Um cuma caluniado" e um severo estudo de sociologia e de antropologia; "Os caucheros" é uma página amarga de crueidade e de destruição em que os homens aparecem reduzidos a "gafanhotos" da natureza e de si próprios; "Judas-Asvverus" é o trágico espetáculo de uma auto-ironia e de uma auto-caricatura que nos leva aos cenários das bólgias de Dante Alighieri; "Brasileiros" é o esbôço de raros brasileiros em que revive a alma bandeirante construindo e agindo rumo ao oeste; "Trans-acreana" é um concreto programa de solução e de redenção.

Estes sete artigos parecem os sete momentos de um drama, o drama de uma natureza deforme e de uma humanidade imóvel. Nos últimos dois artigos, "Brasileiros" e "Trans-acreana", surge uma luz, surgem o esforço solitário de construção de um núcleo de pioneiros e a vontade firme de um Profeta, de Euclides: a voz clamantis in deserto, desejoso de levar aquele mundo primitivo e bravo para o seio da história, sugerindo estradas e canais, bonificações e reformas, contratos e providências, justiça e civismo.

x x x

Êste livro tem-me feito uma grande impressão: uma impressão mais profunda e mais íntima do que aquela que tenho recebido ao ler Monteiro Lobato e outros.

A realidade de Monteiro Lobato é menos remota. A sua inspiração e mais política, mais poiémica, mais barulhenta. Euclides é mas bíblico, mais humano, mais essencial. Nunca há nêle ostentação, gôzo e snobismo: as qualidades negativas dos que presumem.

Êste livro tem-me feito uma grande impressão, sobretudo porque me parece que êle contenha um estímulo e uma sugestão que nos cabe recolher e pôr em prática.

O estímulo, a sugestão e o dever de nos comportar hoje como se comportou ontem Euclides: lutando, tendo coragem, estudando, pondo-nós diante da realidade humana e social do Brasil com atitude de responsabilidade, esforçando-nos, em cada momento, de afastá-lo sempre mais da "margem da história", empenhando-nos, em cada momento, de levá-lo para a história: o que nada mais quer dizer se não que devemos seriamente trabalhar; pacientemente, constantemente nos esforçar para o bem estar, para o progresso, para a espiritualidade de nossa Pátria, que será o que nós formos e soubermos ser.

BRUNO ENEI

(Para o Centro Cultural "Euclides da Cunha", iniciando a "Semana Euclidiana").

DOIS POETAS ARGENTINOS

Escreve: RAIMUNDO MARANHÃO AYRES
Da Academia Matogrossense de Letras, Diretor de "Novo Mundo" e do P.E.N. Clube do Brasil

É realmente digno de registro e comentário, o intercâmbio cultural que vimos mantendo com ilustradas personalidades das letras continentais e européias. Intercâmbio que se vem processando de maneira eficiente e cada dia mais ativo, proporcionando-nos conhecer os valores internacionais, como também estarmos em contacto com suas obras, difundindo-as entre nós num trabalho que só visa propagá-las nos meios literários brasileiros.

Este é, pois, o caso de muitos livros que, por gentileza dos seus autores, chegam-nos dos mais diferentes países. Hoje, entretanto, abordaremos aqui dois poetas, duas obras de expressivos bardos argentinos. São Eles — Servillano Sólis e Clemente Sancho Lozano. Ambos que gozam de excelente acolhida em sua pátria e também já bastante conhecidos nossos, pelos trabalhos divulgados na imprensa nacional. Vejamos cada um deles através de sua mais recente obra que acabamos de receber e que já foram largamente analisadas e comentadas pelos jornais, críticos e literatos platinos.

x x x

ARCA DE BRONCE — é um volume de poemas de Servíliano Sólis. Depois do sucesso obtido com aquele COFRE DE CRISTAL, que reúne tantas emoções e enfeixa tantas preciosidades, publicado em 1945, surge agora êste novo livro, destinado a colher encômios e louvores para o ilustre poeta portenho. Poemas e Sonetos, versos limados com fluência e perfeição, e, versos brancos, livres, onde seu pensamento vôa e trabalha emoções diversas. Páginas melodiosas onde os alexandrinos são impecáveis. Quadras singulares e cânticos patrióticos de exaltação a datas cívicas e personagens da história argentina. Versos de exaltação a vates memoráveis das letras hispano-americanas, como Santos Chocano, José Assuncion Silva, Diaz Miron, J. J. Berruti (há pouco falecido) como quatas aquarelas, madrigais, baladas e poemas policromicos. Há em todo seu livro uma variedade de produções bem feitas e admiráveis que conseguem êste jovem cultor de belos versos. Não fôsse a carência de espaço com que luta a imprensa, além de realizarmos um estudo mais detalhado de sua obra, transcreveríamos algumas páginas elegantes e curiosas dêsse seu magnífico ARCA DE BRONCE. Mas, de qualquer forma, é que deve ser enfatizado, aqui, é que essa obra palpitante e valiosa merece maior divulgação em nosso país, para maior expansão do seu autor. Servíliano Sólis, é um poeta de sensibilidade apurada, vitorioso, fino cultor de rimas sonoras e cuja obra marcante já ultrapassou as fronteras de seu país.

Seus "CANTO AL 25 DE MAYO", "CANTO A LA CIUDAD DE CORRIENTES", "A DOMINGO F. SARMIENTO", como aqueles poemas rimados à forma de Guerra Junqueiro, constituem, sem dúvida, as páginas mais vivas e mais eloquentes de sua admirável obra, dessa encantadora ARCA DE BRONCE.

Trata-se, portanto, de um poeta fadado a maiores êxitos e cujo renome e projeção se ampliam cada dia pela obra mais aprimorada que realiza.

x x x

Clemente Sancho Lozano — é, como já dissemos antes, também um poeta nosso conhecido desde há vários anos. Lançando seu primeiro livro REBELDÍA Y AMOR em 1940, manteve-nos em 1947 as suas perfumadas e coloridas FLORES SILVESTRES que foram saudadas com entusiásticos aplausos. Inspirado cantor de suaves melodias e enternecedores versos, Clemente Sancho Lozano mostra-se, nesta sua última obra ETERNA ILUSIÓN, o mesmo bardo harmonioso, cantando a vida, a natureza e evocando um mundo de sonhos e inquietações e quantas emoções envôltas de doce lirismo. Produções espontâneas e elegantemente dispostas, numa cadência que eleva o artista e traduz o poeta. Nas suas estrofes bem feitas, encontramos versos que definem sua arte de enamorado das Musas dedilhando a lira.

Diz êle, num dos seus poemas em que pinta o seu auto-retrato e sua poesia:

"Mi verso tiene el encanto
de sueños primaverales,
tiene arrullos pastorales
y vibraciones de llanto".

Graciosos e sugestivos são, pois, os versos seus que formam êsse volume de poemas e sonetos, revelando a fôrça imaginativa e cheia de beleza do seu criador. Um livro repleto de amor e sentimentos fraternais, ornado de matizes evocadores de coisas passadas e sonhos do porvir. Um mixto de romantismo doce contendo as essências do Amor, onde aflora o idealismo fraterno, exaltando a liberdade.

Clemente Sancho Lozano — realizou mais uma grande e sadia aspiração.

ETERNA ILUSIÓN — é mais um triunfo em sua senda literária, uma coletânea de versos primorosos, onde ôutuam, por tôda parte, a alma e o coração do poeta, a sensibilidade e as inspirações sutis do artista militante. ETERNA ILUSIÓN — será, assim, uma eterna mensagem de espiritualismo e de fulgor, projetando ao longe o nome do bardo argentino e a poesia terna e sentimental, tão comum aos latinos. Um livro bastante ilustrado de muitas páginas dignas de versão nossa portuguesa, para maior divulgação em nosso país, de obras de autor de tanta sensibilidade e de tanta ternura.

Aspectos Sociais e Econômicos do Nordeste

Sêcas e Energia Elétrica

Tanto se tem dito a respeito das sêcas nordestinas, e terrível flagelo regional. Na realidade não é somente a falta de chuvas, senão também, a sua constante irregularidade. Nesse particular é conciso e oportuno o conceito do engenheiro Venicius Barredo, diretor do Departamento Nacional de Obras contra as Sêcas: "Do ponto de vista humano, que é o que importa essencialmente, as denominadas sêcas do nordeste são períodos de crise econômica, resultantes de anormalidades na quantidade e distribuição das chuvas. Sêca e sinônimo de penúria, pela queda de produção agrícola, pela destruição de rebanhos, pelo desemprego, e em consequência da falta, irregularidade e má distribuição das chuvas na época normal de cultura, e até do excesso de chuvas fora da estação própria."

E para se combater essa calamidade, duas medidas se integram, sendo igualmente importantes e decisivas:

1º. A Açudagem de Irrigação. Não basta a existência de açudes. Mister se faz que o precioso líquido se canalize, para que a terra possa sentir seus reais benefícios. Desde os princípios do nosso século, o combate às sêcas tem malogrado pela inexistência da irrigação e pela flagrante insuficiência dos reservatórios. A capacidade total de todos os açudes, quer públicos ou privados, mal ultrapassa a casa dos 3 bilhões de metros cúbicos!

2º. A Industrialização da Região: motivo desta nossa palestra.

A expansão de um país se processa em razão de suas formas de energia, transportes e possibilidades cambiais. Em termos objetivos, a Expansão Econômica é o maior rendimento, o aumento da produtividade "per capita". E esta só se consegue com a rederação técnica de produção e fornecimento abundante de energia.

E dentre as formas de Energia avulta para nós Brasileiros, em possibilidades, a energia elétrica. E isso devido não só à natureza estrutural de nossa economia, que é débil, como também pela falta de capitais e ausência de planejamento e investimentos nos diversos setores de nossa produção.

Entre as inúmeras vantagens dessa forma de energia, salientam-se os benefícios em sentido horizontal e vertical; aquelas pela diversidade de aplicação, estas pelos empreendimentos básicos, como indústrias e transporte.

O Brasil Econômico, não se resume na arriscada aventura de mono-lavoura ou mono-indústria. É ele muito mais que isso. É o maravilhoso complexo de atividades em todos os setores econômicos que se desenvolvem e se completam.

E a função genérica da energia elétrica está sempre presente, multiplicando o rendimento físico do trabalho.

Carreado para usinas, o potencial hídro-elétrico movimenta e impulsiona a expansão econômica pela dinâmica de seu crescimento.

— Eletricidade não se importa!

A HIDRO-ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO.

Dentro em breve os primeiros dois geradores com capacidade de 120.000 KW começarão a funcionar. Paulo Afonso levará até ao Nordeste sua preciosa e necessária energia através de centenas de quilômetros de linhas de transmissão.

A Economia geo-econômica dessa região está presa a sofrer uma radical transformação. Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte são atualmente estados agrícolas por excelência.

O advento da eletricidade abundante será o marco inicial de uma nova era para essa região.

O grupo Schneider-Creuzot da França, a Reynolds Metal Company dos Estados Unidos e muitas outras grandes indústrias estrangeiras além de fortes grupos paulistas, cariocas e mineiros realizam inquéritos e estudos para instalarem suas fábricas no Nordeste.

O coronel Carlos Berenhauser, da Cia. Hidro-Elétrica do São Francisco, recebe diariamente inúmeras propostas de industriais, desejosos de para ali transferirem seus estabelecimentos fabris.

A região é rica em matérias primas para indústrias eletro-metalúrgicas e eletro-químicas.

Dêsse afluxo surgirá uma cadeia de benefícas consequências. O complexo orgânico da economia industrial proporcionará níveis de vida mais elevados, e maior poder aquisitivo no Brasil e outras correntes. A de carnaúba, a de babaçu, a de madeira, do café e tantas outras. Tôdas elas, porém, convergiam para uma só atividade central; tôdas as mais lhe eram acessórias. O vulto industrial que está próximo em Paulo Afonso, terá outra amplitude. A envergadura e a diversificação dessas quantas indústrias serão empreendimentos de base. E é disso que carece o Brasil.

Energia abundante, admissão de capitais e indústrias estrangeiras, para solucionar esta angustiante crise por que passamos. Só assim, poderemos na batalha da Produção, chegar aos primeiros lugares, sem ultrapassar o direito alheio, sem usurpar o que não nos pertence, estimulando a iniciativa, em função do fulgor da verdade, da prosperidade coletiva.

Paulo Afonso é um espaço a um imperativo categórico. Multiplicemos, inúmeros esse exemplo pela Brasil afora e encontraremos o que anda nos procurando com tanta avidez de que somos capazes, o triunfo categórico e máximo, que nossa pátria no domínio da Ciência e Progresso será, e, nacional e internacional, a serviço do bem e da felicidade, sem exceção de ninguém.

Lembremo-nos, porém, que o que estamos sem esmo que queremos fazer — Que a posteridade se orgulhe de nós pelo legado que lhe sobrempo legar.

Cel. DÉCIO GUIMARÃES

A Idéia e a Fôrça

General JOÃO PEREIRA

Foi sempre conforme a natureza humana buscar na fôrça bruta a extirpação de idéias. As idéias, porém, tanto quanto os movimentos que se sublevam em uma dêsse espiritual qualquer, não se podem extirpar, como a simples tumulto de arruaderos, pela violência apenas. E não há na História, penso eu, exemplo algum que ma aconte a evidência, a certeza de que o do cristianismo, em seus primeiros séculos.

Pouco fez, realmente, que o baldo desempregado Lucinnissem, que o desabusado dos filósofos, durante a doutrina transcendental que se ia espraiar pela terra e inspirada de seus apóstolos. Pouco fez que, declarados inimigos dos deuses e dos homens, se submetessem os seus prosélitos ao açoite, a fôrça, ao cavalete, a cruz, as unhas de ferro, ao fogo lento e a cruz. Pouco fez que, sob o palavrão literário e algum humorístico de multidões avidas de prazer e sangue, os lançassem às feras, no coliseu, rosnando, para que estas lhes levassem as carnes e os devorassem, sôfregas. Pouco fez, enfim, que, de Nero a Dioclaciano, duas das mais tôrvas e execradas fôrças, em todos os tempos, da espécie humana, as perseguissem e lhes ceifassem, ao mais, cada vez mais cruéis, cada vez mais sofisticados. Pouco fez tudo isso, que, ao invés de se apoucar diante da enormidade de tôdas essas torturas e de tantas perseguições, o número dos cristãos continuava sempre em crescimento, e, a cada dia, mais numerosos, mais fortes, mais a si mesmos, que o Tertuliano, pao talvez, raiou para afirmar, uma vez, ser o sangue dos mártires sementes de cristãos, se, o semeando de novos paladinos daquele esplendente ardimento, coliseus que vinha contra por, com o exemplo impressionante de seus mártires, ao pedestal mais sumo, a humildade, a coragem, a paciência e a dedicação e o amor ao ódio.

Idéias, só se podem combater com idéias. Mesmo quando se houver de confiar à fôrça, a ela, sim, ter rosto a idéia e lhe dar, ainda, a fisionomia, é de mister que se dê a luta uma nova idéia, uma doutrina nova, um pensamento novo.

A vitória das armas, na luta contra idéias que se projetam destruir, só se pode dar quando surgir outra uma nova idéia, se se alcançar a eliminação absoluta de seus sectários. Mas, como fazer, para atingir essa eliminação?

Acresce, conforme o tem demonstrado, a sociedade, a experiência universal, que, quando se intenta a eversão de idéias pela violência, pouco ou não se que acabam por se fazerem partidários seus, e isto por um sentimento natural no homem, de repulsa contra o despotismo.

Idéias, não uma vez, só se podem combater com idéias.

Franciso Roméro,

O Maior Filósofo da América Latina

Se é certo que a gloriosa nação argentina ocupa lugar de merecido destaque, no seio das pátrias civilizadas, principalmente em virtude da requintada educação e cultura de seus filhos, não é menos verdade que, no terreno da filosofia, a sua fama é igualmente invejável. Dos inúmeros vultos de primeira grandeza, que serviriam para imortalizar qualquer povo, três se sobressaem, já pelo valor das idéias, com que brindaram as letras continentais, já pela beleza incomparável, com que o fizeram (e ainda o faz o último dêles) : Korn, Ingenieros e Roméro. Quase inteiramente desconhecido, no Brasil, o primeiro, ocorrendo exatamente o contrário com o segundo, cujas obras andam em edições até populares, é, no entanto, do terceiro que nos queremos ocupar nesta nota.

Francisco Roméro, (que êste é o seu nome todo) pode, sem exagêro, ser considerado como o mais eminente filósofo da América Latina, sem excetuarmos o próprio Brasil. Realmente, em parte alguma vamos encontrar uma figura com tais credenciais e tão unânime glorificação da crítica internacional. De Nova York à Argentina e do Chile à Velha Europa, em todos os centros universitários, seus trabalhos são citados com respeito e admiração. Para dar uma idéia do seu prestígio, aqui vão umas poucas opiniões de alguns mestres da filosofia :

"O mais notável filósofo latino-americano vivo", disse dêle o prof. Edgar S. Brightman". Alfonso Reyes assim se expressou :- "Bastam os nomes de Korn, Ingenieros e Roméro, chamado êste a u'a maior difusão, para assinalar a importância dos estudos filosóficos na Argentina".

P. Enriquez Urena reserva-lhe as seguintes palavras : "São numerosos e vigorosos os grupos de pensadores originais na Argentina, onde se destaca sôbre tôdas a figura de Francisco Roméro". W. Rex. Crawford, da Universidade de Pennsylvannia, considera-o "o mais interessante filósofo da Argentina atual". Guillermo Francovitch, da Universidade de Sucre, Bolívia não trepida em classificá-lo "o mais prestigioso pensador latino-americano da atualidade". E, finalmente, a "Revista Hispânica Moderna" de Nova York : "pode ser considerado, hoje, a figura máxima da filosofia latinoamericana e se está situando à testa dos cultores da filosofia em língua espanhola". São conceitos assás ponderados e justos, emitidos por pessoas de responsabilidade.

Vejamos, agora, a sua ficha de professor e a sua obra : Ex-professor das Universidades de Buenos Aires e La Plata. Professor no Instituto Nacional do Professorado. Fundador e Diretor da Biblioteca Filosófica (Editorial Losada). Secretário da Cátedra Alejandro Horn (Colégio Livre de Estudos Superiores). Diretor da Revista "Realidad", Buenos Aires. Diretor do Comitê das Revistas : Sor, Eramos, Philosophy and Philosophic Research, The Personalist e Philosophic Abstracts. Membro Honorário Estrangeiro da American Academy of Arts and Science. Membro Honorário da Academia Cubana de Artes e Letras. Membro de Honra da Universidade do Chile. Membro Honorário da Sociedade Chilena de Filosofia. Membro Honorário da Sociedade Peruana de Filosofia. Membro da Academia de Ciências de Buenos Aires; do Instituto de Filosofia Jurídica e Social; e de outras instituições científicas. Membro do Comitê Diretivo da Federação Internacional de Sociedades Filosóficas (Sorbonne).

x x x

Cielo, Playa y Mar...

(Conclusão da 6a. página)

pueden alterar. Que el avance de un elemento sobre otro no prolonga su dominio, pues será siempre contenido, y repelido a su lugar. No habrá predominio de ninguno, ni ninguno podrá superar a los demas.

! Armonía, ritmo acorde, igualdad de primar !

. . . . . .

Claro día de transparencia de cristal.

Cielo pálido, tachonado del blanco de nubes viajeras surcando en lenta marcha la senda azul.

Playa blanda y húmeda extendiendo su pendiente en suave declinar.

Mar brillante espejando el Sol cenital en sus ondas guardadoras del coral.

Melodía de los vientos, alegría del color. Paz grandiosa, templanza ideal.

Del seno de la tierra, tierno lecho donde jugaban las olas del mar, surgió el fragor bravío de su fuerza interior que, rajando la corteza, impulsió hacia el cielo el fuego destructor. Sacudióse el suelo y volcando moles, arrojó las aguas con vigor.

Apagóse del cielo su brillo y velóse su color.

El mar majestuoso, de la playa se retiró abriendo los abismos cuyas simas cubriera con su verdor.

Mas, no retuvo el aire las cenizas ni el calor y las libró cayendo fatales sobre el suelo que las expedió.

Y el mar, reuniendo sus aguas, retornó impetuoso y arremetió incontenible demoliendo los bordes que limitaran con las costas, cuando en las arenas de las playas entonaba cadencioso.

Paraná, (Argentina), Noviembre 23-3-953.

Os Jesuitas

Uma página de EDUARDO PRADO — — — —

A obra dos jesuítas faz a admiração de todos os historiadores. São milhões e milhões de seres que viviam como feras e cujos descendentes hoje vivem como homens. São rios, lagos, montanhas e planícies, revelados ao mundo por êsses inumeráveis viajantes da Companhia, que eram santos, geógrafos, escritores, historiadores e naturalistas e cujas obras sôbre as novas terras formam por si sós bibliotecas, que a posteridade relê, sempre aprendendo.

Sem falar no México e no Perú, cujas populações em parte foram salvas da morte por êles e por outras ordens religiosas, pode dizer-se que as três grandes maravilhas dos jesuítas na América, foram o Brasil, o Canadá e o Paraguai. Do Brasil, primeiro teatro de seus trabalhos, foram os primeiros jesuítas que subiram o Prata e foram civilizar o Paraguai; êsses jesuítas, espanhois, italianos, irlandeses e portugueses haviam já praticado no Brasil, na escola de Nóbrega e Anchieta, e para o Paraguai levaram seu sublime espírito. Foram mandados por Anchieta, em 1.587; quando exercia o cargo de Provincial. Foi o apóstolo do Brasil, de certo modo, o fundador das cristandades jesuíticas do Paraguai. Mais tarde, quando os paulistas armados de "escopetas" e vestidos de "couraças de couro", à moda de dalmáticas, protegendo-os das setas, e ao som de caixas e de bandeira desfraldada", conforme nos conta o padre Montoya, assaltaram as reduções indianas, acharam à sua testa os jesuítas.

Poucas páginas mais comoventes e trágicas tem a história do que a dos padres jesuítas, que, vendo aprisionados e cativos os seus filhos espirituais, acompanharam-nos a pé, desde o Paraguai até São Paulo, consolando-os com a celeste esperança. As caçadas humanas de paulistas duraram até a data em que os jesuítas com licença real armaram os seus povos. Os nossos mamelucos foram rechassados, encerrou-se a história de suas correrias e as reduções do Paraguai tiveram paz mais de um século sob êsse govêrno jesuítico, que desde Montesquieu até Augusto Comte tem recebido a admiração de todos os gênios e insultos de todos os ignorantes. No século passado, Pombal, que tinha a singular mania de regular a sua política pelo que dela dissessem os estrangeiros, inundou a Europa de livros e folhetos, em tôdas as línguas, contra os jesuítas e, especialmente, os do Paraguai. Preparava Pombal o golpe da expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses, de que foi para o império ultra-marino português outro Alcácer-Kbir, como o do século XVI para o reino lusitano. Com a expulsão dos jesuítas, no século passado, a civilização recuou centenas de léguas dos centros do continente africano e do Brasil. As próperas povoações do Paraná e do Rio Grande do Sul caíram em ruinas; os índios volveram à vida selvagem; as aldeias do Amazonas despovoaram-se e, até hoje, reinam a solidão e o deserto onde havia já a sociabilidade humana. Em nossos dias, a bandeira da Inglaterra, da Alemanha, da Bélgica ou da França tremulam em África sôbre as ruínas de edificações religiosas, num solo que seria português, se não tivessem sido largadas ao abandono e votadas ao esquecimento, aquelas terras onde, pelos missionários, dominava Portugal. A História é, porém, justiceira. As imperfeições que mostrou, as faltas que cometeu, por vezes, a Companhia, desapareceram diante da grandeza dos seus serviços. Hoje, ninguém com mediana instrução histórica e bibliográfica fala mais na Monita Secreta, obra da Calúnia e perversa falsificação, conhecida e desvendada.

Plínio Ayrosa, o Mestre de Piratininga

A obra que o Prof. Plínio Ayrosa vem empreendendo, no campo da pesquisa glotológica americana, é das mais extraordinárias. Pioneiro incontestável e incomparável no terreno da tupinologia científica, êle, cada vez mais, se agiganta aos olhos dos que amam as coisas genuinamente brasileiras, conquistando-lhes a estima e admiração. É que, sem os rompantes de certos despositários únicos da verdade ou mestres consumados dos baldões rasteiros, a sua modéstia é tamanha, que nem sequer se considera credenciado a ditar cânones ou aclarar dúvidas.

Muito mansa e humildemente, declara, em seus magníficos escritos, nada mais ser que simples obreiro da grande oficina da ciência. Enquanto os seus detratores e falsos colegas declaram, despeitosamente, que outra devêra ser, que não a tupi-guaraní, a designação de sua cadeira na Faculdade de Filosofia, de São Paulo, êle, mui acertadamente, emprega seu tempo em reproduzir, interpretar ou completar textos antigos, escritos pelos jesuítas, ou vocabulários, por vezes, de autores desconhecidos.

Vai, assim, para mais de uma dezena o que lhe devemos de publicações importantes em tupi : "As Partes do Corpo Humano em Tupi", "Dicionário Português-Tupi", "Dicionário Tupi-Português e Português Tupi", "Os Nomes de Parentesco em Tupi", "Primeiras Lições em Tupi" e por aí vai. Só mesmo quem se dedica a semelhantes estudos é que pode avaliar a importância dessa contribuição. Mas, mesmo no que se refere à designação mencionada, nenhuma razão assiste aos Edelweiss e Barbosa, ao pretenderem inculcar o têrmo tupí apenas ou guaraní para, isoladamente, traduzir os idiomas afins. O que êles dizem não deixa, entretanto, de mostrar que é Ayrosa quem está certo, pois que, indubitávelmente, quando emprega a expressão Idioma Tupí-Guaraní não se refere senão à relação afinitiva antiga, já que o guaraní pouco ou nada difere do tupí antigo, embora muito se afaste da língua falada atual ou hengatú. Ninguém, que tenha rudimentos de tupinologia, deixará de reconhecer esta verdade incontrovertível : tanto gramatical como léxicamente, o tupí antigo parecia idêntico ao guaraní, tão semelhante, que os guaranís eram chamados tupís do sul. Seria, mais ou menos, o que, filológicamente, no campo das línguas neolatinas conhecemos por fenômeno galáico-português. Não vamos, porém, aprofundar-nos em tais investigações. Limitêmo-nos, por ora, ao reconhecimento do que devemos ao Inclito Mestre de Piratininga, que está dando novos Brasís ao Brasil, reconduzindo-nos, assim, às raízes históricas, de que nos havíamos distanciado, graças aos falsos cientistas e monopolizadores, que pululam nos gabinetes das metrópoles e nos desvãos das casas grandes. A sua obra, ao contrário, é de ciência e consciência, de sinceridade e objetivismo, de contáto direto e probidade científica, de originalidade e compreensão. Dest' arte, não seria demasiado dizer-se : a tupinologia antes de Plínio Ayrosa e depois de Plínio Ayrosa. Antes, o descaso, a ignorância, a confusão; depois, o devotamento, a ilustração, a clareza interpretativa. Que assim continúi, por muitos anos ainda, a conduzir a grei ameraba é o que, do fundo dalma, desejam os confrades do Centro Cultural "Euclides da Cunha".

Queja

Este buscar el nudo de la vida
es recia empresa, pero cautivante.
Sabrosa exploración, lidia constante
por hoscos territorios sin salida.

No se aviene el sosiego ni la huída;
a cada hallazgo, la obsesión quemante
de perder el deleite trashumante
en la misma raíz de su caída.

Y El, que se recluye y no me alienta,
eludiendo el tafúr de mi reclamo
cada vez más cordial y acompasado.

Yo no comprendo de Dios pero le amo :
soy no más un misterio que alimenta
una llaga de tiempo en su costado.

Julio Aristides

Buenos Aires — Argentina.

EL HOMBRE FRENTE A DIOS

Para el periódico "TAPEJARA"
JULIO ANSELMO RICA

Cuando pensamos en lo que es el todo y queremos darle una unidad individual, nos resulta imposible concretarla. ? Cómo coordinar las tan dispersas y diferentes partes para formar la unidad del todo, en un cuerpo orgánico, e integrarle de todas las partes ? ? Cómo concebir ,además, la unidad mental y directiva de el todo ?

Frente a la situación de no poder resolver el problema, simbolizamos esa función en algo abstracto denominado DIOS y NATURALEZA, esta denominación vendría a ser la unidad coordinadora del todo, compuesto por trillones de trillones de partes, uno de esos trillones de partes somos cada uno de nosotros. Ya que al TODO lo representan el átomo, el reino mineral, vegetal y animal (incluso el hombre), los mundos, astros y millones de sistemas planetarios, en fin, todas las formas orgánicas e inorgánicas del universo.

Imaginemos a ese TODO compuesto de un cuerpo (el universo material) y de una Mente con voluntad directiva (las leyes universales). Sería similar a un ser humano, ya que cada uno de nosotros, celular y atomicamente somos una entidad parecida al microcosmo frente al macrocosmo. Relativamente, tenemos un parecido al todo en nuestro cuerpo orgánico y también, en la unidad directiva de nuestra personalidad denominada YO o ESPIRITU.

Observándonos, vemos la extraordinaria semejanza, pues tan desconocido es el Dios como nuestro Yo. Sabemos de la existencia de nuestro yo mientras se encuentran unidas las partes integrantes de nuestro cuerpo; en cambio, nada sabemos de nuestraa identidad sin la existencia material del cuerpo, a su vez, formado por multitud de partes.

Cada parte de nuestra entidad esta formada por complicadísimos sistemas orgánicos, perfectamente ordenados. Los cuales, a simple vista, parece que no obedecen a nuestro YO conciente-racional, ni tenemos ingerencia en su composición y estructura, ya que cada uno de esos sistemas, tanto el óseo, nervioso, sanguíneo, digestivo y respiratoria son autónomos en sus funciones, pero trabajan en coordinación y complementan nuestro ser.

Lo mismo sucede con los organismos sensoriales de la vista, el oído, el tacto... cada uno desempeña una función específica, importante, e indispensable para nuestra integridad. Estan a nuestro servicio.

Cada uno de estos sistemas, convenientemente organizados y disciplinados, están formados por millones de células, y cada célula es independiente, ES UN SER INTEGRO, que vive necesariamente para la complementación de cada uno de nuestros sistemas.

Cada célula cumple celosamente una función necesaria e indispensable, pero no impresindible. Cada unidad celular, tampoco obedece a nuestra voluntad racional ,pareciera que desconocen la existencia de nuestra personalidad. ? O nos imaginaran, así como imaginamos a Dios ?

Si nos ponemos a pensar sobre. ? A quién obedece cada célula para llevarse correctamente la función que le corresponde y "saber" lo que tiene que hacer ?, quizá quedemos sin lógica respuesta. Podríamos suponer que obedecen tanto a Dios-Naturaleza a nuestro Yo-Inconsciente — Naturaleza, o sea, fuera de nuestro cocimiento racional.

Ese YO-NATURALEZA es mi ser, integra mi personalidad, semeja en cierto aspecto a el otro grandioso problema del todo, DIOS-NATURALEZA, compuesto por cada uno de nosotros como partes del todo. De manera que yo, en el todo, represento una simples célula. Lo mismo que cada célula de mi cuerpo. En sí, no soy indispensable, pero si necesario.

Cada hombre es parte del todo, pero el todo puede existir sin la participación de cada hombre.

Por otra parte, cada célula es diferente, individual y desempeña una función específica, parece que también tuviera un alma e inteligencia, ya que para realizar el trabajo que hace, desarrolla una inteligencia u obedece a una fuerza potencial de la LEY.

Analizando la composición y estructura de la célula, nos encontramos ante una complejidad extraordinaria, ya que los últimos descubrimientoms en la ciencia nuclear nos conducen a serias reflexiones, tanto en su composición estructural, formación geométrica, acción genética, funcionamiento e inteligencia o instinto, y todavía, sin entrar en el complejísimo sistema atómico. En consecuencia, reconocemos que la célula ES UN SER.

Ahora bien, volvamos a nuestro YO integral. Resultamos ser grandiosos ante la célula, pero a su vez, somos insignificantes frente al TODO.

Mi yo, a semejanza de tu yo, somos algo consciente-racional y genético-instintivo que nacemos, nos alimentamos, queremos vivir, "recibimos" sensaciones, procreamos, cumplimos una misión y nos desintegramos (morimos). Igual proceso sucede en cada célula, nace, se alimenta, quiere vivir, procrea, cumple una misión y se desintegra (muere). No es igual el proceso, mas sí parecido. Muere la célula y muere el hombre como unidad orgánica, pero como esencia : no sabemos, ya que la esencia escapa a nuestro análisis. No poseemos elementos para seguir la trayectoria a la esencia o "alma" de la célula, también escapa a nosotros, nuestro propio espíritu, asimismo el de los demás.

Cabe interrogar ? Seguiremos existiendo después de nuestra desintegración ? y si fuera afirmativo, entonces ? podremos encontrarnos ? ? Sabremos, que el Yo es nuestro YO ? Tremenda incógnita ! Porque si mi yo sigue existiendo como esencia pero pierdo la conciencia, la memoria, el saber, el carácter y el saber que yo soy yo, entonces de nada me importa seguir existiendo como esencia, ya que prácticamente, entro en la nada de mi yo-personalidad. Al desaparecer mi entidad individual, es lo mismo que si se desintegra mi espíritu.

Nuestro yo, integra un organismo que semeja a una célula en sus funciones fundamentales, y asimismo, también al TODO es similar a cada uno de nosotros.

Observamos que los sistemas planetarios, en su estructuración, son parecidos a un átomo y en cada célula hay males de átomos, a su vez el TODO con sus trillones de mundos y sistemas, formarían en su conjunto el cuerpo de un SER FANTASTICAMENTE ENORME, al que denominamos DIOS-NATURALEZA. ? Ese Dios-Naturaleza — en su mente —, y dentro de su inmensidad, sabrá que él es él ? ? Se encontrará asimismo ?

Si en proporción al volúmen esta calculado el tiempo de vida o desintegración, o sea, si una célula vive días o meses. Un ser humano alrededor de 60 años, en consecuencia, debido a la similitud existente entre célula, hombre y Dios, cabe suponer que, también el todo o Dios tendrá un fin en proporción a su volúmen y se operará su propia desintegración, así sea en trillones de siglos, sucedida esa desintegración o muerte de Dios-Naturaleza la esencia o Dios-Mente ? Seguirá viviendo ? Sabrá que él es él, y podrá encontrarse ? o se confundirá en una esencia mayor, dónde el sólo será una parte entre otros millones de dioses y cada uno con un (cuerpo) universo o Galaxia. Dónde cada Dios sería una insignificante parte de otro cuerpo fabuloso y descomunal, a semejanza de una célula en nuestro cuerpo.

Siguiendo la analogía entre célula y hombre, nos encontramos con otro problema, la célula nació, vive, se alimenta, procrea, muere, deja descendencia; el hombre también. ? Dios o los dioses, seguirán esta misma ley ?

Por otra parte, si yo conscientemente no controlo a mis células, ni sé cuando nacen o mueren, ni dirijo sus voluntades, ni sé lo que "piensan" o si cometen pecados. Tampoco sé, si entre ellas existen comunidades dirigidas con gobiernos democráticos, tiránicos o monárquicos, con pontífices de religiones. Si poseen ciencia, arte, cultura y moral. Lo que sí sabemos es que entre esas comunidades de células hay enconadas luchas y se producen verdaderas batallas a muerte, pues hasta llegan a enfermarnos y finalmente nos conducen a la muerte.

Las células ? tendrán también sus emociones, atributos y cualidades, como ser : carácter propio, orgullo, vanidad, arrogancia, placer y dolor, ? Y con los dioses. ? No sucederá lo mismo ? De idéntica manera. ? Dios sabrá que yo existo ? ? qué control puede tener por sobre mi ser ?

EVA PERON, 4 de mayo de 1953.

BALZAC entre nosotros

EL MUSEO ICONOGRÁFICO DE HONORATO DE BALZAC Y LA CONFRATERNITÉ UNIVERSALLE BALZACIENNE, DE MONTEVIDEO

Para "TAPEJARA", cordialmente.

El genial autor de "La Comedia Humana" tiene en esta capital un profano santuario en su honor, para difundir las enseñanzas de sus libros y hacer aun brillar con mayor fulgor la plurifacetariedad maravillosa de este Maestro.

El Museo Iconográfico Balzaciano, con sede en la actualidad en la calle Solano García 2587, en Villa Biarritz, fué creado en 1929 por su Director Don Santiago Gastaldi, montevideano, nacido el 21 de Diciembre de 1891, en pleno corazón de esta ciudad : en la calle Miguelete y Ejido.

Realmente curioso es el génesis de la vocación de balzacista de este hombre de letras.

Balzac fué el gran hallazgo de su vida, y a quien, desde sus primeros 20 años, ha dedicado los más numerosos y ricos de sus esfuerzos. Lo leía hasta en los intervalos de teatro, ensimismado en el su butaca de espectador. Ya, en 1920, comenzó a publicar sobre Balzac en la revista mensual "La patria italiana en el Uruguay", dirigida por Don Rafael Abella, después, lo hizo en el suplemento de "La Mañana" dirigido por el ilustre Otto Miguel Cione; luego, en "El Ideal", a cargo del Dr. Alber Schinca, más tarde al de Don Ricardo Escúder, y con posterioridad en "El Pueblo", dirigido por el Dr. Juan Antonio Buero.

Y de este intenso y perseverante amor admirativo a Balzac, de Gastaldi, surgieron dos grandes frutos : 1°. La Confraternité Universalle Balzacienne, hermandad que une a más de 3.000 lítectores distribuídos en los más diversos puntos del mundo. Idealista organización que mantiene el hombre de Balzac como gallarda bandera de comprensión solidaria con la humanidad.

Esta Confraternidad fué fundada en 1929, y tuvo por primera reunión preliminar a su constitución, a la realizada en la redacción de "La Mañana", en la calle Ciudadela, por los amigos de Santiago Gastaldi, Otto Miguel Cione, Julio Frieri y Américo Agorio. Después, se hicieron varias reuniones en la residencia del Sr. Gastaldi. 2°. El Museo Iconográfico de Honorato de Balzac.

Su inauguración, en 1935, tuve lugar en la pintoresca Villa Colón, donde permaneció instalado hasta hace unos cuatro años.

La prensa se ha ocupado muchas veces de este museo. En el "Mundo Uruguayo", apareció, hace años, una interesante nota, firmada por Servando Cuadros.

? Qué posee este museo especializado ? Miles y miles de ilustraciones, de textos balzacistas, cien y tantas carpetas con minuciosa y excelente información personal de Gastaldi-en su mayoría — sobre el eminente autor de "Papá Goriot". Fotografías de visitas de personajes a este instituto cultural, condecoraciones a su director y propietario.

Este museo, verdadero ambiente francés injertado en Montevideo, ha sido visitado por muchísimas personalidades, entre estas, en 1940, recuérdese a Stefan Zweig, que llegó a él en búsqueda de material literario para escribir la biografía sobre Balzac, obra que dejó incompleta al quitarse la vida en Petrópolis (Brasil), en Febrero de 1942.

El album de visitantes de este museo, registra firmas prestigiosas como las de : Rufino Blanco Fombona, Arturo Capdevila, Pierre Defontaine, Eugen Relgis, Carlos Martínez Vigil, Raúl Montero Bustamante, Margaritta Sarfatti, Leo Poldés, Gastón Figueira, Alberto Zum Felde...

En 1939, Don Santiago Gastaldi recebió del Gobierno de Francia la encumbrada distinción constituída por las Palmas Académicas, oficial recompensa a sus trabajos por Balzac, que, en causa no muy lejana, lo son por Francia y por el Uruguay, principalmente.

Muchas son las distinciones, recibidas por Gastaldi provenientes de todas partes del globo; pero, antes diríamos que su obra tiene la adhesión de : Camille Mauclair, Gabriel Hanoteau, André Maurois, W. Somerset Maugham, Gabriela Mistral, Albert Einstein, Henry Bordeaux, Manuel de Falla, Ricardo Rojas, Mauricio Maeterlinck, William Hobart Royce y tantas otras preclarísimas.

Además, Gastaldi, ha publicado — y sigue haciendolo — durante más de 30 años, artículos en su mayoría sobre Balzac y su obra, en diversos diarios, periódicos y revistas de vários continentes : En nuestra "Revista Nacional", en "El Comercio" de Lima, en "La Prensa" de Nueva York, en "La Mañana" y en "La Tribuna Popular" de Montevideo...

Figura de responsabilidad en el campo de las letras es este balzacista, dando testimonio elocuente de su valía los siguientes títulos honoríficos, entre tantos otros, con que ha sido agraciado : Miembro Correspondiente de la Académie de la Pensée Française, Miembro del Comité de Honor de la Fédération Internationale Des Arts, Des Lettres et Des Sciences, Miembro de Honor del Club Faubourg, y Vicepresidente honorario de "The Glorius Company of Balzacians of America", de Nueva York.

Tal es este museo, esta confraternidad balzacianos, y tal es Don Santiago Gastaldi, amable literato que ha ofrendado su vida entera a la personalidad hercúlea del gran psicólogo en sus libros, que fué Balzac, con su pluma llena de color, de vida exuberante.

Las obras de este magnífico francés constituyen una grande y potente antorcha, toda luz, y es Gastaldi, en el Uruguay, quien la sostiene con abnegada eficiencia, desde hace más de un cuarto de siglo, alumbrando a la humanidad, siempre en pos del más alla dichoso.

RIMAELVO ARDOINO (Montevidéo)

PONTA GROSSA *antiga*

Desfrutei a meninice
Pouco antes da grande guerra,
Quando reinava na Terra
A paz, fartura e alegria.
Os armazéns exibiam
Produtos do mundo inteiro,
E apenas por um cruzeiro
Bom Moscatel se bebia...

A cidade ia crescendo
Sem jardins nem calçamento,
E quando soprava o vento
Densa poeira circulava.
O casario era baixo,
Contava raros sobrados,
E por cima dos telhados
A passarada chilrava.

A religião era o enlevo
Das familias princesinas,
Que habitavam as colinas
Dos belos Campos Gerais;
Criando enormes rebanhos,
Vivendo com a natureza,
Possuiam fôrça e nobreza,
Riqueza e fé sem rivais.

Aos domingos, quando o sino
Da ampla Matriz bimbalhava,
O povo se encaminhava
Prra o templo tradicional,
Tangendo os filhos por diante;
As famílias numerosas,
Trajando roupas vistosas,
Levavam "têrço" e manual.

Vivia-se calmamente
Num Brasil bem brasileiro,
Sem o automovel lampeiro
Nem o cinema malsão;
Futebol não existia,
Mas sobejavam prazeres:
O turfe, o baile e mulheres
Dignas de alta adoração.

O fato mais memorável
Da existência provinciana,
Era a festa de Santa Ana,
Que empolgava a multidão
Com o esplendor das novenas,
Ricos leilões, cavalhadas,
Grandes fogos, alvoradas
E soberba procissão.

Quando Junho despontava
Envolto em brumas e geadas,
As noites eram saudadas
Com foguetes e balões;
Ardiam grandes fogueiras
Nas praças e nas esquinas,
E ouviam-se cavatinas
Ao som de errantes violões

Após os glaciais invernos,
A primavera surgia
Cheia de encanto e alegria,
Como a alvorada do amor.
Noivavam as laranjeiras
Repletas de passarinhos,
Cantando, fazendo ninhos
Pelos pomares em flor.

Sentindo a ardente euforia
Daquela ressurreição,
A mocidade sadia,
Ebria de amor e paixão,
Entoava salmos sublimes
Com piedade e gratidão,
Quer nos templos, quer nos lares,
Ao Autor da Criação.

Outra nota pitoresca
Da cidadela incipiente,
Era o desfile imponente
Das grandes tropas de muares,
Enchendo ruas inteiras
Com seu tropel majestoso,
Qual cortejo belicoso
De legiões peninsulares.

A riqueza paranista
Naqueles tempos distantes,
Que enchia carros gigantes
E caravanas sem fim,
Em busca de Ponta Grossa,
Para ser beneficiada,
Era a erva mate cancheada,
Das matas o galarim...

Todas as casas possuiam
Linda horta de verdura
E um pomar em miniatura,
Com muito pessego e uvas,
Laranjas, peras e ameixas,
Até figos e maçãs;
Oh! Quantas frutas louçãs
Sazonavam com as chuvas...

Esses mimos da natura,
Que vão se tornando raros,
Não eram pifios nem caros,
Mas fartamente existia...
A gurisada madraça,
Com certo jeito e amizade,
Comia fruta à vontade,
Porque ninguem as vendia.

Quase todas as familias
Tinham cavalo à cocheira
E mais a vaca leiteira;
O leite e o queijo abundavam
Nos lares ricos e pobres,
Porque muitos fazendeiros
Liberais e hospitaleiros,
Até vacas emprestavam.

Tal era o genio do povo!
Que vida amena e singela
Desfrutava a cidadela
Tão rica — e sem atavios;
O pano que se vestia,
Era por nós fabricado; (1)
De trigo aqui cultivado
Faziam-se pães sadios.

A Escola era alegre e franca,
Não exigia calçado;
Nem guarda-pó alvejado,
Nem livros todos iguais;
Ao envés dessas "coquetes"
Que vão lá falar de amores,
Tinha graves professôres,
Muito esforçados e leais.

No belo mês de Dezembro,
Quando o verão abrasava,
A gurisada rumava
Para os poços da Planchinha
E lá aprendia a nadar...
Passava o dia enlevado
Contemplando a natureza
E regressava à tardinha.

Nas longas tardes de outono,
O céu se enchia de estrelas
— Vermelhas, verde-amarelas
Que se afundavam no ar;
Eram nossos "papagaios"
De mil formas diferentes,
Que saudavam sorridentes,
A brisa crepuscular.

Como era bela a existência
Nessa bucólica aldeia,
Que ampla fartura estadeia,
Muita beleza e bons ares
Tudo era simples e honesto
Na pequena sociedade;
Reinava franca amizade,
Muito respeito nos lares.

4-8-53.

(1) Existia uma grande fábrica de tecidos, sita à rua Ermelino de Leão, e duas malharias...

RIBAS SILVEIRA

As Lenheiras

(Um quadro real de Ouro Preto)
(Para Bernardo Guimarães Filho)

Mal o sol no horizonte abre as cortinas de ouro,
para mandar à terra o seu alegre fecundo,
e elas, filhas do povo, os machados ao ombro,
rodilha na cabeça, ao mato se dirigem.

Vestidas de algodão ou saco de aniagem,
porém, puras também, e algumas bem formosas,
vão em busca do pão cotidiano da vida,
para algums, tão macio, e para outros, tão duro.

Há conversas pueris, há cortes de "tesouras"
na vida alheia... E vão-se alegres todas elas!
Porque a vida do pobre, apesar dos pesares,
porque tem Deus, é mais feliz do que a do rico.

Não nas perturba o meio em as suas vanglórias!
Não têm a inquietação dos que vivem pensando
no dinheiro, que está girando pelos bancos,
no medo de perder o que a avareza guarda.

Umas com muito amor seus maridos ajudam,
outras, solteiras, têm o desejo e a esperança
de com a vinda da lenha ajuntar um pouquinho
para a compra por vir do vestido de noiva.

Umas sabem de cór e cantam as modinhas,
que as mamães e as vovós cantavam quando moças...
A velha escola vibra — o doce romantismo —
que, apesar de ameaçado, está vivendo sempre!

Lá ficam pelo mato o dia todo...
A tarde,
antes de o Sol cerrar suas cortinas de ouro,
regressam...
No suor que vem caindo em bagas,
garantiram o pão cotidiano da vida!

Heroinas! eu vos amo, e vos respeito, e admiro!
Não vos tentou o mundo, o vício passou longe!
Compreendestes que a Vida é o trabalho, e o trabalho
é a dignificação da criatura humana!

Quão gostoso vai ser o humilde jantarzinho
à beira do fogão, ao sabor de anedotas,
de quedas, sustos vãos, casos acontecidos,
passando algum ribeiro, escorregando a-tôa...

O café no caneco ou na cúia ou na xícra,
e, depois, o serão, ou um passeio à rua...
Fechada a noite, o leito ou de macela ou palha,
e o sono sempre em paz dos bons e dos humildes!!

Patrícias: eu vos amo e com um amor fraterno!
Trabalhai! bendizei o trabalho do pobre!
Crêde sempre no Céu, que abençôa e redime,
não deixa ao desamparo o pobre que trabalha!...

CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS

XXXI Sessão a ser realizada em São Paulo, Brasil

Sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, o trigésimo primeiro Congresso Internacional de Americanistas será realizado, de 23 a 28 de agôsto de 1954, em São Paulo, Brasil.

Os principais assuntos a serem considerados nessa sessão são os seguintes:

Etnologia Sul-Americana, especialmente Brasileira.
Etnologia Norte-Americana
Etnologia Centro-Americana

x x x

Arqueologia Sul-Americana, especialmente Brasileira
Arqueologia Norte-Americana
Arqueologia Centro Americana

x x x

Lingüistica Sul-Americana, especialmente Tupí-Guaraní
Lingüistica Norte-Americana
Lingüistica Centro-Americana

x x x

Antropologia-Física Americana, especialmente Brasileira

x x x

História das descobertas e da colonização das Américas, especialmente do Brasil

x x x

Problemas de mudança cultural nas Américas, especialmente no Brasil

x x x

Estudos da personalidade entre índios, especialmente em tribos brasileiras

x x x

Estudos afro-americanos, especialmente afro-brasileiros

x x x

Estudos sôbre a origem das plantas úteis das Américas, especialmente do Brasil.

Comissão Organizadora: Presidente: Herbert Baldus; 1º. Secretário e Tesoureiro: Antonio Rubbo Müller, Escola de Sociologia e Politica; 2º. Secretário: Harald Schultz, Museu Paulista. Conselheiros: Paulo Duarte, Consultorio Técnica do Serviço de Congressos da Comissão do IV Centenário da Cidade de S. Paulo — Plinio Ayrosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Endereço: XXXI Congresso Internacional de Americanistas, a. c. Prof. A. R. Müller, Escola de Sociologia e Politica, Largo de S. Francisco, 19, São Paulo — Brasil.

Euclides da Cunha, escritor do seu tempo

ALVARO AUGUSTO CUNHA ROCHA

(Palestra proferida nos auditórios da P.R.J-2 em 11 de agôsto p. passado).

Para desdobrarmos o título desta crônica, cujo mérito, talvez, seja tão sòmente o de ver aqui reconhecida como simples crônica ,tornam-se obrigatórios a fixação dos conceitos básicos de Euclides da Cunha como escritor, e o esbôço, ao menos, das influências que marcaram o seu tempo.

Já é possível, hoje, dizer-se que Euclides foi essencialmente escritor, e, além disso, que foi um escritor essencialmente do seu tempo, sem embargo, naturalmente, da perpetuidade da obra.

A propósito de Euclides como escritor, houve uma fase na história de nossas publicações literárias em que era moda escrever-se sôbre cada uma das incursões de Euclides, pelos mais diversos setores de atividade intelectual, fato que, aliás, veio dar origem a muitas afirmações apressadas. Assim foi que tivemos : Euclides da Cunha, **naturalista**, de Roquette Pinto; Euclides da Cunha, **engenheiro**, de Maurício Joppert; Euclides da Cunha, **escritor político**, de Mário Casassanta; Euclides da Cunha, **criminalista** (. . .), de Roberto Lyra; Euclides da Cunha, **geógrafo**, de Raja Gabaglia, — e muitas outras monografias.

Na esteira de trabalhos desta natureza, o sr. Firmo Dutra, em 19 de agôsto de 1938, pronunciou no Itamaratí uma conferência como o título : Euclides da Cunha, geógrafo e explorador. Essa conferência foi criticada oralmente, logo em seguida ao seu pronunciamento, pelo sr. Eloi Pontes, vindo tal discussão levantar o problema inútil de que Euclides da Cunha estava sendo monopolizado por uns e outros especialistas, quando cada um deles tentava arrastar o escritor para o domínio da sua esfera pessoal. O sr. Eloi Pontes, todavia, incorreu no êrro dos seus contrários quando, na sua contestação, considerou Euclides **exclusivamente** escritor, ou seja, que Euclides foi geógrafo, historiador, sociólogo ou mais que fôsse, **pelo fato único** de ser escritor. Cremos, entretanto, que o problema, além de irrelevante, veio muito mal colocado, pois é evidente que, no caso, não existe relação necessária de causa e efeito. Euclides nasceu com uma vocação irresistível de escritor; manifestou-se como geólogo, historiador ou sociólogo, outrora, de fato, com ser essencialmente escritor era também, para a cultura do seu tempo, — uma cultura não afeita a especializações — geólogo, historiador, sociólogo ou mais que fôsse — tudo sem prejuizo, antes com refôrço, de uma extraordinária personalidade de legítimo artista da palavra. Sendo escritor essencialmente do seu tempo, Euclides da Cunha foi escritor **dionisíaco**. Em oposição a **apolíneo**, dionisíaco será o artista que, desde os gregos e, praticamente, antes deles, — prefere, ao tranquilo tipo de beleza de Apolo, a beleza inquieta e máscula de Dionísio, deus que, entre os gregos, correspondia ao Baco dos romanos. O dionisíaco é sobretudo exaltado, comburente e cósmico, permite-se a largas visões do mundo e do tempo, e escreve empresitando à própria tessitura da obra o calor de seu estado de nervos. Assim, entre nós, Euclides e Castro Alves são tão dionisíacos quanto Machado de Assis e Olavo Bilac são apolíneos. Por outro lado, o tempo de Euclides era mesmo de dionisíacos, enquanto que a própria índole latina do brasileiro já por si parece existir em função de um acentuado gôsto dionisíaco.

Cremos que Euclides tem como primordial característica o sentido heróico e transcendente de tudo sôbre quanto escreveu. Daí a sua fôrça, que, extraída da própria terra e da sua gente, é o poema em prosa da raça. Dionisíaco como escritor, como poeta teria sido um condoreiro ligado sempre às mesmas visões do homem rude na sua incessante luta contra o meio.

E já que falamos em poesia, são de todo curiosos alguns sonetos de Euclides, datados de 1883, que traêm, ao lado do entusiasmo do adolescente, a ressonância, que persistia entre nós, das idéias importadas da Revolução Francesa de 1789.

A segunda metade de século vivida por Euclides da Cunha traduz o **cientificismo** imperante em tôdas as rodas ilustres. Liberalismo, em política; razão e positivismo, em filosofia; Grécia, sobretudo, em arte; anticlericalismo, e ainda positivismo, em religião, — são as tendências que, como idéias chaves ou linhas mestras, foram os sinais do tempo. Impregnado disso tudo, aos 14 anos Euclides compunha os sonetos de um caderno intitulado "Ondas", no qual se encontra tôda a mística do cidadão perfeitamente dono do Estado, do homem dominando a natureza pelo primado da ciência onipotente, de Deus, rei morto; ali, encontramos sonetos a Danton, Robespierre e Marat, a par do conflito entre a intelectualidade (revoltada embora não-revolucionária) dos bacharels e a burguesia, que já havia passado de classe dominada a classe dominante, instalada na livre concorrência econômica e ali conservada até as últimas consequências sociais da expansão da indústria mecanizada.

Do gôsto da época, era também o "culto do adjetivo", tanto mais que o Brasil dionisíaco já se projetava como um país de oradores, onde, muitas vezes, o patriotismo está menos no trabalho que nas comemorações. Do gôsto de Euclides, aliado aos afazeres de uma vida realmente trabalhosa — foi o adjetivo, que, como diria Boileau, ganhou nas suas mãos uma precisão não raro comovente e uma nova riqueza de significação. O culto do adjetivo, da harmonia da frase, da sonoridade do vocábulo, — fêz de Euclides um "torturado da forma". Prova isso um fato curioso que ocorreu quando da primeira edição de "Os Sertões". Publicada a obra, Euclides da Cunha, que se encontra em Lorena, vem ao Rio, a convite dos editores, para vêr o livro. Abre um volume e nota com espanto que uma crase e uma vírgula estavam mal colocadas. Aquela crase e aquela vírgula . . . , e já aqueles outros êrros . . . feriram-no profundamente em sua sensibilidade de artista. E foi então que Euclides, apressado, segurou a edição no prelo. Correu à tipografia de canivete e borracha na mão, e ali, diante dos operários estupefatos, começou a trabalheira gigantesca que só terminou após dias e noites de esfôrço incessante, com Euclides curvado sôbre os grossos volumes, a rasgar os êrros com a pontinha do canivete . . . Naqueles dias e noites Euclides raspou e emendou oitenta êrros em cada um dos dois mil volumes da edição, — num total de cento e sessenta mil emendas ! Narram êste fato, entre outros, Eloi Pontes (**Conferência** no Itamaratí, em 19 de agôsto de 1938) e Viriato Correia (**Entrevista com Euclides da Cunha** — "Ilustração Brasileira", n. 6, de 15 de agôsto de 1909).

Como autêntico dionisíaco, Euclides da Cunha imprimiu a "Os Sertões" um sentido de epopéia até hoje não igualado, ao menos em prosa, na literatura pátria. Realizou-se também através do seu amor à terra — porque nele é mais amplo o sentido pelo qual a vida do artista é o estado de chôque e a consequente sublimação do binômio "homem versus natureza". Se não entendemos que a arte possa resultar de outra coisa, senão dêsse estado de chôque, que inspira ao artista um esfôrço de superação, devemos convir que a "natureza", constante do binômio, tem um sentido mais amplo, mais profundo, no caso de Euclides. Talvez ela — natureza contra a qual Euclides lutou — seja o terrível quotidiano de um homem fadado a enfrentar a aspereza de viagens constantes, nas quais êle jamais poderia desfrutar a tranquilidade necessária a um trabalho absorvente como o da criação literária; talvez Euclides se realizasse em oposição à falta de vida afetiva, órfão de mãe desde aos três anos de idade, e, mais tarde, marido que não encontrou na espôsa a companheira desejada. Êstes fatores e outros, cuja indagação seria excessiva face aos limites e objetivos desta crônica, — teriam levado Euclides a procurar abrigo psicológico no insulamento dos exílios, na fuga a uma civilização cujo estilo de vida fim-de-século era decerto um tanto chocante ao seu temperamento introvertido.

Hoje, decorridos quase cinqoenta anos de sua morte, Euclides é visto, pelas novas gerações, em tôda a sua estatura. Dir-se-ia um gigante vestido ao gôsto da época, com tôda a pompa de seus exuberantes recursos de linguagem. Pois Euclides — grande "escritor do seu tempo" — existiria enquanto existir a língua que êle tanto amou e honrou com os imprevistos movimentos de suas frases lapidares.

Hoje, traduções em língua inglêsa fizeram de "Os Sertões" um **best-seller** nos Estados Unidos; hoje eu vos lembro aquele rapaz curvado sôbre cada um dos dois mil volumes da primeira edição de sua obra prima. Porque Euclides, como exemplo de trabalho, **é antes de tudo um forte**. Como um forte, levantou o Brasil, através do seu livro, à admiração das Américas; e o Brasil, neste mês de agôsto, que marca a tragédia em que morreu Euclides da Cunha, deve reverenciá-lo e fazer justiça a um dos seus mais ilustres filhos, procurando compreendê-lo em tôda a amplitude da sua grandeza.

Nheengariçáua Retamaúara

(HINO NACIONAL)

Versão TUPÍ do Hino Nacional Brasileiro pelo Dr. Farís A. S. Michaele, sugerida pelo Coronel do nosso Exército Arlindo Vianna, da cidade de Itajubá, Estado de Minas Gerais, reproduzido pelo C.N.P.I. (Conselho Nacional de Proteção aos Índios) orientado pelo seu secretário, Coronel Amilcar Botelho de Magalhães.

Cembuya Ypiranga çuí, pitúua,
Ocendú kirimbáua çacemoçú
Coaracy picirungára, cendyua,
Retama yuakaupé, berabuçú.
Cepy quá iauçéua çuí ramé,
Itayiuá irumo, iaporepy,
Mumutaraçáua, ne pyá upé,
I manoçáua oikô iané cepy.
Iaçaiçú ndê,
Oh moetéua
Auê, Auê !

Brasil, ker' pi upé, coaracyáua,
Çaiçú í çaarúçáua çuí ouié,
Mareú, yuakaupé, poranga,
Ocenipuca Curuçá iepé !

Turuçú reikô, ara rupí teen,
Ndê poranga, i santáua, ticikyié
Ndê cury qua mbaé-uçú, omeen.
Yuy moetéua,
Ndê remundú,
Reikô Brasil,
Ndê ixaiçú !
Mira quá yuy çuí, ndê cy catú,
Ndê ixaiçú,
Brasil !

Ienotyua catú pupé reikô,
Memiñ, partiçapu, quá ara upé,
Ndê recendy, potyr Amer' ca çuí.
I Coaracy omucendy iané !
Intí orekô purangáua pyre,
Ndê nhu soryçára omeen potyra pyre,
"Cicué pyre orekô iané caauçú"
Iané cicué, "ndê pyá upé, çaiçú pyre".
Iaçaiçú ndê.
Oh ! moetéua !
Auê, Auê !

Brasil, ndê pana iacy-tatá-uára
Toikô rangáua quá caiçú retê,
I quá-pana iakyra-tauá tonhee
Cuire catuama, ierobiára kuecê.
Çupí tacape repuama ramé
Ne nppáua omaranmihã,
Iamoetê ndê, intí iacekyé.
Yuy moetéua
Ndê remundú,
Reikô Brasil,
Ndê, ixaiçú !
Mira quá yuy çuí cy catú,
Ndê, ixaiçú,
Brasil !

Bibliografia

Dois Livros

O primoroso escritor fluminense Hélio Chaves, que há pouco tempo enriqueceu a literatura moderna do Brasil com o seu corajoso romance de costumes "Uma família burguesa", acaba de acrescentar mais duas valiosas obras à sua já de si esplêndida bagagem literária : "Céu de Espumas" (poesias) e "A escada do triunfo" (romance), dois livros destinados, por certo, a consolidar e ampliar ainda mais, o indiscutível e merecido prestígio do autor, no mundo cultural brasileiro.

Em "Céu de Espumas", escrínio contendo algo mais do que simples poesias, porque nêle se contêm idéias da mais alta valia, o poeta inspirado que é Hélio Chaves, "indiferente à turba que descurra da perfeição sonora de (seus) versos", proporciona aos seus leitores, talvez sem o querer, quiçá de propósito, um campo deveras vasto para o melhor exame de temas palpitantes e atuais, conquanto já focalizados bastas vêzes, por outros, mas sem o brilho e a beleza que a gente observa e sente nesse trabalho poético. O autor não se derrama em figurações de Utopia, como é comum, e parece que procura afastar-se dos domínios da Fantasia, a fim de expor o pensamento objetivamente e permanecer junto de nós, como uma criatura humana que, mesmo sob a influência de sua Musa, a impulsiona-lo para as encantadoras regiões do Sonho, teima no sentido eminentemente criador de sua obra.

Afastado de escolas que, não raro, perturbam o livre curso do pensamento e deturpam a perfeita manifestação de idéias, Hélio Chaves, com as suas poesias, prossegue o mesmo terreno antes palmilhado, já agora com concepções mais seguras, com motivos mais elevados e com razões mais belas e claras para o homem da rua.

Hélio Chaves, um grande poeta — "Céu de Espumas", um grande livro.

x x x

"A escada do triunfo", romance social, com Herculano e Maria da Graça magistralmente conduzidos como figuras centrais de uma história dolorosa, cheia de surprezas, é um livro que confirma a fôrça criadora do autor e põe em evidência, mais uma vez, a agudeza observadora de Hélio Chaves. Formando conflitos morais e espirituais cujo desenlace o leitor não esperava, o magnífico romancista do "Céu de Espumas" atrái, empolga, prende e domina completamente a quem lê o seu romance, e é aí, segundo me parece, que está e reside a segunda grande qualidade de romancista do Sr. Hélio Chaves, pois a primeira, a grande e a mais alta qualidade, conforme já tive oportunidade de dizer, está na forma sutil com que aborda problemas fundamentais para a sociedade contemporânea, embora use essa linguagem corajosa e bem posta que o torna um pensador que faz a gente pensar.

Com mais vagar, por intermédio de "Tapejara", pretendo formular juízo mais aprofundado em redor dêsse estupendo escritor que é o eucidedano fluminense Hélio Chaves, legítima glória das nossas letras.

DAILY LUIZ WAMBIER

"Todo brasileiro é mestiço, senão no sangue, pelo menos nas idéias".

Silvio Romero

Justo Sierra y la Universidad de Mexico

Por M. A. RAUL VALLEJOS
(Especial para TAPEJARA, del Brasil).

El maestro americano, historiador profundo de la evolución social del pueblo mexicano, distinguido hombre de letras y exquisito poeta don Justo Sierra Méndez (1848-1912), es a quien le debe la cultura americana, la restauración de la Universidad Nacional Autónoma de México. Resulta algo indiscutible la obra cultural de esta Universidad, la trascendencia de la misma y su proyección en el pensamiento hispanoamericano.

La inauguración de la misma se efectuó el día 22 de septiembre de 1910, siendo por ese entonces el pensador mexicano, Ministro de Educación y Bellas Artes. El doctor Alfonso Pruneda en su trabajo **Dados Históricos Sobre La Universidad Nacional Autónoma de México**, se refiere a la trascendencia del discurso pronunciado por don Justo Sierra y al valor de los conceptos vertidos en el mismo. (Ver: **Informes Sobre Datos Históricos y Estado Actual de La Universidad Nacional Autónoma de Mexico.** Imprenta Universitaria, México, 1949).

El discurso pronunciado al inaugurarse la Universidad Nacional de México, revelan claramente el pensafunción de la Universidad, tal como su autor la intermiento directriz de Justo Sierra y la estimación de la preta. El ilustre intelectual nacido en el puerto de Campeche el 26 de enero de 1948 y fallecido en Madrid, el 13 de septiembre de 1912, vertió en tal discurso, principios básicos que configuran la estructura de la Universidad moderna. Por nuestra parte, en este artículo comentaremos el fragmento del discurso publicado en **Armas y Letras**. (Boletín Mensual de la Universidad de Nuevo León, México, Año V, número 1, enero 31 de 1948).

Don Justo Sierra, advierte que la Universidad, produce ciencia e individuos cerebrales, pero ello no puede desembocar en la formación de una casta intelectual o científica. Por el contrario, propugna abiertamente que tales grupos, entren en contacto firme y abierto con la realidad humana, con la vida social de su momento histórico. Un alejamiento de esa naturaleza, por parte de los científicos universitarios y de las mismas ciencias, desconectadas del proceso humano de un país, es para el maestro de Campeche, una evidente desgracia.

Por ello, según el discurso pronunciado en la restauración de la Universidad, asevera que ella como organismo científico y docente no puede separarse del proceso histórico, ni de la realidad social de la tierra en la cual arraiga su existencia, como entidad superior de enseñanza.

Para el destacado catedrático de la Escuela Nacional Preparatoria, la Universidad está destinada a llevar a cabo una obra inmensa de cultura. Para tal fin, tiene que concentrar sus labores científicas y atraer las energías humanas para consolidar su acción social. Al mismo tiempo, tiene la exigencia de conservar su sello mexicano donde vive y perdura tal sentimiento, pero manteniendo siempre una estrecha vinculación con la cultura universal.

Y luego manifiesta que, la intelectualidad formada en los recintos universitarios, tiene que cultivar el amor puro hacia la verdad y el tesón frente a la diaria labor. Con ello se determinan las características definitorias y configurativas de una intelectualidad que se sostiene a través de la investigación científica, amor a la verdad y la perseverancia para el diario trabajo de aprender y de enseñar.

En el discurso que presenta riqueza de conceptos, declara el maestro mexicano nacido en el Puerto de Campeche, que, la Universidad tiene que apoyarse en su labor, en la investigación científica. Los mismos métodos que ella utiliza y difunde, como así también sus principios y consecuencias deben ser establecidos mediante la validez epistemológica y objetiva de la experiencia. Tal es el criterio que acerca de la Universidad, sostiene el autor de la **Evolución Política del Pueblo Mexicano.**

Por otra parte y como un aspecto vital de sus ideas acerca de esta cuestión, diremos que la Universidad tiene que vivir profundamente arraigada en el proceso de la cultura humana, tanto mexicana como americana y universal. Ello es una condición básica para que la Universidad, como instituto científico e investigador, concrete su labor educadora. Además, dentro de ese íntimo y estrecho arraigo con la cultura general, es preciso que mantenga y conserve la auténtica modalidad de la propia terra, donde se arraiga y se nutre de un pasado histórico, que arranca desde la instalación de la Real y Pontificia Universidad de México, fundada por Real Cédula de fecha 21 de septiembre de 1551.

Con lo que dejamos escrito quedan señalados los conceptos principales del discurso del maestro de América, Justo Sierra. Están presentes allí aquellas determinaciones ideatorias que trazan el sentido y la trayectoria de la Universidad moderna.

Hemos remarcado los conceptos más significativos del discurso pronunciado por el distinguido pensador mexicano, al restaurarse la Universidad Nacional de México; hecho que se trocó en bella realidad debido a su inmenso y sentido anhelo espiritual. Esos conceptos revisten un inestimable valor para estimar el criterio del autor de la **Evolución Política del Pueblo Mexicano,** ya que si bien en su discurso estableció los fundamentos directrices de la Universidad mexicana, al mismo tiempo, con su agudeza especulativa trazó las líneas fundamentales de la Universidad moderna, la cual orientada hacia la investigación científica y sus métodos, atiende también todas las exigencias inaplazables de la cultura humana.

El 19 de enero del año 1948, el Consejo Universitario de la Universidad de México, declaró a don Justo Sierra, Maestro de América, ya que por el valor de su obra intelectual y educativa, tiene sus justos merecimientos para ese elevado título. Y además, esa casa de estudios le es deudora de su restauración en el año 1910, siguiendo las directivas de las ciencias más evolucionadas y las corrientes más renovadas del pensamiento universal.

Nos permitimos expresar ahora que, en nuestro "Canto a la Universidad de México" (Imprenta de la Universidad Nacional del Litoral, Santa Fe, Argentina, 1949), exaltamos su vigorosa personalidad y elogiamos su trayectoria intelectual, a través de los siguientes versos:

Justo Sierra renovó su estructura
Y cambió con principios nucleares,
La época colonial, en sus pilares
Y sintió nueva vida, la cultura.

El insigne maestro americano
Forjó la Universidad moderna,
Donde brilla con su gloria eterna,
La solidez del pensamiento humano.

En estos términos elogiamos la insigne figura intelectual del maestro de América, pensador que con la fuerza de su inteligencia y su positiva acción educativa, siendo Ministro de Instrucción Pública y Bellas Artes, restauró la Universidad Nacional Autónoma de México, dándole nuevas trayectorias culturales y sociales, para mantener con todo su esplendor las ciencias positivas y las humanidades, en el mundo hispanoamericano.

Santa Fe (Argentina).

Valor do íncola como elemento étnico

(Conclusão da 2a. página)

Tapuios, aquele que habitava a terra e êste que a invadiu, é, desde logo, estabelecer um cruzamento.

Se volvêssemos, porém, a épocas ainda mais remotas, seríamos levados, talvez, à Atlântida, berço originário da expansão humana ocidental...

Ademais, a grande quantidade de sambaquis, existentes na costa brasileira, desde os magníficos depósitos do Pacoval em Marajó até os resíduos fósseis do Rio Grande, atesta a passagem de uma civilização, ou pelo menos de uma habitação muito antiga desta parte do país, enquanto outros restos das faldas andinas e do planalto central do Brasil, testemunha a existência de habitação mais ou menos coeva, naturalmente originária de outra fonte.

Essas considerações nos levam a crer que o íncola, ainda que como fator meramente físico, já é representante de cruzamentos anteriores...

Aparece, no entanto, mau grado os defeitos de contacto do europeu com o íncola já aqui apontados, no sertanejo, — representante mais fiel da origem indígena, — a par de traços físicos bem nítidos da presença do selvagem entre os ancestrais daquele, algumas características morais das antigas tribus.

É assim que acreditamos serem herdadas do íncola a hospitalidade e a lealdade do caboclo brasileiro. Além dêstes traços inconfundíveis, o zêlo pela família, notado tantas vezes entre os mestiços do Brasil e tão altamente expôsto na "Inocência" de Taunay, parece-nos um remanescente das velhas tradições de algumas tribus, como a dos Guaicurús, cujo cuidado neste particular ia ao extremo.

É notável, ainda, no íncola como no caboclo, a altivez desmedida de caráter; a indiferença acintosa pela punição que lhe impussessem, desde que fôsse consequência de falta, por êles praticada. A par dêste traço que não é simplesmente de tolerância e de resignação, mas de desafio e de insolência, tais indivíduos, tanto o íncola como o sertanejo, são levados à extrema revolta quando se pratica injustiça contra êles, quando se os trái, ou quando se os insulta.

Por êste caráter se vê bem que a ligação entre ambos é forte e que a indiferença que manifestam pelo castigo não é o produto de uma aprimorada educação cristã. Se o fôsse, não se revoltariam ante a injustiça, a traição, o insulto...

Êsses predicados trazidos ao tipo essencialmente brasileiro, não nas cidades, mas no sertão, são o atestado bem eloquente do valor do íncola como elemento étnico, no Brasil.

No Paraná, existindo ainda muitos representantes selvagens ou simplesmente indígenas, a considerar, elementos que já não encontrarão nas populações brancas, — como encontraram os seus avós — o fito mercantil de explorá-los, ou a intenção jesuítica de iludí-los e pervertê-los; é de esperar-se que, chamados à civilização pelo desinterêsse material e pelo espírito de associá-lo ao trabalho construtor do Brasil futuro, sem os defeitos criminosos de antanho, a fusão seja ainda mais proveitosa para as gerações de amanhã, porque mais vivos ficarão os vínculos de honradez, de nobreza e de coragem que caracterizam os índios do Brasil.

Notas e Notícias Culturais

(Conclusão)

Conquanto religioso espírita praticante, ninguém o excede em reverência a alheias opiniões, como ninguém o sobrepuja em erudição e índole combativa, quando preciso.

Os seus livros são inúmeros, sendo mais recentes: "Dante Alighieri, o último iniciado" e "Memórias de um Franciscano". No primeiro, o seu brilhante espírito nos expõe uma faceta não imaginada do grande vate italiano, exatamente a da complexa tessitura de estados dalma, que no imortal autor da **Divina Comédia** nem sempre foram suficientemente interpretados pelos exegetas de todos os tempos. É, portanto, livre que agrada mesmo aos religiosos mais afastados entre si. Já, nas "Memórias de um Franciscano" vamos observar outra modalidade de literatura, menos séria porém mais terna e humana, porque coincide com os momentos mais felizes do homem, quais os da adolescência. Beleza, simplicidade, espontâneidade, eis o conteúdo do volume.

Ao Snr. Arnaldo S. Thiago nossos parabéns pelo magnífico trabalho realizado.

"Vida de Júlia da Costa"

A Dra. Rosy Pinheiro Lima é uma das mais prestigiosas e talentosas escritoras brasileiras.

Conquanto não haja ainda publicado muitos livros, o seu renome, no entanto, já constitui justo motivo de orgulho para o Paraná. Quer como parlamentar, quer como jurista, ou ainda como poetisa, os seus escritos são de molde a colocá-la entre os mais conceituados intelectuais do nosso Estado.

Agora, é como biógrafa que ela se nos revela. "Vida de Júlia da Costa" é livro que se lê com o máximo interêsse e prazer espiritual, tantas lhe são as atrações, já de estilo, já do material reunido.

À Dra. Rosy, com o nosso reconhecimento, os parabéns sinceros e amigos.

"Cantigas de Meu Outuno"

O Snr. Virgílio Moreira é, sem dúvida, um mesmo consumado da arte de versejar. Não é de hoje que o conhecemos como grande burilador do verso e excelso artista do sentimento. Muitas e importantes lhe são já as composições poéticas, cheias sempre de fina inspiração e inesgotável viço.

"Cantigas de Meu Outuno", porisso mesmo, devêra chamar-se **de meu verão**, pois, nada aí encontramos que denunciasse declínio ou sequer intenção menos decidida de fazer frente aos inúmeros empeços da realidade apavorante. Ao contrário, seu brilhante e mavioso estro muito ainda promete, para glória de todos nós.

Ao Snr. Moreira, igualmente, as nossas felicitações.

Criada a Faculdade de Direito de Ponta Grossa

Por recente decreto do Exmo. Snr. Dr. Bento Munhoz da Rocha, DD. Governador do Estado, fica a cidade de Ponta Grossa dotada de mais uma Faculdade, a de Direito, resultado de um projeto do esclarecido e combativo Deputado José Hoffmann. Fica, assim, realizado mais um sonho de tantos pontagrossenses ilustres, como Dr. Mário Lima Santos, Dr. Oton Nascimento, Dr. Faris Antonio Michaele, Dr. Nivon Weigert, Dr. Raul Pinheiro Machado, Snr. Abilio Holzmann e tantos outros.

No próximo número, daremos mais detalhes a respeito.

NOTA — As poesias: **As Lenheiras e Piadoso Buy** são, respectivamente, de Brito Machado e G. P. Monti.

Notas e Notícias Culturais

Reitoria da Universidade de São Paulo (Departamento de Cultura e Ação Social) — Divisão de Difusão Cultural.

Edição do Jornal "Tapejara", de Ponta Grossa, dedicada a Euclides da Cunha

A Reitoria da U.S.P. acaba de receber do Sr. Dr. Farís Antonio S. Michaele, diretor do jornal "Tapejara", editado em Ponta Grossa, Paraná, pelo Centro Cultural "Euclides da Cunha", o número de setembro do referido periódico, dedicado quase inteiramente ao cincoentenário de "Os Sertões".

Essa edição comemorativa de "Tapejara", com 20 páginas cuidadosamente impressas, contendo farta colaboração sôbre o grande escritor brasileiro, bem como trabalhos pouco divulgados do próprio Euclides da Cunha, constitui expressiva homenagem à memória de um dos maiores vultos de nossas letras.

Sessão Cívico-literária em comemoração do "Independence Day"

Sob o patrocínio do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, realizou-se, no dia 4 de julho dêste ano, uma sessão comemorativa do dia da Independência Americana.

A referida solenidade, que foi celebrada no Salão Nobre da Associação Comercial, Industrial e Rural, gentilmente cedido pelo seu presidente, Vereador Arthur Nadal, contou com a presença de nossas dignissimas autoridades civís e militares, nas pessoas dos excelentíssimos Snrs. Dr. Isidoro João Brzezinski, Juiz de Direito da Comarca, Cel. Rosauro de Almeida, do Quartel General, e mais o Sr. Representante do Exmo. Snr. Gal. Joaquim Justino Alves Bastos, comandante da 5ª. Divisão de Infantaria.

Aberta a sessão, pelo Sr. José Hyanor Rodrigues, que concedeu a palavra ao orador da solenidade, Sr. Cyro Ehlke, tiveram os presentes a satisfação de ouvir uma belíssima peça oratória, trabalho do Sr. Prof. Meira de Angelis, que, por motivo de fôrça maior, não pôde comparecer. A seguir, houve declamações de poesias em língua inglesa pelas senhorinhas Lydia Schwansee e Freya Meyer, que foram demoradamente aplaudidas. Como continuação, foi cantado por alunos do Centro o hino "God Bless America". E, finalizando, o Sr. Hyanor Rodrigues dirigiu-se aos presentes em termos de vivo entusiasmo, saudando a grande data e convidando os mesmos a cantarem o Hino Nacional Brasileiro, o que foi feito com geral aprovação.

O Centro Cultural "Euclides da Cunha" homenageia Caxias

A figura ímpar do Duque de Caxias foi, êste ano, reverenciada como nunca. E que, povo e exército, aproveitando a coincidência de se estar cumprindo século e meio de seu nascimento, houveram por bem conjugar seus esforços por que se homenageasse condignamente a sua ilustre memória.

Em Ponta Grossa, por iniciativa do Exmo. Snr. Gal. Joaquim Justino Alves Bastos, foi realizada uma série de solenidades, havendo nas mesmas falado vários oradores tanto civís como militares, sempre com grande afluência de patriotas. Assim é que, após várias palestras e conferências, também o Centro Cultural Euclides da Cunha procurou emprestar sua pálida colaboração, através de uma sessão cívico-literária, realizada a 27 de Agôsto último, no Salão Nobre da ACIR, às 20,30 horas, à qual compareceram várias autoridades civís e militares e crescido número de pessoas, desejosas de aplaudir o orador da solenidade, Sr. Ottokar Haans, eulidiano de pod.

Constituida a mesa, o Sr. Presidente do Centro, Dr. Farís Michaele, convidou o Exmo. Snr. Gal. Joaquim Justino Alves Bastos para presidir à significativa sessão. Convidou, ainda, os Exmos. Snrs. Coronéis Dácio César, Aristides Leite Penteado, Adalberto Mendes da Silva e Rosauro de Almeida, além do Exmo. Snr. Juiz de Direito, Dr. Isidoro João Brezezinski, a tomarem assento à mesa. Aberta a sessão, fêz uso da palavra o Sr. Michaele, que saudou efusivamente o nosso Exército, mostrando a necessidade crescente de se unirem povo e classes armadas para o supremo bem do Brasil. Em seguida, o Snr. Thiago Gomes de Oliveira apresenta o conferencista da noite, que, durante mais de quarenta minutos, trouxe presa a atenção dos presentes, com fatos e acontecimentos relacionados com a vida do grande Cidadão-Soldado, o que lhe valeu prolongada salva de palmas.

Logo a seguir, fêz uso da palavra o Exmo .Snr. General, cuja Saudação a Ponta Grossa, vai reproduzida na primeira página desta edição, o que constitúi uma homenagem à sua brilhante inteligência e cordato espírito.

Finalizando, a convite do Dr. Farís, todos os presentes cantaram o glorioso Hino Nacional Brasileiro.

Ilustres Visitantes

Ponta Grossa, em Agôsto último, teve a honra de hospedar, por uns poucos minutos, vários intelectuais brasileiros que tomaram parte no II Congresso Brasileiro de Folklore, realizado em Curitiba. Aproveitando umas poucas horas de folga, vieram a Ponta Grossa para visitar as maravilhas de Vila Velha os seguintes congressistas: Snrs. Profs. Joaquim Ribeiro, Mário Ypiranga Monteiro, Batista Siqueira, Salema Garção, Wilson Rodrigues, Raymundo Gonçalves da Silva e Francisco M. Brandão.

Os ilustres visitantes, após rápida refeição, seguiram ao lendário local, acompanhados dos Snrs. Farís Michaele e Laudelino Gonçalves, tendo voltado entusiasmados com o que viram, fonte de inesgotáveis possibilidades para o nosso querido Brasil. Aos brilhantes confrades do Rio, Manáus, Belém e Nova Iguaçú os nossos agradecimentos pelo prazer espiritual que nos proporcionaram.

Prof. Dr. Eugen Relgis

Durante o mês de Agôsto último, esteve no Rio de Janeiro, acompanhado de sua Exma. Família, o Sr. Prof. Dr. Eugen Relgis, uma das mais altas expressões da intelectualidade européia.

Com residência fixa em Montevidéo, o erudito mestre rumeno vem, nestes últimos anos, desenvolvendo um trabalho intelectual dos mais fecundos e intensos, havendo já publicado inúmeros livros de grande interêsse e beleza, como: "Cosmometápolis", "Romain Rolland", etc., através dos quais mostra, de maneira clara, o seu incomparável idealismo e espírito de escol.

Ao eminente confrade os nossos agradecimentos de brasileiros e euclidianos, sempre honrados com semelhante companhia.

Semana Euclidiana

Como nos anos anteriores, o Centro Cultural Euclides da Cunha comemorou, com muito entusiasmo e brasilidade, a Semana Euclidiana, precisamente os seis dias que precedem a morte de seu augusto Patrono.

Durante seis dias, ocuparam o microfone da Rádio Clube Pontagrossense, tão competentemente dirigida pelos ilustres e compreensivos espíritos dos Snrs. Abílio Holzmann e Manoel Machuca, os seguintes oradores: Prof. Bruno Brei, Dr. Alvaro Augusto Recha, Prof. Pereira Martins, Dr. Ovídio Gaspareto, Snr. Daily Luiz Wambier e Dr. Farís Antonio S. Michaele, que abordaram, respectivamente, os seguintes assuntos: "À Margem da História", "Euclides da Cunha, Escritor de seu Tempo", "A Poesia de Euclides da Cunha", "Alguns Aspectos Econômicos dos Sertões", "A Obra de Euclides" e "Euclides da Cunha e alguns de seus Críticos".

Alguns dêstes trabalhos vão publicados nesta edição de "Tapejara". Além disso, no decorrer da referida semana, foram expedidos vários telegramas a entidades congêneres, bem como escritos vários trabalhos na imprensa local.

Centenário de Capistrano de Abreu.

No próximo dia 23 de outubro será comemorado, em todo o Brasil, o primeiro Centenário do nascimento de João Capistrano de Abreu, natural de Maranguape, Ceará, e, falecido, no Rio de Janeiro, a 13 de setembro de 1927.

Espírito dos mais lúcidos e perscrutadores, servido de invulgar erudição, êle soube transformar profundamente o sistema de pesquisas históricas no Brasil. "O Brasil no século XVI", "O Descobrimento do Brasil", "Capítulos de História Colonial", "Ensaios e Estudos", e "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", aí estão para atestar, eloquentemente, a respeito de sua capacidade de historiador. Mas, o seu talento não ficaria restrito a apenas esta modalidade de pesquisas, senão que iria também proporcionar-nos páginas admiráveis de filologia, crítica literária e, mesmo, linguística amerindia, como, por exemplo, "A Língua dos Caxinauás".

No próximo número de "Tapejara", ser-lhe-á prestada significativa homenagem.

Dia da Pátria e Dia de Ponta Grossa

A data magna do Brasil, 7 de Setembro, e a de Ponta Grossa, 15 de Setembro, foram entusiasticamente comemoradas em Ponta Grossa, havendo falado vários oradores euclideanos.

No próximo número de "Tapejara" daremos maiores detalhes, das referidas festividades.

Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos

O Instituto Brasil-Estados Unidos, do Rio de Janeiro, vem desenvolvendo uma das mais nobres e eficientes atividades, no sentido de maior aproximação entre os dois países americanos.

A sua incansável Diretoria, constituida de pessoas de renome social e cultural, tem empreendido vários cometimentos de real importância, como, por exemplo, a edição do **Boletim** e da excelente **Revista**, que nos têm sido continuamente enviadas, bem como a organização de novos cursos de línguas, concessão de bolsas para estudantes, etc.

O número da "Revista" que temos sôbre a mesa contém matéria farta e variada, constituindo, por isso mesmo, magnífico manancial de ensinamentos, no que tange à vida e cultura americanas.

Os nossos agradecimentos aos Snrs. Diretores do Instituto.

"Revista de Portugal" e "Ocidente"

O nome de Alvaro Pinto está intimamente ligado ao intercâmbio luso-brasileiro. Como Nuno Simões, José Osório de Oliveira e outros, o seu pendor pelas coisas da lusitanidade é inegável.

Acontece, porém, que o nosso conspícuo confrade mais longe leva o ideal de preservação das preciosidades de que somos depositários, brasileiros e portuguêses: dirige e mantem revistas de grande circulação, o que, por si só, já seria motivo para glorificação de qualquer intelectual, mórmente nos tempos que fluem.

A "Revista de Portugal" é das mais ilustres e completas revistas culturais de que temos notícia. De seu precioso conteúdo, destaca-se a secção dedicada à língua portuguêsa. São inúmeras páginas de sabedoria e espiritualidade, em que se evidencia, de maneira insofismável, o culto ao mavioso idioma que nos une, e que mereciam lida pela nossa juventude, tão falha de lastro cultural anda...

Realmente, o nosso entusiasmo pela obra do Snr. Alvaro Pinto só pode encontrar equivalência na gratidão que lhe manifestamos, pelo muito que tem feito pelo Centro.

"Política Trabalhista"

O Prof. Dr. Mário Lima Santos é, sem favor, uma das mais representativas figuras do magistério e da advocacia paranaenses.

Espírito incansável de mentor da mocidade e defensor intransigente do Direito, muitas e tenazes têm sido as suas salutares campanhas, em que sempre faz valer a sua aprimorada cultura e lúcida inteligência. Assim, iniciativa sua foi o Curso Noturno do Ginásio; iniciativa sua, também, a criação da Faculdade de Filosofia; como, por outro lado, à sua competente participação se deve o triunfo das campanhas pró-Faculdade de Farmácia e Odontologia, e pró-Faculdade de Direito. Mas, não fica aí a sua valiosa ação de cidadão prestante e imprescindível. Revela-se, igualmente, como "doublé" de jornalista e pensador político, como podemos verificar, através de seu livro "Política Trabalhista", recém publicado (Edições do Centro Cultural "Euclides da Cunha". São páginas de substanciosa e clara exposição, em que os mais angustiantes problemas da atualidade são examinados com segurança de mestre e ponderação de jurista consumado.

Problemas Sociais, Vultos do Partido Trabalhista Inglês, Problemas atuais, a Questão Sindical, a Situação dos Bancários, e o Conceito de Trabalhista são as partes em que se divide o útil e interessante livro do Dr. Mário Lima Santos.

Nossos parabéns ao erudito Mestre, com os nossos agradecimentos profundos e sinceros.

Museu dos Campos Gerais

O Museu dos Campos Gerais continúa a receber novas contribuições, consistentes em objetos indígenas e coisas dos reinos animal e mineral. Peças recebidas: 1 conjunto de arco e flecha, arte guarani, contribuição do Snr. Dr. Joanides Justus; 1 ninho de mhapim, gentileza do Snr. Fernando Belich; 1 machado de pedra, encontrado e doado pelo Snr. Nelson Carneiro Martins; 1 machado de pedra, doação do Snr. Carlos A. Domingues, de Guarapuava; 1 mão de pilão, de Ventania, Morro Azul, gentileza do Snr. Winston Gomm, residente em Curitiba; 1 machadinho de pedra polida, encontrado em Araucária, pelo Snr. A. Gayer. Estas três últimas peças foram encaminhadas ao museu pelo nosso valoroso e incansável confrade, Snr. João Henrique Domingues. Do Exmo. Snr. Dr. Isidoro João Brzezinski, DD. Juiz de Direito da Comarca, recebemos: 2 fragmentos de madeira petrificada; 1 bala usada pelos paraguaios, na sangrenta guerra contra a Tríplice Aliança; 1 apêndice espinhoso de peixe fluvial; 2 blocos de mineral. Do Snr. Evaristo Avais: 1 pedaço de minério aurífero, de Ouro Preto.

A todos, os nossos agradecimentos efusivos.

A Obra do Snr. Arnaldo S. Thiago

A obra do Snr. Arnaldo S. Thiago é das mais vastas e transcendentais. Dizemos isso, porque, efetivamente, qualquer que seja o setor em que procuremos analisar-lhe os escritos, sempre é certo encontrarmos o estudioso a investigar, pacientemente, os mais intrincados problemas da realidade e do universo, quando não o espírito cheio de luz e tolerância, a espargir ensinamentos e eliminar dúvidas. Eis porque, cada vez que temos em mãos um de seus trabalhos, o que primeiro nos chama a atenção é sempre a lucidez, objetividade e sólida fundamentação dos mesmos.

(Conclue na 19a. página)